



PUC
RIO

CID MERLINO FERNANDES

BERESHIT:
A CONSTITUIÇÃO DO APARELHO PSÍQUICO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, 9 de março de 2001.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 F363b TESE UC
Autor Fernandes, Cid Merlino
Título Bereshit



Ex.1 PUC-Rio - PUCB

00171558

CID MERLINO FERNANDES

Cid Merlino Fernandes

BERESHIT:
A CONSTITUIÇÃO DO APARELHO PSÍQUICO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Ana Maria Rudge

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, 9 de março de 2001.

109998

Bejd



T.V

*150
F363
TBR UC*

***"O cérebro é mole e fica dentro da cabeça.
Ele é rosa e protege o corpo com a memória."***

Rachel (4 anos)

PALAVRAS-CHAVE

- APARELHO PSÍQUICO

- ORIGINÁRIO

- FILOGÊNESE

- ONTOGÊNESE

- METAPSICOLOGIA

KEY-WORDS

- PSYCHE APPARATUS

- ORIGINARY

- PHILOGENESIS

- ONTOGENESIS

- METAPSYCHOLOGY

AGRADECIMENTOS

Tendo se passado vinte anos do término de minha graduação em Medicina, na bucólica cidade de Petrópolis, decidi voltar aos bancos universitários. O caminho até o Departamento de Psicologia da PUC-Rio foi aberto pela formação psicanalítica, realizada na Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro – SPCRJ, rica em debates, que proporcionou o aprofundamento teórico e a busca de novos caminhos. Fica, então, registrado o primeiro agradecimento, a todos os membros, em especial à Suelena Werneck Pereira que, com suas aulas, me mostrou um Freud pesquisador e mais humano.

O incentivo maior veio de Fernanda, a quem agradeço pela sólida mistura de amor e cumplicidade. Seu olhar acadêmico me ajudou a transformar fantasia em ciência. A ela dedico esta dissertação.

Um acontecimento em 1998 selou meu caminho. Indicado por amigos que sabiam de minhas intenções acadêmicas, chegou às minhas mãos o livro recentemente lançado de Ana Maria Rudge. A esta autora, que se tornou minha orientadora, agradeço o rigor acadêmico, dedicação e elegância que cunharam os incontáveis encontros, reais e virtuais, sem os quais, certamente, meu caminho teria sido muito mais árduo.

O grupo de pesquisa ratificou um aprendizado primevo, de que partilhar é a solução. Um carinho especial para Angela Lobo, Beth Juliboni, Marylink Kupferberg e Carla Sá Freire, que souberam, com maestria, criticar e incentivar.

Agradeço à PUC-Rio e ao Departamento de Psicologia a oportunidade de desenvolver meu projeto e a aquisição de amigos. Marise, Vera e Dudu chefiam esta tribo adorável.

Por fim, agradeço a meus pais, pelos traços em mim deixados, deflagrando um eterno processo de recapitulações.

RESUMO

BERESHIT: a constituição do aparelho psíquico

Concebido a partir da experiência clínica, este trabalho tem por objetivo redescobrir um Freud marcado por sua época e suas influências, destacando o aspecto evolucionista revelado em suas construções teóricas.

A importância dada por Freud à experiência infantil deu à Psicanálise um caráter singular e científico, destacando-o do evolucionismo clássico. A ontogenia e a filogenia, conciliáveis em seus escritos, promovem ao humano um olhar maior do que aquele compreendido entre o nascer e o morrer.

Tendo como eixo de análise a constituição do aparelho psíquico, é privilegiado um caminho que evidenciou os impasses criados em suas sucessivas elaborações. São destacadas as formulações de 1895, 1900 e 1923, pano de fundo para as discussões abertas a respeito da Metapsicologia freudiana.

ABSTRACT

BERESHIT: the constitution of the psyche apparatus

Based on clinical experience, this essay was written with the aim of rediscovering a Freud marked by his time and its influence, emphasizing the evolutionist and revealing aspects of his theoretical construction.

The importance Freud given to the experience of children offered to Psychoanalysis a unique and scientific characterization detaching him from the classic evolutionism. Ontogenesis and phylogenesis mentioned in his texts give to human being an importance bigger than that set between the birth and death.

Having the constitution of the psyche apparatus as the support of analysis, a path that showed the obstacles created during its sequential elaboration is chosen. Some texts from 1895, 1900 and 1923, provide a scenic environment in which the open discussion about the Freudian metapsychology were taken.

ÍNDICE

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| CAPÍTULO I - A ORIGEM DA FEITICEIRA | 6 |
| I.1 A Metapsicologia | 6 |
| CAPÍTULO II - SOBRE AS INSCRIÇÕES PSÍQUICAS | 12 |
| CAPÍTULO III - A HIPÓTESE DA FILOGÊNESE | 19 |
| III.1 A idéia de filogênese | 19 |
| III.2 O aproveitamento freudiano da teoria | 22 |
| III.3 A montagem do aparelho psíquico em Freud | 24 |
| III.4 Uma revisão da filogênese em Freud | 26 |
| III.4.1 Em torno do complexo de Édipo | 28 |
| III.4.2 As instâncias psíquicas | 29 |
| CAPÍTULO IV - SINGULARIDADE NA CULTURA | 38 |
| IV.1 A herança das gerações | 38 |
| IV.2 Supereu: uma breve visão | 41 |
| CAPÍTULO V - A CONSTITUIÇÃO DO APARELHO PSÍQUICO | 49 |
| V.1 A Mitologia do Projeto de 1895 | 49 |
| V.1.1 A pré-história do Projeto | 49 |
| V.1.2 O Projeto freudiano de 1895 | 51 |
| V.2 O modelo do Livro dos Sonhos (<i>Traumbuch</i>) | 64 |
| V.2.1 A mais valiosa descoberta | 64 |
| V.2.2 A correspondência com Fliess | 66 |
| V.2.3 Do neurônio ao virtual | 71 |
| V.2.4 O aparelho virtual de Freud – o esquema da 1ª tópica | 75 |
| V.3 Os impasses de um percurso | 86 |
| V.3.1 O percurso | 86 |
| V.3.2 Os impasses | 89 |
| V.4 O desenho do psiquismo de 1923 – a 2ª. tópica | 102 |
| CONCLUSÃO | 113 |
| BIBLIOGRAFIA | 120 |

INTRODUÇÃO

“בראשית ברא אלהים את השמים ואת הארץ”¹

“No princípio criou Deus os céus e a terra.”

“In the beginning God created the heaven and the earth.”

(Bereshit 1,1)

Segundo o Talmud², o Universo não teria sido criado senão pelo princípio ativo da criação – “*Reshit*”.

Ao analisarmos a primeira palavra da Torah, *Bereshit*³, em suas edições hebraica, inglesa e portuguesa, somos induzidos, pela expressão “*No princípio / In the beginning / No começo*”, a pensar na existência de um momento zero da criação. No texto original hebraico, entretanto, lemos a preposição “ב” (*be*), o que determina o sentido de “em um lugar indeterminado”, caso contrário seria escrito em sua variação *ba*, significando “em um lugar conhecido”. Contudo, uma particularidade da língua hebraica nos possibilita uma hipótese. Não existe o artigo indefinido no vocabulário hebreu: em suas traduções se utiliza ou não, o artigo definido (*o, the*). Isto posto, nos permitimos sugerir uma tradução possível para *Bereshit*, como “Num princípio...”, ao invés de “No princípio...”.

Esta pequena diferença nos interessa para que possamos postular a existência do começo criativo, imerso em algo pré-existente, indeterminado, não identificável, não datável, no qual o procedimento da criação vai ganhando formas e contornos, na e pela experiência entre criatura e o já criado, imersos num real da criação.

¹ Transcrição hebraica: *Bereshit barah Elohim et ha-shamaim veet ha-aretz* – No princípio criou Deus os céus e a terra – tradução do primeiro versículo da Torah (Antigo Testamento), segundo o Rabino Meir Matzliah Melamed.

² Livro sagrado judaico composto por comentários rabínicos da Torah (Pentatêuco).

³ *Bereshit*, também é o nome do primeiro dos cinco livros que compreende a Torah: Genesis.

O criador exerceria a função de regulador deste processo criativo sem nunca se presentificar. Pressupomos, com isso, que o ato da criação antecede a criatura. Mais do que um fato cronologicamente demonstrável, o Outro – propiciador da criação – já existiria como um real da criação, virtual, onde a criatura se situaria na região fronteira do real e do ato criativo. A possibilidade da constituição subjetiva estaria então apontada para um ato criativo – *Reshit* – onde a criatura pudesse ser articulada com esse Outro da criação.

Pensando na transformação do pequeno ser em humano como dependente de uma transmissão através da cultura, implicando a emergência de um ser num campo lingüístico, nos aproximamos da idéia de que, se o homem fosse apenas um ser biológico, estaria até hoje no paraíso deleitando-se nirvanicamente com aquilo que foi criado em conjunto com sua existência, como qualquer outro animal, porém sem vida criativa, sem rupturas, escravo daquilo que fora criado, sem desejar.

Esta passagem do tornar-se humano se dá por dispositivos pré-existentes, como a linguagem, que nos precede. Essa origem, não presenciemos, mas se encontra implicada "*Bereshit*" – desde "um" começo e não, como poderíamos apreender de sua tradução clássica, desde "o" começo.

Utilizando-nos de Deus como metáfora, no lugar do Outro, tesouro dos significantes, justificamos essa introdução da dissertação, marcando a diferença entre começo e origem.

Conjugando a paixão pela psicanálise e o enigma das origens, inicialmente pensamos em pesquisar um possível lugar para o originário nos escritos freudianos. Essa idéia surgiu ao depararmos com o uso freudiano de um dispositivo lingüístico da língua alemã, ao longo de toda sua obra. Todas as vezes que Freud se refere a algo da ordem do originário, utiliza-se do prefixo *Ur*, cunhando algo como

primevo, ancestral ou primitivo. Encontramos, como exemplo, as palavras *Urvater*, *Urszene*, *Urverdrängung*, *Urhorde*, *Urtrauma*, *Urangst*, *Urmensch*, *Urfixierung*, *Urtragödie*, *Urwort* etc.⁴ No trabalho de construção da metapsicologia, tendo a experiência clínica como fonte de inspiração, Freud utiliza este recurso de se referir ao primitivo, tanto no tocante às experiências psíquicas quanto aos aspectos constituintes do aparelho psíquico, sob a ótica do *a posteriori*.

Após serem investigadas, perceberemos que não havia uma equivalência entre elas que pudessem ser pesquisadas como um todo. Nesse ínterim, um novo objeto de estudo surgiu, que compreendeu todas as nuances originárias investigadas até então: **a constituição do aparelho psíquico.**

Tendo como eixo de análise as teorias elaboradas por Freud para o aparelho psíquico, faremos uma apreciação detalhada destes momentos, numa tentativa de rever os passos e impasses da construção e manutenção dos esquemas propostos, refletindo sempre, a cada impasse, a complexificação de sua teoria, como demonstram sua própria obra escrita e a de seus comentadores.

Para isso, inicialmente fizemos uma diferença entre princípio e origem, ressaltando a noção do *a posteriori*.

No primeiro capítulo serão descritas as bases em que Freud montou seu edifício metapsicológico. Desde seu primeiro aparecimento, em 1896, na correspondência com Fliess, a Metapsicologia foi elaborada para dar sustentação teórica às suas formulações. Ao querer ir mais além dos postulados psicológicos de sua época, muitas vezes as dificuldades no confronto com sua experiência clínica fizeram Freud convocar a "bruxa metapsicologia". Este primeiro capítulo aborda a

⁴ Pai primevo, Cena primária, Recalque originário, Horda primitiva, Trauma Originário, Angústia Primordial, Homem primitivo, Fixação originária, Tragédia Primitiva, Palavra primitiva, respectivamente. [tradução nossa]

razão destas convocações. Teoria, clínica e impasse constituem a tríade necessária para as suposições que o levaram até seus últimos escritos.

No capítulo 2, abordaremos o psiquismo sob a ótica das operações psíquicas. Ao considerarmos o diferencial prazer/desprazer, veremos que os resíduos mnêmicos deixados pelas primeiras experiências marcam as primeiras vertentes constitutivas, quando se estabelecem a defesa primária e a tentativa alucinatória. A prematuridade do ser humano é articulada com o desamparo, que introduz o papel fundamental da ajuda alheia, necessária ao processo de constituição subjetiva. Exposto às necessidades da vida, primariamente, temos um aparelho psíquico gerenciador de quantidades, criando os destinos pulsionais. Com isso, a organização pulsional do bebê é vista em sua interação necessária com o outro. O psiquismo é marcado por um conteúdo que nos levará ao terceiro capítulo.

Considerando a importância dada por Freud à filogênese, investigaremos a pregnância deste enfoque em seus escritos.

A utilização da filogênese como uma hipótese problematiza o cunho científico de determinadas afirmações, criando desdobramentos que revelam um Freud evolucionista. Ao propor uma história mítica para o homem, assim como ao inscrevê-lo na cultura, Freud se apropria das teorias de Darwin, Atkinson e Robertson Smith para descrever os impasses das relações entre machos e fêmeas na horda primitiva. Nesta abordagem, a idéia da inibição da satisfação pulsional imediata tira o homem da selvageria e o introduz na civilização.

A filiação filogenética enquanto matriz de traços experimentados por nossos antepassados faz-nos passar ao capítulo seguinte, abordando a perspectiva da ontogênese em seu papel determinante na construção da subjetividade, visto que,

para Freud, a constituição do psiquismo é inseparável da importância do papel das experiências infantis.

Neste capítulo, frisaremos o papel da cultura e da transmissão nas operações constitutivas da subjetividade. Destacaremos a figura do Supereu por sua importância nos processos de aquisição da herança ontogenética, como herdeiro do complexo de Édipo, traduzindo os tipos de vinculação entre pais e filhos. Sua intimidade com o Isso será ressaltada, revelando os rastros dos investimentos que o constituíram. O Supereu tem uma enunciação tardia nos escritos freudianos, porém procuramos marcar seus prenúncios desde seus primeiros artigos, nas referências a censura onírica, sentimento de culpa inconsciente, instância crítica e consciência moral.

Com essa fundamentação, abordaremos as montagens feitas por Freud para o aparelho psíquico, enfocando três momentos: 1895 (*Projeto*), 1900 (*Interpretação dos Sonhos*) e 1923 (*O Eu e o Isso*), contextualizando as formulações propostas e ressaltando, criticamente, os impasses que nortearam suas postulações.

Concluiremos a dissertação sublinhando a importância do estudo realizado e as possibilidades de continuidade que dele emergiram, posto que o tema não se esgota.

CAPÍTULO I - A ORIGEM DA BRUXA METAPSICOLOGIA

O estabelecimento do campo psicanalítico não se deu de pronto. As ficções conceituais originais se transformaram nos "conceitos fundamentais" que compuseram o que se convencionou chamar de edifício (*Bau*) metapsicológico.

Inicialmente situaremos as bases das construções metapsicológicas, enfocando alguns problemas epistemológicos encontrados por Freud para formular a montagem do aparelho psíquico, através de uma discussão a respeito do que é ficção e o que é ciência.

Tendo a experiência clínica como musa inspiradora, acompanharemos os passos da validação teórica de seus constructos.

1.1 A Metapsicologia

G. Le Gaufey⁵ apresenta um breve histórico dos usos da palavra "metapsicologia" por Freud. Seu primeiro aparecimento, datado de 13 de fevereiro de 1896, na correspondência com Fliess, revela-o como uma alternativa para falar dos processos psíquicos, frente à psicologia clássica de sua época. Em 2 de abril do mesmo ano, esse termo é adjetivado ao se referir às "questões metapsicológicas" e, em 17 de dezembro, também do mesmo ano, a Metapsicologia é oficializada como a forma mais adequada e própria para falar de suas construções e elaborações teóricas. Em 10 de março de 1898 a legitimidade científica é solicitada, fazendo com que Freud ratifique o estatuto de sua Metapsicologia como a forma que considera melhor para falar de uma ciência que explique os fenômenos psíquicos. Justificando que, se os psicólogos explicam os fenômenos psíquicos com referência à

⁵ Gaufey, Le G., *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*, no verbete "Metapsicologia", p. 338.

consciência, sua teoria, que privilegia o inconsciente, deveria se chamar "Metapsicologia"⁶, propõe descrição de um processo psíquico que apresenta, obrigatoriamente, três dimensões básicas: dinâmica, tópica e econômica.

Até que essas exigências de cientificidade tivessem sido estabelecidas, um penoso trabalho conceitual denunciava o ideal de Freud de chegar a inscrever suas descobertas no campo das ciências, requerendo um reconhecimento da psicanálise como tal.

Sobre o trabalho inicial de assentamento da Metapsicologia, algumas considerações devem ser feitas. Com o cunho de mito científico que marcou muitas de suas construções, Freud se apropria do termo "ficção" de uma forma muito particular. Embora esse termo tenha um compromisso com a irrealidade e a fantasia, Freud vai buscar nessa palavra um "coeficiente de incerteza",⁷ que lhe dá permissão de considerar uma construção como verdadeira, provisoriamente, ao mesmo tempo em que apresenta suas invenções a partir de hipóteses a que nada corresponde na realidade, mas úteis para dar conta do campo de fenômenos constituídos pela experiência psicanalítica.

A utilização da ficção tem um valor explicativo, epistemologicamente, dando origem a enunciados que se situarão entre a 'hipótese e a especulação'.⁸ Para Freud, a ficção é um recurso científico que o leva a buscar novas explicações na análise dos sonhos, em oposição aos fundamentos disponíveis no discurso científico clássico. Na *Interpretação dos Sonhos*, consta:

⁶ Ibidem.

⁷ Assoun, P.-L., *Metapsicologia Freudiana – uma introdução*, p. 57.

⁸ Idem, p. 58.

Seríamos, (...), obrigados a dispor de uma série de novas hipóteses (*eine Reihe neuen Annahmen*) que formam o edifício (*Bau*) do aparelho psíquico e o jogo de forças nele atuantes por meio de suposições (*Vermutungen*).⁹

O próximo passo é representar o aparelho psíquico com uma ficção, um aparelho composto de elementos chamados de instâncias ou de sistemas, em referência clara ao aspecto tópico. Freud propõe uma orientação espacial nos sistemas, uns em relação com os outros, utilizando-se, comparativamente, da metáfora de um telescópio. Este recurso ordena espacialmente os sistemas psíquicos. Desse modo, a excitação percorre esses sistemas numa seqüência estabelecida e temporalmente determinada, constituindo o que vem a ser chamado de processo psíquico.

O caminho percorrido pela excitação dentro dos sistemas deixa um trajeto marcado (facilitado) em sua passagem, desenhando assim o aparelho psíquico em formação. A primeira formulação deste aparelho é mostrada em um gráfico com duas extremidades – uma perceptual e outra motora – e com dois tipos diferentes de funcionamento, um inconsciente e outro consciente, sendo o pré-consciente visto como um “sistema tampão”.¹⁰

Com essa novidade, Freud dá um novo estatuto ao inconsciente que deixa de ser referido somente ao que não é consciente, ganhando assim, além do valor descritivo, o valor tópico. A partir do trabalho dos sonhos, a atividade inconsciente é articulada aos aspectos ficcionais e fundamentais metapsicológicos, processos que se dão em instâncias psíquicas distintas, diferentemente de como ocorre quando se tem a consciência como referência.

Com esses dados, uma arquitetura do aparelho psíquico é construída. Essa

⁹ *Idem*, p. 59.

¹⁰ *Idem*, p. 60.

montagem engloba as qualidades psíquicas dos processos mentais a partir do trajeto percorrido pela excitação (*Reiz*) como causa destas, podendo ser, em termos descritivos, consciente, inconsciente ou pré-consciente. Com isto posto, surgem problemas novos a serem resolvidos. O mais elementar é que este aparelho, para funcionar, deve permanecer vivo.

Fechner, inspirado em Herbart, funda a Psicofísica em 1860, procurando estabelecê-la como ciência exata, tendo a incumbência de enquadrar a descoberta de leis que ligam os processos físicos e fisiológicos aos fenômenos mentais. A premissa é de que os fenômenos mentais são da mesma ordem que os físicos, podendo com isso ser mensuráveis, dotados de quantidade e aplicados a eles as leis da matemática.¹¹

O aparecimento crescente do energitismo, capitaneado por Ernst Mach, com a introdução da noção de energia, influencia a concepção do aparelho psíquico vigente. A novidade é que, agora, compreende um sistema fechado que contém uma energia própria, mas há um tributo a pagar. Freud, influenciado por Helmholtz, submete seu aparelho psíquico às leis que regem todo e qualquer sistema fechado, qual seja: "*O princípio da conservação de energia rege que o total das forças (motoras e potenciais) permaneça constante em cada sistema isolado.*"¹² Esse enunciado tem a importância, captada por Freud na proibição a qualquer sistema natural, inclusive o psíquico, de se colocar em movimento por si só.¹³ Em 1892, o princípio de constância é formalizado por Freud em seus escritos, não sendo o aparelho psíquico, considerado por Freud, como um sistema isolado.

Essa nova concepção de aparelho psíquico tem que dispor de mecanismos

¹¹ Pereira, S. W., *Pulsões e origens da pulsão – A pré-história de um conceito*, dissertação de mestrado, p.45.

¹² Assoun, P.-L., *Metapsicologia Freudiana – uma introdução*, p.70.

¹³ *Ibidem*.

para lidar com os tipos de intensidades que incidem sobre ele, causadora das excitações. O ponto de vista econômico assim se faz presente acompanhando os problemas decorrentes desta formulação, que urgem por entendimento, explicação e solução. O principal problema que se estabelece é a necessidade deste aparelho dominar e eliminar as grandes quantidades de excitação que chegam até ele, tanto externa quanto internamente. Abordando esta problemática, encontramos sua teorização no *Projeto para uma Psicologia Científica*, de 1895. Na construção de seu aparelho psíquico, a emergência do ponto de vista econômico leva Freud a pensar que sua montagem ficcional fundamental (*Urfiktion*) deveria se apoiar num conceito também fundamental, o que lhe abre as portas para teorizar a pulsão. Buscando respaldo científico para mais uma ficção, encontra em Fichte uma fonte segura. Fichte teria usado a palavra *Trieb*, definindo-a como “*uma força interna que se determina ela mesma à causalidade. (...) um esforço que produz a si mesmo, que está fixado, determinado e é algo certo. O impulso (Trieb) deve ser sentido como impulso, isto é, como algo que não tem causalidade.*”¹⁴

Em *Pulsões e destinos da pulsão* (1915), ao teorizar sobre este conceito, Freud escreve que uma ciência deve ser constituída com base em “*conceitos fundamentais claros e definidos de forma decisiva*”. A atividade científica começa descrevendo os fenômenos, e somente mais tarde estes são agrupados em conjuntos e ordenados. As idéias constituintes dos conceitos fundamentais se ligam às convenções adotadas (*Konventionen*), que fundamentam a elaboração dos constructos. Esta seria a atividade da metapsicologia, catalizando as relações significativas daquilo que seria observável clinicamente.

¹⁴ Pereira, S. W., *Pulsões e origens da pulsão – a pré-história de um conceito*, dissertação de mestrado, p.29.

Estas redes conceituais encontram contradições possíveis. Desembaraçando-se delas, as conceituações podem se estabelecer como definições. A consequência útil para seu estudo é que, de posse das definições, surgem novas hipóteses, dependentes do aprofundamento e esclarecimento de seus conteúdos para revalidarem os conceitos formulados, num processo permanente.

Isto posto, pode-se pensar em conjugar a ficção com a metapsicologia sem que isso acarrete prejuízo para a teoria em construção, como aparece na analogia feita no texto *Uma nota sobre o 'Bloco Mágico'* (1924).

Ficção e crença não se confundem pois as hipóteses metapsicológicas têm o respaldo da observação clínica. Para qualquer hipótese formulada, uma conduta técnica se estabelece. Não sem razão, Freud declara que a experiência clínica é sua musa inspiradora, sendo que, para que possa avançar com sua teoria, deve convocar a "**bruxa metapsicologia**".

Tendo estabelecido o método de abordagem usado por Freud para a descrição dos fenômenos psíquicos, nos deteremos, detalhadamente, nas operações constituintes do psiquismo.

CAPÍTULO II – SOBRE AS OPERAÇÕES PSÍQUICAS

Antes do grito não há nada. Nada existe que possibilite alguma referência à experiência psíquica. Não há a marca da diferença. Não há qualquer experiência que possa oferecer elementos para a construção de um aparelho psíquico. É o grito que possibilita a primeira mensagem passada ao mundo. Este recurso inato de descarga de tensão, convoca a presença do outro (ajuda alheia). A partir deste encontro poderemos pensar em algum tipo de interação, mesmo que ainda não possamos pensar numa subjetividade.

O grito, ao estabelecer um circuito de descarga, uma via de eliminação de excitação¹⁵, promove uma primeira possibilidade de sentido, que se dá pela interpretação do adulto.

Pensamos o grito como anterior à experiência de satisfação, pois aí já se cria uma possibilidade de marca da diferença. Considerando que o externo precede o interno, a noção de desejo se ancora nessa argumentação do diferencial da experiência. O grito promove a anulação do desconforto, marcando assim, toda a possibilidade do desejar.

Considerando o diferencial prazer/desprazer como inato, na gênese desse aparelho a experiência de dor deixa como resíduo a defesa primária, como uma tendência a não reinvestir a imagem mnêmica deixada por essa experiência, constituindo a origem da repulsa. A experiência de satisfação deixa como resíduo

¹⁵ Gabbi Jr., O. F., *Notas Críticas sobre Entwurf einer Psychologie*, p.201. "O grito enquanto portador de um estado de carência passa a fazer parte do circuito de eliminação. Este circuito só se estabelece pela presença do agente prestativo. Por conseguinte, o grito quando passa a fazer parte desse circuito, já o faz enquanto decodificado pelo outro, enquanto portador de um sentido, que se expressa em uma psicologia científico-naturalista como um caminho preferencial de eliminação. (...) Mais um argumento para apoiar a tese de que necessariamente a vivência de dor tem que ser anterior à vivência de satisfação. A primeira recordação consciente é a associação estabelecida entre uma sensação de dor, uma imagem do objeto hostil e o grito."

uma marca que será reinvestida frente à falta, numa tentativa alucinatória, inicial, de buscar uma identidade perceptiva.

Em torno deste diferencial primordial, existirão duas grandes e únicas vertentes do futuro sujeito: evitar a dor e buscar a satisfação, obedecendo à série prazer/desprazer. O evitar a dor e buscar a satisfação organiza primitivamente um campo de sentido, dado pelo outro. A possibilidade de vida é dependente do adulto, remete esse pequeno ser a um destino de desamparo, constituindo os balizamentos do desejar. É pela privação que o outro se apresenta. É porque houve cessação da dor que o infante se põe a desejar, buscando indefinidamente a repetição da mesma experiência. Marcamos a experiência de privação da satisfação (sentida como despreazer) como a que irá conferir o registro da cultura àquele ser da natureza. É a condição de lhe faltar que o remete a desejar.

É nesse diferencial de ausência/presença que o aparelho psíquico vai se constituindo através de inúmeras experiências. O oscilar da escansão (ausência/presença) possibilita o deslizamento de sentidos às primeiras experiências. Segundo Leclair (1986), o corpo deve ser considerado "um primeiro livro" onde ficam marcadas as primeiras impressões (*Eindruck*). Essas impressões estão relacionadas ao momento primário da elaboração mnêmica, diferente da representação, que já é constituída como memória. O que este autor parece dizer é que as impressões realizadas nesses momentos primordiais se "escrevem" no livro do corpo, portanto, essas escritas são significativas, como qualquer escrita, mesmo que não saibamos lê-las. Com este entendimento, nem tudo que é sentido ou percebido entra na cadeia associativa.

Aqui, há uma contradição no texto freudiano ao sugerir que existiria uma memória perceptiva e uma memória de representações, apesar de afirmar,

contundentemente, que memória e percepção se excluem. A saída para este impasse é lançar mão da noção de impressão infantil (enquanto percepção), e de símbolo mnêmico (*Erinnerungssymbol*) em que se perpetua um acontecimento que, num *a posteriori* a reatualizaria, enquanto memória.

No olhar do adulto, o bebê é um sujeito unificado, porém, é mais do que isso. O bebê é inserido em seu mundo imaginário. Há aqui um tipo de antecipação do futuro do sujeito, em torno do qual o passado vai ser inaugurado. O futuro é constituído antes do passado. A figura materna porta uma função interpretante, possibilitando a passagem da pulsionalidade para a ordem da representação, permitindo a transposição das pulsões para o registro do representante-representação, formando assim, as inscrições originárias.

O adulto não aborda o recém-nascido como um ser constituído por um agrupamento de incorporados funcionando auto-eroticamente¹⁶. Embora o adulto o veja de uma forma totalizada, não é isso o que ocorre com o bebê. Nestes momentos iniciais, o funcionamento auto-erótico obedece a um regime de parcialidade e não de integração. Somente o narcisismo e a formação do eu inauguram uma imagem do corpo como totalidade. Originalmente, o prazer é fragmentário em função de um corpo parcializado, que é o corpo auto-erótico. As pulsões se satisfazem no próprio corpo, independentemente das funções vitais. A parcialidade das pulsões está compreendida neste raciocínio. A montagem erógena deste corpo se faz a partir do exterior, veiculada pelo outro que propicia experiências de satisfação sentidas como prazerosas. Essas experiências são as raízes da excitação sexual e, por conseguinte, fontes das pulsões, tal como Freud descreve

¹⁶ Sigmund Freud em "Pulsão e Destinos da Pulsão" (1915): [ao falar sobre as pulsões sexuais] "... são numerosas, emanam de grande variedade de fontes orgânicas, atuam em princípio independentemente umas das outras e só alcançam uma síntese mais ou menos completa numa etapa posterior."

nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, em 1905. Esses fragmentos experienciais, funcionando auto-eroticamente, formam um agrupamento de incorporados, num processo psíquico que toma como modelo a oralidade, mas não se limita a ela. A incorporação indica um procedimento de reter ou expulsar os objetos pulsionais, constituindo o protótipo da identificação, que será constitutiva do eu.

Enquanto decifrador das demandas pulsionais do bebê, o adulto possui um caráter integrador, narcísico e unificador dessa interação. Sob este ponto de vista, é oferecido a este pequeno ser um aparelho simbolizador, decodificador de suas primeiras experiências. As subseqüentes necessidades da vida (*Not des Lebens*) impõem a formação de um aparelho que manuseie toda a pressão (*Drang*) pulsional a que se está exposto nos primórdios da vida. Esta é a idéia de um aparelho psíquico gerenciador de quantidades que aparece nos primeiros escritos freudianos.

A idéia de dominação da excitação (*Reiz*) cria os destinos pulsionais. Neste contexto, Freud teoriza seu primeiro modelo de aparelho psíquico como um "aparelho de representações".¹⁷ Essas representações (*Vorstellungen-Repräsentanz*) serão entendidas como as marcas das experiências vividas que se inscreveram psiquicamente. Esses traços (*Spuren*) mnêmicos - inscrições psíquicas dos signos no sistema inconsciente - serão organizados pela simultaneidade e pela sucessão, segundo a *Carta 52* (1896).

A questão que aqui aparece foi da mesma ordem que representou para Freud um problema acerca de sua concepção tópica inicial. Temos um conjunto de experiências vividas pelo bebê, de impressões que aparecem na 1ª tópica, que

¹⁷ Esta idéia aparece claramente nos textos *Estudo crítico sobre as Afasias* (1891) e no "Projeto para uma Psicologia Científica" (1895).

deixam traços mnêmicos inconscientes mas, não sendo inseridas no código de linguagem, situam-se fora de um espaço de circulação de sentidos. Não estando inseridas na cadeia associativa, não constituem lembranças.

Uma das possibilidades de entender tal impasse, reside no entendimento dos destinos pulsionais que estão disponíveis nos momentos primordiais do indivíduo. A noção de corpo erógeno inicial, constituindo-se por mecanismos de incorporação, num modo de operação auto-erótico, permite à pulsão operar a partir de marcas que são da ordem do signo. O entendimento da compulsão à repetição está ligado a essas marcas que não entraram no plano da circulação dos sentidos, e portanto não têm acesso à rememoração, que buscam incessantemente o ingresso no universo representacional, para encontrar no final da operação uma possibilidade de sentido.

Um exemplo clínico de Freud, onde esta noção fica clara, se refere ao descrito em *A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920), onde é descrita uma tentativa de suicídio, uma forma de expressão pulsional, através da passagem ao ato, e não do discurso. Com este exemplo, identificamos um impasse na 1ª tópica. Nesta, com o registro sistemático do Inconsciente, a noção de um "transbordamento energético" de origem pulsional, não fazia sentido.

Isto posto, inferimos que existem marcas que são inscritas no espaço de circulação dos sentidos e outras que não têm inscrição. As primeiras são integradas à via associativa, ganhando um poder de significação mediado pela linguagem. As segundas necessitam de um outro tipo de operação para ganhar uma equivalência simbólica e, então serem inseridas num código de linguagem. Para estas últimas, a experiência analítica é o meio operacional por excelência, para que uma possibilidade de organização se efetue. Desse modo, o conceito de "construção" na obra freudiana ganha expressão na prática clínica.

O procedimento analítico tem como função dar conta daquilo que pode ser rememorado. Assim, o procedimento interpretativo ganha um caráter de decifração do sintoma. Todavia, compreendemos o trabalho da análise não reduzido a uma hermenêutica, mas ampliado para organizar aquilo que não pode ser rememorado porque não se ligou a uma rede de representações. Neste caso, mesmo dentro do registro do *Isso*, estas marcas não se inscrevem no universo representacional, no campo associativo. São marcas que escapam ao Princípio do Prazer, como marcas perceptivas (*Wahrnehmungszeichen*) sem relação de oposição, logo são puro signo. Para estas marcas, a transferência é o campo fértil para um trabalho de construção, referido àquilo que se repete na relação transferencial, captado pelo analista como ato.

O desdobramento dessa discussão nos remete ao que ocorre originariamente com as pulsões. A organização pulsional do bebê deve passar pelo adulto que o auxilia, através de uma função simbolizadora, a inscrever psiquicamente as suas experiências com o mundo (interno e externo). Neste circuito pulsional, mediado pelo corpo e a linguagem, haverá o trabalho de fixação da pulsão, por meio da erotização, dotando este pequeno ser de uma capacidade incipiente para se defender dos transbordamentos energéticos, com sua capacidade inata representada pela série prazer/desprazer.

O recalque (*Verdrängung*) na 1ª tópica aparece como um mecanismo fundamental da constituição do aparelho psíquico, fazendo uma clivagem. Antes disso, esse psiquismo é "um puro assento de pulsões"¹⁸. Apoiando-nos na 2ª tópica pulsional, que confere uma anterioridade ao *Isso* frente às outras instâncias, nos referimos a um momento mítico. As marcas originárias são o *Isso*. Seus resíduos

¹⁸ Rudge, A. M., *Pulsão e Linguagem – esboço de uma concepção analítica do ato*, p. 26.

são inconscientes e operam a partir do Isso. A possibilidade de memória estará diretamente ligada com as operações do aparelho psíquico.

Segundo Leclaire,

É a questão da natureza da conexão que se estabelece entre, de um lado, a experiência sensível e imediata de uma diferença de tensão na metáfora da energética freudiana e, de outro, o traço, rastro mnêmico ou inscrição, seja qual for sua natureza (...) que parece fixar o inapreensível da diferença e, pelo menos, permite reevocar e mesmo repetir o prazer que ela constituiu.¹⁹

A garantia que o recalque originário promove é a de não repetição da experiência originária, para que formações da ordem do desejo ponham este aparelho, clivado em sua origem, para funcionar no interminável desejar.

Freud se referiu em muitos artigos a um tipo de conteúdo psíquico a que atribuía a condição de herança filogenética do indivíduo. O indivíduo teria herdado a possibilidade de tornar-se humano. Veremos adiante a utilização freudiana da filogênese, assim como a influência do modelo evolucionista em suas construções teóricas.

¹⁹ Leclaire, S., *Psicanalisar*, p. 99.

CAPÍTULO III – A HIPÓTESE DA FILOGÊNESE

Em momentos distintos, Freud lança mão da hipótese filogenética para dar conta de alguns impasses criados na teorização da constituição do aparelho psíquico. A mesma hipótese é utilizada também como resposta aos questionamentos em torno do surgimento do sujeito e dos mecanismos originários aí implicados.

Como eixo de análise, retomaremos algumas passagens da obra de Freud compreendidas entre 1900 e 1940, destacando trechos onde a filogênese aparece como um recurso teórico. Apresentaremos também as argumentações de alguns autores que inspiraram Freud a buscar a filogênese como um respaldo científico.

Outrossim, faremos uma breve exposição do modelo evolucionista utilizado por Freud, como uma forma de sustentação para os recortes que aparecerão ao longo deste capítulo.

III.1 - A Idéia da Filogênese

Encontramos em Ernst Heinrich Haeckel (1834-1919) a origem de alguns termos utilizados até os dias de hoje, como: *filo*, *filogenia*, *ontogenia* e *ecologia*.²⁰

Formado em Medicina, Haeckel abandonou sua prática clínica em 1859, após ter lido *A Origem das Espécies*, de Darwin, tornando-se professor de Anatomia Comparada em 1862. Entre 1859 e 1866 pesquisou vários grupos de invertebrados, nomeando cerca de 150 novas espécies de radiolários durante uma viagem pelo mar Mediterrâneo. A partir destes estudos, Haeckel postulou a “Lei da

²⁰ Fonte de pesquisa: <http://www.ucmp.berkeley.edu/history/haeckel.html>

Recapitulação". Haeckel é acusado de não apresentar dados empíricos para muitas de suas idéias, o que não contribuiu para afirmar suas credenciais científicas.²¹

Viveu por um período em Jena, na mesma cidade de Goethe e foi bastante tocado por suas idéias e criatividade. Nesta mesma época, os alemães, também influenciados por Goethe e pelo pensamento hegeliano, acreditavam num aperfeiçoamento progressivo do homem que, desde o embrião, recapitularia um plano universal desse ideal de perfeição, ficando assim no topo da cadeia evolutiva. Em alguns momentos Haeckel se ^{Freud}distanciou de Darwin no que diz respeito ao aspecto das mutações e da seleção natural das espécies, aproximando-se mais do lamarckismo, que preconiza um papel de destaque para a herança dos caracteres adquiridos na filogenia. Neste ponto, Lamarck encontra um grande admirador e adepto de sua teoria, na qual o meio ambiente atuaria diretamente sobre os organismos, produzindo novas raças e não eliminando as mais frágeis, como queria Darwin. Ritvo (1992) nos esclarece:

Hoje os nomes de Darwin e Lamarck são facilmente identificados como representantes de duas teorias da evolução opostas. Normalmente supõe-se que o de Darwin significa evolução por seleção natural e o de Lamarck, a herança de caracteres adquiridos. Mas suas obras nem sempre foram interpretadas desse modo. Abstrair esses tópicos isolados das muitas teorias facetadas apresentadas por Darwin e Lamarck obscurece e até mesmo falseia suas diferenças e semelhanças (...) "as propensões lamarckistas de Freud eram muito lamentadas por vários de nós" [observação de Ernst Kris]. Referia-se, naturalmente, à inflexível insistência de Freud na herança de caracteres adquiridos.²²

Haeckel tem na divulgação da obra de Darwin sua razão de vida e, "na procura de precursores por toda a parte, atribuiu a teoria da descendência a Lamarck".²³

²¹ Idem.

²² Ritvo, L. B., *A influência de Darwin sobre Freud – um conto de duas ciências*, p. 47.

²³ Idem, p. 49.

A idéia central de Haeckel quanto à Filogênese é:

A ontogênese, ou o desenvolvimento do indivíduo orgânico; a série de mudanças de forma que cada indivíduo passa durante todo o período de sua existência individual, é imediatamente condicionada pela filogênese, ou desenvolvimento da linhagem orgânica (*phylon*) a qual ele pertence (...) Ontogenia é a rápida e curta recapitulação da filogenia, causada pelas funções fisiológicas de herança (reprodução) e adaptação (nutrição).²⁴

Esta idéia foi postulada na década de 1860,²⁵ com o nome de “Lei Biogenética”, sendo que sua primeira aparição data de 1872, no *Quarterly Journal of Microscopical Science*.

A teoria de Haeckel foi uma resposta a um pensamento que vigorou durante séculos. Desde Aristóteles,²⁶ afirmava-se que os embriões eram virtualmente informes no início e atravessavam três estágios diferentes, através dos quais adquiririam uma nova forma. Entre a teoria aristotélica e a haeckeliana, no século XVIII apareceu o “Preformacionismo”, pregando que, desde a concepção, os organismos já continham sua forma adulta completa, desenvolvendo-se com o passar do tempo. Na virada do século XVIII para o XIX esta teoria entrou em declínio, devido aos novos paradigmas que mudaram a forma da ciência ver o mundo não como algo pré-formado, mas como um processo dinâmico, em constantes e progressivas mudanças. O “Essencialismo”, vindo do “Romantismo”, estabeleceu-se junto com outras idéias do “Período das Luzes”, com a crença da unidade essencial do homem com toda a natureza.²⁷

²⁴ Haeckel, E. H., *A Morfologia Geral dos Organismos* – 1866 in: <http://www.geocities.com/capecanaveral/hall/6405/ontogenia.html>

²⁵ É datada, também, em 1860 a criação de um novo campo do saber, a Psicofísica.

²⁶ Primeiro grande zoologista de destaque.

²⁷ Podemos encontrar, por exemplo em Immanuel Kant a idéia de um plano da Natureza para o homem que não se restringe a sua vivência, mas à sua espécie, sendo guiado pela razão.

Na Alemanha, um determinado grupo de biólogos, conhecidos como “Filósofos da Natureza” (*Naturphilosophen*) postularam a proposta da recapitulação biológica, e que o homem seria o mais evoluído ser na face da terra. Toda a natureza deveria alcançar aquilo que, no homem, se encontraria reunido. Enquanto o homem, em seu desenvolvimento, vai alcançando os níveis mais complexos de organização, os outros seres “inferiores” se deteriam em um ou outro obstáculo de complexificação.

Haeckel aproveita as construções desses pensadores para defender o princípio ontofilogenético, onde o desenvolvimento individual recapitularia as fases do desenvolvimento da espécie. Neste sentido, é a ontogênese que reconstrói a filogênese, sendo exatamente a filiação filogenética que teria capacidade de ser o “mito da matriz dos traços”.²⁸

III.2 - O aproveitamento freudiano da teoria evolucionista

Ao lidar com as questões relacionadas à angústia de castração e o sentimento inconsciente de culpa, Freud incorpora em sua teoria enunciados de Darwin, Atkinson e Robertson Smith, para introduzir a idéia de uma passagem histórica da horda primitiva para a sociedade humana organizada por leis, ou seja, da natureza para a cultura.

A idéia de “horda primitiva”, procede de Darwin, que se refere a um momento em que os indivíduos se encontravam submetidos ao poder despótico de um macho, mais velho, que se apropriava das fêmeas e castigava ou afastava os mais jovens e as crianças.

²⁸ Kaufmann, P., *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*, p.208.

Em Atkinson, Freud encontra meios para dar continuidade à trama primitiva, acrescentando que, em outro momento, os machos mais jovens se uniram e se revoltaram contra o macho mais velho, o depuseram e o devoraram.

Da teoria totemista de Robertson Smith, Freud se apropria da tese de que, em seguida, a horda do pai deu lugar ao clã totêmico dos irmãos. A possibilidade de vida em comum sobreveio ao aparecerem acordos, nos quais cada macho renunciava às mulheres do clã, (embora por causa delas tivessem assassinado o pai), impondo a exogamia. O rompimento do poder paterno deu lugar às famílias baseadas na instituição, segundo o direito materno.²⁹ O que se seguiu, é assim descrito:

A atitude afetiva ambivalente dos filhos para com o pai se perpetuou durante toda a evolução posterior. Em lugar do pai, erigiu-se determinado animal como totem, aceitando-o como ancestral e espírito tutelar; ninguém mais o podia molestar ou matar; uma vez por ano, porém, toda a comunidade dos homens se reunia para o banquete em que o animal totêmico, em geral venerado, era esquartejado e devorado em comum. Ninguém tinha o direito de se excluir desse banquete, que constituía a repetição solene do parricídio pelo qual se haviam originado a ordem social, as leis morais e a religião.³⁰

Com essa descrição, Freud acrescenta à sua teoria um caráter recapitulacionista da constituição subjetiva, demonstrando todas as etapas por que a humanidade passou, em seu processo civilizatório, para a aquisição da linguagem.

A criatividade de Freud é demonstrada na apropriação do pensamento ontofilogenético haeckeliano, originalmente biológico, transpondo-o para o terreno da verdade histórica, viabilizada pela linguagem. "*Desse ponto de vista, o*

²⁹ Ibidem.

³⁰ Idem, p. 209, em referência a Sigmund Freud, em "Totem e Tabu" (1912).

*assassinato do pai não representaria outra coisa senão o surgimento de uma ordem significativa que sucederia ao absoluto de um fundamento do sentido.*³¹

Criando este mito científico a partir de suas leituras antropológicas, Freud teoriza a origem da cultura centrada na proibição do incesto, o elemento nuclear da trama edipiana, e cuja operação é o que caracteriza a cultura. Assim, o papel da ameaça de castração se torna um princípio organizador das gerações, bem como da diferença dos sexos.

Torna-se mais evidente o esquema filogenético de Freud quando, em seus escritos, se refere aos "*precipitados da história da civilização humana*", cujo exemplo mais conhecido é o complexo de Édipo. Estes precipitados têm por função organizar as impressões que aparecem ao longo da história do sujeito.

Cabe-nos agora destacar a influência do evolucionismo na montagem do aparelho psíquico.

III.3 - A emergência do aparelho psíquico em Freud

Desde suas primeiras formulações a respeito do aparelho psíquico, um modelo evolucionista é empregado, tendo como principal referência as hipóteses de Spencer, aplicadas anteriormente por Jackson no estudo científico do sistema nervoso.³²

Ao organizar os centros nervosos de acordo com suas funções, Jackson propõe que a evolução consiste na passagem do mais simples para o mais complexo e do mais ao menos organizado, permitindo novas aquisições.³³ O processo evolutivo oriundo de tal complexificação se faria por um acréscimo das

³¹ Ibidem.

³² Rudge, A. M., *O Conceito de Regressão na Teoria Freudiana*, p. 5.

³³ Idem, p. 6.

novas organizações, *"de forma que todas as etapas evolutivas anteriores ficam representadas no sistema nervoso."*³⁴

Em sua primeira montagem do aparelho psíquico, datada de 1895, os princípios evolucionistas de Darwin, Spencer e Jackson são aproveitados por Freud para compor a idéia de complexificação do aparelho por aprendizagem filo e ontogenética. Em suas considerações iniciais relacionadas aos sistemas de neurônios,³⁵ *"todas as fases anteriores de evolução filogenética estão preservadas nas camadas ou sistemas inferiores, que entretanto têm seu funcionamento inibido pelo controle imposto pelos sistemas superiores."*³⁶

Na segunda montagem do aparelho psíquico,³⁷ de 1900, os sistemas psíquicos são apresentados por Freud. A idéia evolucionista jacksoniana, onde tudo se aproveita e os processos superiores incorporam os inferiores, encontra ressonância neste modelo com a função da censura de inibir o acesso à consciência do material inconsciente, ou seja, *os processos psíquicos secundários têm como função a inibição dos processos psíquicos primários.*

Em seu terceiro modelo³⁸, Freud abandona a idéia de sistemas e adota a nomenclatura de "Instâncias" para falar do Eu, do Supereu e do Isso. O Isso seria o mais antigo e filogeneticamente mais antigo que o Eu, que dele deriva. A função do Eu é *"elevar os processos do Isso a um nível dinâmico mais alto e submeter à sua influência áreas cada vez maiores do psiquismo."*³⁹

A teoria jacksoniana se faz presente nos escritos freudianos ao serem adotados critérios formulados por Jackson a respeito da "dissolução", como o oposto

³⁴ Ibidem.

³⁵ Encontradas no texto freudiano "Projeto para uma Psicologia Científica", de 1895.

³⁶ Rudge, A. M., *O Conceito de Regressão na Teoria Freudiana*, p. 9.

³⁷ Descrita na "Interpretação dos Sonhos" (1900), no capítulo VII, por Sigmund Freud.

³⁸ Apresentado em "O Eu e o Isso", por Sigmund Freud em 1923.

³⁹ Rudge, A. M., *O Conceito de Regressão na Teoria Freudiana*, p. 11.

da evolução, estando este mecanismo responsável, pelas patologias do sistema nervoso. Este critério é encontrado na formulação freudiana a respeito da regressão topográfica, formal e temporal.

Uma vez situados quanto à influência do evolucionismo na obra freudiana, podemos agora rever alguns recortes nos escritos de Freud onde esta idéia ficou mais evidenciada.

III.4 - Uma revisão da Filogênese em Freud

Freud, em 1914,⁴⁰ destina o prefácio da terceira edição de seu texto *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), a "corrigir mal-entendidos". Esse ensaio, escrito a partir de sua prática médica, se destina a servir de base para o aprofundamento das questões relacionadas à investigação psicanalítica. Freud alerta que, em sua "teoria sexual", os fatores considerados acidentais ganham destaque frente aos disposicionais, e que o desenvolvimento ontogenético deve ser considerado antes do filogenético. Para melhor elucidar sua tese, Freud recorre a uma analogia. Assim como o disposicional aparece acoplado ao acidental, considerado como fruto da experiência do indivíduo, o filogenético se revela também relacionado ao ontogenético, como uma predisposição que se torna um "*precipitado de uma vivência prévia da espécie, à qual se vem agregar a experiência mais nova do indivíduo como soma dos fatores acidentais.*"⁴¹ Desta forma, os precipitados filogenéticos não têm valor determinante, tendo-se que levar em conta que a ontogênese repete a filogênese, apenas caso "*não seja modificada por uma vivência mais recente.*"⁴²

⁴⁰ Freud, S., "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade" (1905); Prefácio à terceira edição (1914), p. 123.

⁴¹ Idem. p. 124.

⁴² Ibidem.

Dentro do modelo evolucionista, uma "*disposição hereditária*"⁴³ resulta de uma resposta satisfatória dos movimentos musculares frente aos estímulos externos, desenvolvida com a finalidade de afastar os estímulos dolorosos, ter sido assimilada pela espécie. Esses mecanismos de evitação da dor servem para lidar com o mundo externo, diferenciando estímulos externos das estimulações vindas do interior do organismo, às quais o mecanismo de fuga não se aplica. Utilizando-se de um finalismo lamarckista, Freud pensa que por esse motivo, as pulsões obrigam o sistema nervoso a efetuar progressos, aumentando cada vez mais sua complexidade. Foi preciso um aparelho psíquico mais sofisticado para lidar com a sexualidade. Não é descartada a possibilidade de que as pulsões sejam, "*em parte, precipitados dos efeitos da estimulação externa, que no decorrer da filogênese ocasionaram modificações na substância viva.*"⁴⁴

Esta relação das pulsões com a filogênese vai reaparecer em 1917,⁴⁵ numa conferência onde Freud aborda as diferenças entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu. Ainda dentro dos limites da 1ª tópica, Freud considera as linhas de desenvolvimento do eu e da libido, ressaltando que ambas "*são, no fundo heranças, recapitulações abreviadas do desenvolvimento pelo qual a humanidade passou, desde as épocas mais primitivas, por longos períodos de tempo.*"⁴⁶ Sua proposição da origem filogenética para a aquisição e manutenção da libido é considerada válida pelo fato de que as condições que se impuseram ao primitivo permanecerem as mesmas até os dias de hoje, "*continuando a operar em todos os indivíduos*",⁴⁷ não havendo necessidade de operações criativas e sim, evocativas.

⁴³ Idem. "As Pulsões e seus Destinos" (1915), p. 140.

⁴⁴ Idem. p. 140 / 141.

⁴⁵ Idem. "Conferência XXII" (1917).

⁴⁶ Idem. p. 414.

⁴⁷ Ibidem.

Quanto às pulsões do eu (autoconservação), a própria realidade as ensina como seguir seu desenvolvimento, visto que a necessidade de objetos específicos de satisfação as torna mais "educáveis". O mesmo não ocorre com as pulsões sexuais pois, em seu início, estas não precisam de objetos da realidade, satisfazendo-se no próprio corpo, de forma auto-erótica. É importante ressaltar que mais tarde, em 1914, as pulsões de autoconservação deixam de ser vistas como puramente adaptativas, passando pelos mesmos problemas que as pulsões sexuais, já que se baseiam no investimento libidinal do Eu.

III.4.1 - Em torno do complexo de Édipo

No desenvolvimento de sua teoria, Freud postula que aquilo que se forma na meninice, "*em torno do quarto ou quinto ano de vida*"⁴⁸, somente revela o que já está dentro da criança, apontando para a possibilidade de uma estruturação prévia orientar o desenvolvimento da sexualidade nos moldes edípicos.

A Conferência 23, de 1917, focaliza a fantasia e a realidade, lançando a questão de qual das duas tem maior importância nos eventos da infância. Freud se pergunta também sobre a origem das fantasias e é qual sua fonte de material. A origem pulsional não é questionada, mas permanece, para ele, o enigma de por que as mesmas fantasias se formam, e com os mesmos conteúdos, nos diferentes indivíduos, em diferentes épocas. Considerando uma "audácia" em sua proposição, Freud faz referência ao acervo filogenético como responsável pela formação dessas fantasias, que chama de "primitivas". "*Nelas, o indivíduo se contata, além de sua própria experiência, com a experiência primeva naqueles pontos nos quais sua própria experiência foi rudimentar.*"⁴⁹ O material das fantasias recorrentes que

⁴⁸ Idem, "Conferência XXII", p.415.

⁴⁹ Idem. p. 433.

aparecem nas análises seria um enlaçamento, na vida do sujeito, daquilo que em épocas muito remotas fora realidade na primitiva família humana, ou seja, a sedução de crianças, a observação do coito parental e a ameaça de castração.

No ano seguinte às conferências acima citadas, no caso conhecido como *O homem dos Lobos*,⁵⁰ Freud faz uma analogia entre o medo de borboleta listrada de amarelo de seu paciente e o medo do lobo, já que ambos os medos se referiam, em última análise, ao medo da castração transposto para "*outra pessoa, a quem se destinava ligar-se, de acordo com o procedimento filogenético.*"⁵¹ Apesar do fato da ameaça de castração ter vindo das mulheres, o efeito provocado no paciente, provinha do medo de seu pai, como de um Deus cruel com o qual estaria lutando. Freud considera que o paciente estava simplesmente ajustando-se ao "*padrão filogenético*", acarretando a confirmação de que a herança triunfara sobre o accidental, pois na pré-história pessoal era "*indubitavelmente o pai*" quem proferia tais ameaças. Essa confirmação se baseia na demonstração de que, na história pessoal do paciente, as experiências não concordavam com o resultado.

A temática da herança fica ainda mais evidente poucos anos depois,⁵² na reformulação metapsicológica de 1923, que examinarei a seguir.

III.4.2 - As Instâncias Ideais

Na 2ª tópica para o aparelho psíquico, que se vale da segunda teoria pulsional, a diferença entre o que é consciente e o que é inconsciente ganha um caráter descritivo, passando a ser qualidades do que é psíquico. O inconsciente como sistema desaparece.

⁵⁰ Freud, S., "História de uma neurose infantil" (1918).

⁵¹ Idem, p. 121.

⁵² Freud, S., "O Eu e o Isso" (1923).

Toda a pesquisa em psicanálise é dirigida sobre o recalçado. Quando Freud se refere ao "*pensar em figuras*", destaca o fato que estaria mais próximo dos processos inconscientes do que o "*pensar em palavras*", sendo "*mais antigo que o último, tanto ontogeneticamente quanto filogeneticamente*".⁵³

Neste cenário científico, são descritas cada uma das novas Instâncias pormenorizadamente, na tentativa de determinar-lhes os territórios e fronteiras, suas ações, seus limites e suas origens. Ao se referir ao caráter, Freud descreve as dificuldades iniciais do Eu para lidar com os objetos. Importante afirmação é feita, em que o valor da identificação na constituição do Eu é promovida:

Pode ser que, através dessa introjeção, que constitui uma espécie de regressão ao mecanismo da fase oral, o Eu se torne mais fácil ao objeto ser abandonado ou torne possível esse processo. Pode ser que essa identificação seja a única condição em que o Isso pode abandonar seus objetos.⁵⁴

Cabe-nos ressaltar que, nesse momento da teoria, o Eu utiliza muito este recurso regressivo, formando seu caráter como um precipitado dos investimentos objetais abandonados, podendo propriamente estar nele, contida, toda a história das relações objetais do indivíduo, e de toda a escolha erótica feita ao longo de sua vida. Os efeitos que causam as primeiras identificações efetuadas têm um caráter mais duradouro e geral que as posteriores.

O Supereu, neste momento em que surge na teoria, apresenta-se como uma alternativa para dar conta da herança e da transmissão pelo viés da cultura. Em sua formação, o Supereu encobre a identificação com o pai da pré-história pessoal. O que fica em questão nesta postulação é a importância deste primitivo mecanismo, sem o qual a própria estruturação edípica não poderia ser realizada. Trata-se da

⁵³ Idem, p. 34 / 35.

⁵⁴ Idem, p. 43.

identificação primordial, que se faz "*mais primitivamente que qualquer catexia de objeto*".⁵⁵

A trama edípica encontra sua condição de possibilidade exatamente por esta identificação primordial ter se efetuado. O Complexo de Édipo gera então a formação de um precipitado do Eu, que une as duas identificações, a materna e a paterna, "*de alguma maneira*".⁵⁶

O Supereu é uma formação necessária ao processo de inserção do homem em sua espécie, pois sua formação não é fruto do acaso, mas da necessidade de guardar as influências parentais, "*perpetuando a existência de fatores a que [cada um] deve sua origem*".⁵⁷ Há, nitidamente, referência a um tipo de herança garantida pela possibilidade de existência de uma transmissão através das relações da criança com seus pais.

Ao abordarmos a formação do Supereu, por outro lado, identificamos uma relação estreita com a aquisição filogenética, através do que Freud chama de herança arcaica. Segundo o esquema apresentado em *Totem e Tabu* (1912 – 1913), a religião e a repressão moral foram oferecidas ao indivíduo através do complexo parental. Com a hipótese da filogênese, surgem questionamentos:

A questão é a seguinte: qual foi – o Eu do homem primitivo ou o seu Isso – que adquiriu a religião e a moralidade naqueles dias primevos, a partir do complexo paterno? Se foi o Eu, porque não falamos simplesmente que essas coisas foram herdadas pelo Eu? Se foi o Isso, como é que isso concorda com o caráter do Isso? Ou estaremos errados em fazer remontar a diferenciação entre Eu, Supereu e Isso a esses tempos remotos? Não deveríamos honestamente confessar que toda a nossa concepção dos processos do Eu não nos ajuda a compreender a filogênese e não lhe pode ser aplicada? ... A questão de saber se

⁵⁵ Idem, p.46.

⁵⁶ Idem, p. 49.

⁵⁷ Idem, p. 50.

foi o Eu ou o Isso que experimentou e adquiriu aquelas coisas resulta logo em nada.⁵⁸

Duas possibilidades se apresentam para encaminhar essa importante questão: segundo uma exposição psicogenética, pensamos o Isso vindo antes do Eu, já que este dele se diferencia pelo contato com a realidade externa. Mas, numa visão genealógica, o que é Isso já teria sido Eu, se levarmos em conta as gerações anteriores.

Freud diz que não se pode pensar em herança direta no Eu. Infere, porém, que apesar das experiências do Eu estarem perdidas para a herança, estas mesmas experiências, quando se repetem com frequência e intensidade consideráveis em gerações subsequentes, transformam-se em experiências para o Isso, conservando, por assim dizer, uma herança possível de ser identificada. Este pensamento leva em conta exatamente a idéia de a ontogênese recapitular, em linhas gerais, a filogênese.

Dessa maneira, no Isso, que é capaz de ser herdado, acham-se os resíduos das existências de incontáveis Eus; e quando o Eu forma seu Supereu a partir do Isso, pode talvez estar apenas revivendo formas de antigos Eus e ressuscitando-as. A maneira pela qual o Supereu surge explica como é que os primitivos conflitos do Eu com as catexias objetais do Isso podem ser continuados em conflitos com o seu herdeiro, o Supereu.⁵⁹

Mais tarde, surge em sua obra,⁶⁰ a idéia de que, pelo insucesso da economia libidinal no modo de funcionamento pré-ediapiano, o dispositivo recalcante entraria em cena com seu resultado estruturante. Outrossim, numa outra visão, o complexo

⁵⁸ Idem. p. 53.

⁵⁹ Idem. p. 53 / 54.

⁶⁰ Freud, S., "A Dissolução do Complexo de Édipo" (1924).

de Édipo "deve ruir porque chegou a hora para sua desintegração",⁶¹ e, essa passagem é vista como determinada pela hereditariedade.

Assim, apesar do conflito edípico ser vivido como uma experiência individual e recente, em termos ontogenéticos caminha "lado a lado com a filogenética, de conseqüências bem maiores."⁶² Desde o nascimento o complexo de Édipo já estaria pré-determinado para ruir, "assim como caem os dentes de leite".⁶³

Ainda dentro do contexto edípiano, dois anos depois,⁶⁴ ao escrever sobre a origem da angústia, Freud ressalta que o medo de ser punido pelo pai ganha um "reforço filogenético no medo de ser castrado".⁶⁵ O desdobramento desta trama leva o indivíduo a vir a temer seu Supereu, estabelecendo-se assim a consciência moral.

Em 1927, Freud aborda o "protótipo infantil"⁶⁶ que guarda uma continuidade com o desamparo da criança em relação aos pais. A equação amorosa com os pais faz aparecer um temor ao pai, que, como vimos anteriormente, encontra reforço num protótipo filogenético. O desamparo humano permanece, trazendo com ele o anseio pelo pai e pelos deuses, numa função reconciliadora que desemboca numa proposta civilizatória.

A atribuição de se tornar um ser moral e social depende do Supereu e do grau de internalização das diversas proibições à satisfação pulsional, impostas aos indivíduos. A renúncia à agressividade vingativa torna-se possível pelo mecanismo da identificação, "incorporando a si a autoridade inatacável". Freud postula uma condição etiológica de caráter universal, combinando os fatores constitucionais inatos e os da realidade histórica do indivíduo.

⁶¹ Idem. p. 218.

⁶² Ibidem.

⁶³ Ibidem.

⁶⁴ Freud, S., "Inibição, Sintoma e Angústia" (1926).

⁶⁵ Idem. p. 171.

⁶⁶ Freud, S., "O Futuro de uma Ilusão" (1927).

Essa articulação faz com que as reações agressivas mais primitivas sigam um modelo filogenético, em referência a um pai cruel da pré-história pessoal, portador de extrema agressividade. Com uma alusão ao aparecimento de uma consciência moral, Freud situa o aparecimento do sentimento de culpa no homem como decorrência do complexo de Édipo, mas primitivamente “*adquirido quando da morte do pai pelos irmãos reunidos em bando.*”⁶⁷

A temática do amor materno e a ameaça de castração continuam em seus escritos. Em 1932, destaca-se o fato de que a ameaça aparece de fora para dentro, quando o menino acredita em sua execução⁶⁸. Durante o período masturbatório, na fase fálica, tal castigo parece ganhar um reforço filogenético no menino. A ficção apresentada por Freud é que, nos tempos primevos, a castração fora praticada pelo pai cruel e ciumento. Ai estaria sua origem.

Anos mais tarde ao escrever sobre as reações aos traumas precoces que extrapolam a vivência infantil, Freud nos leva a concluir que estes devem estar relacionados a “*eventos filogenéticos*”.⁶⁹ O comportamento das crianças dentro da trama edipiana só seria inteligível se aceitássemos sua ligação com as experiências das gerações anteriores, filogeneticamente:

... a herança arcaica dos seres humanos abrange não apenas disposições, mas também um tema geral: traços de memória da experiência de gerações anteriores. Dessa maneira, tanto a extensão quanto a importância da herança arcaica seriam significativamente ampliadas.⁷⁰

Aqui, Freud faz uma distinção entre o que é herdado por traços de memória

⁶⁷ Freud, S., “Mal-Estar na Civilização” (1930[1929]), p. 155, em referência a “Totem e Tabu” (1912-1913), p. 17.

⁶⁸ Freud, S., “Conferência XXXII”, (1932 – 1933).

⁶⁹ Freud, S., “Moisés e Monoteísmo”, (1939 [1934-1938]), p. 121.

⁷⁰ Idem., p. 120.

das experiências vividas pelos antepassados e a herança transmitida pela comunicação, concluindo que não se pode imaginar um sem o outro.⁷¹ Assim, a importância da linguagem fica reafirmada. Dessa forma, torna-se possível lidar com os povos como indivíduos neuróticos, transpondo uma grande lacuna entre a psicologia individual e a de grupo:

Sendo certo que, atualmente, não temos provas mais fortes da presença de traços de memória na herança arcaica do que os fenômenos residuais do trabalho da análise que exigem uma derivação filogenética, ainda assim essas provas nos parecem suficientemente fortes para postular que esse é o fato. Se não for, não avançaremos quer na análise quer na psicologia de grupo. A audácia não pode ser evitada (...) não hesito em declarar que os homens sempre souberam (dessa maneira especial) que um dia possuíram um pai primevo e o assassinaram.⁷²

Segue-se um questionamento óbvio a respeito das condições em que essa recordação ingressa na herança arcaica e de como pode se tornar ativa, passando do estado de inconsciência do Isso para a consciência, mesmo que alterada e deformada. A mesma fórmula anteriormente descrita responde à questão: caso um acontecimento seja forte o suficiente e se repita com frequência. A possibilidade de se tornar ativa na consciência dependerá também de acontecimentos recentes na história de vida da pessoa (ontogênese). Freud cita Schiller, com a frase: "*Was unsterblich im Gesang soll leben, muß im Leben untergehen*".⁷³

Em uma obra mais tardia,⁷⁴ os sonhos são enfocados como fonte de dados filogenéticos, que não foram originados nem na vida adulta nem na infância de quem sonha. Sobre este conteúdo do sonho, Freud diz que:

⁷¹ Idem, p. 121.

⁷² Ibidem.

⁷³ Idem, p. 122, citando Schiller em *Die Götter Griechenlands*, cuja tradução proposta pelo editor é: "O que deve viver imortal na canção, tem de perecer na vida".

⁷⁴ Freud, S., "Esboço de Psicanálise" (1940 [1938]), p. 193.

Somos obrigados a considerá-lo parte da herança arcaica que uma criança traz consigo ao mundo, antes de qualquer experiência própria, influenciada pelas experiências de seus antepassados. Descobrimos a contrapartida desse material filogenético nas lendas humanas mais antigas e em costumes que sobreviveram. Dessa maneira, os sonhos constituem uma fonte da pré-história humana que não deve ser menosprezada.⁷⁵

Neste mesmo trabalho, ao se referir à relação com a mãe, Freud infere que em ambos os sexos, independentemente da criança ter sido ou não amamentada pela mãe ou por uma ama-de-leite, muito ou pouco, irá ter a convicção, "*depois de desmamada, de que sua amamentação foi breve e muito pouca.*"⁷⁶ Freud conclui que a filogênese leva a melhor sobre as condições acidentais, ressaltando, mais uma vez, a existência de algo prévio que ordena as experiências individuais, no sentido de equacionar certas pré-condições do se tornar humano.

Apesar de todas as diferenças possíveis entre o Isso e o Supereu, ambos indicam a relação com o passado: o Isso, com a influência da hereditariedade, e o Supereu, com a influência das outras pessoas. Ambos estão em oposição ao Eu, que é determinado pelas experiências individuais e está sujeito às situações fortuitas e contemporâneas na história da pessoa. Mais uma vez, é abordada a íntima relação do Eu com o Isso, com referência às suas origens comuns quando, num começo, não havia distinção entre eles. O Complexo de Édipo é mencionado, em relação a este aspecto, com a ameaça da castração que avilta o narcisismo infantil interligando uma confluência entre o perigo primevo e o perigo contemporâneo, fazendo com que a criança, em suas tentativas de se defender de tal ameaça, recalque.

Em suas últimas referências ao tema deste trabalho, ainda em 1940 no *Esboço de Psicanálise*, Freud assinala:

⁷⁵ Ibidem.

⁷⁶ Idem. p. 217.

... que o Isso, com suas tendências herdadas, representa o passado orgânico, e que o Supereu, que vem a juntar-se a ele posteriormente, representa, mais do que qualquer outra coisa, o passado cultural, que a criança tem por assim dizer, de repetir como pós-experiência durante os poucos anos do início de sua vida. É pouco provável que essas generalizações possam ser universalmente corretas. Alguma parte das aquisições culturais indubitavelmente deixou um precipitado atrás de si no Isso; muita coisa do que é contribuição do Supereu despertará eco no Isso; não poucas das novas experiências da criança serão intensificadas por serem repetições de alguma primeira vivência filogenética.⁷⁷

A herança filogenética, vista dessa forma associada ao vivido, ganha uma perspectiva dinâmica e interativa que remete à constituição no seio da cultura. Encontramos em Freud uma citação de Goethe, que catalisa essa visão: *"Was du ererbt von deinen Vätern hast, Erwirb es, um es zu besitzen."*⁷⁸

O "tornar seu" nos remonta à idéia de um processo constitutivo que coloca o indivíduo no centro de sua cena numa forma singular, que passamos agora a enfocar, evidenciando a dimensão intersubjetiva e a importância da cultura.

⁷⁷ Freud, S., "Esboço de Psicanálise" (1940[1938]), p.236

⁷⁸ Op. cit., p. 237. Tradução proposta pelo tradutor ao fragmento de Goethe, em *Fausto*, na parte I, Cena I: "Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo como teu."

CAPÍTULO IV – SINGULARIDADE NA CULTURA

IV.1 - A herança das gerações

Considerando o processo de devir como um conjunto interminável de procedimentos constitutivos operantes no sujeito, e tendo abordado os aspectos filogenéticos, ressaltaremos um outro eixo de análise: o da cultura e da transmissão.

Os escritos freudianos nos mostram que o acultramento se dá com a renúncia aos prazeres imediatos, com a operacionalidade do princípio de realidade e com a proibição ao incesto. Fazendo frente às operações regidas pelo princípio do prazer, impõe-se uma forma adiada no caminho para a satisfação. Esta injúria narcísica tem que ser mediada. Campos (1999), aponta:

Em 1927, Freud assinala que as primeiras renúncias pulsionais agenciadas pelo supereu vêm a ser uma "vantagem cultural muito preciosa", visto que só assim se constituem seres morais que se transformarão "de opositores em veículos da civilização" (...) o grau de civilização pode ser medido pelo número de indivíduos que realizaram esta renúncia, e pelo nível de internalização da coerção externa que caracteriza o supereu.⁷⁹

A proibição das satisfações imediatas por intervenção do princípio de realidade se acrescenta à vida destes indivíduos, num plano que só pode ser realizado na cultura. Neste âmbito, só podemos falar da cultura intermediada pela atuação de alguém, o adulto, que a porta e a transmite à criança. Daí o processo de constituição subjetiva, obrigatoriamente, implicar na presença de um outro ser humano. Esta nova função dada ao adulto já não compreende mais somente o papel de provedor, suporte das funções vitais para a criança. Amplia-se, para ostentar sua importância nas operações que constituem o infante como um ser cultural.

⁷⁹ Campos, C. A. G., *O Supereu e o Amor: da metapsicologia à transferência*; dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia, na PUC-Rio, em agosto de 1999, p. 40.

operações que são teorizadas como formadoras do aparelho psíquico. Nada mais se passa de uma forma puramente passiva ou ativa na relação que se estabelece com o infante. Uma nova linguagem se estabelece - a da sexualidade, onde adulto e criança vão interagir para que haja a constituição do sujeito.

Nesses momentos originários, passado, presente e futuro se confundem na dimensão do desejo do adulto que pressiona o pequeno ser a se humanizar. O fato de a linguagem, enquanto portadora da cultura, preexistir ao sujeito, nos leva a crer que algo preestabelecido já se impõe.

Quando lemos nos escritos finais de Freud⁸⁰ a existência de um passado cultural, imediatamente identificamos um passado histórico, fatural, mas também um passado que serve de meio pelo qual a inserção na cultura se fará possível.

Isto posto, abordaremos as considerações singulares e as universalizantes sobre o processo de subjetivação na perspectiva de Freud.

Tendo os aspectos universalizantes sido abordados na referência às fantasias originárias de cunho filogenético que vimos anteriormente, passemos aos aspectos singulares, que ainda compreendem uma dupla abordagem. Podemos falar de uma singularidade temporal, referindo-nos a uma série de eventos históricos relacionados à ontogenia, que marcam a vida do sujeito. Neste campo, incluímos o acaso como fator constituinte em referência às marcas e sentidos oriundos da vivência infantil e das relações com os pais. Assim, além de seu compromisso com a espécie, devemos ressaltar, numa outra abordagem, a tradição familiar transgeracional de onde este indivíduo emergirá como sujeito desejante. Campos (1999), escreve:

Além das qualidades dos pais, estão sempre presentes no supereu todas as influências ambientais. Freud chega a citar as características da classe social e as tradições raciais parentais. É por esse viés que Freud valoriza o papel do

⁸⁰ Freud, S.. "Esboço de Psicanálise", (1940 [1938]).

supereu como veículo de transmissão dos valores de uma cultura, dizendo que o mundo externo "no qual o indivíduo se descobre exposto, após desligar-se dos pais, representa o poder do presente; que o isso, com suas tendências herdadas, representa o passado orgânico, e que o supereu, que vem juntar-se a eles posteriormente, representa, mais do que qualquer outra coisa, o passado cultural"⁸¹

Portanto, conferimos ao Supereu este tipo de transmissão, na medida em que esta instância catalisa aquilo que do passado dos pais se torna realidade presente, pela mediação da linguagem. Nesta separação esquemática, englobamos aquilo que dos pais foi dos seus pais, que foi dos pais dos seus pais e, assim sucessivamente, constituindo um tipo de herança que banha a criança em seu caminho ao narcisismo.

Apesar de ser nomeado em 1923,⁸² pode-se apreender o Supereu nos escritos iniciais de Freud, antecipado com as noções de censura onírica,⁸³ sentimento de culpa inconsciente,⁸⁴ instância crítica, consciência moral e Eu ideal/Ideal do Eu.⁸⁵ Mesmo assim, em 1923, sua conceituação encontra-se indistinta do Ideal do Eu, sendo demarcada em 1933,⁸⁶ quando o Ideal do Eu é anunciado como constituindo somente uma das funções do Supereu, não merecendo o estatuto de Instância, junto ao Eu e ao Isso.

O Supereu, tradicionalmente visto como o herdeiro do complexo de Édipo, como assinala Freud, reproduz as bases do vínculo pais-filhos, representando tanto

⁸¹ Idem. p. 44.

⁸² Freud, S., "O Eu e o Isso" (1923).

⁸³ Freud, S., "A Interpretação dos Sonhos" (1900).

⁸⁴ Freud, S., "Atos obsessivos e práticas religiosas" (1907).

⁸⁵ Freud, S., "Sobre o Narcisismo: uma introdução" (1914-1915).

⁸⁶ Freud, S., "Novas conferências introdutórias sobre psicanálise" (1933[1932]).

a internalização das renúncias às primeiras escolhas objetais feitas pela criança, como as idealizações destes pais. A partir disso, questionamos junto com Mayer (1989):

Se o Supereu é o resultado do interiorizado, através das primitivas e significativas relações do indivíduo com seus genitores, seria de esperar que a relação Supereu-Eu reproduzisse as características dos vínculos pais-filhos. Entretanto, Freud observou que geralmente não ocorria assim. O corrente era, segundo ele, que os pais eduquem seus filhos de acordo com a pauta de seus ideais. "Assim o Supereu da criança não se edifica, na verdade, segundo o modelo de seus genitores, mas segundo o Supereu deles; se enche do mesmo conteúdo, torna-se portador da tradição, de todas as valorações perduráveis que se reproduziram por este caminho ao longo das gerações." Mas se isto fosse assim, então dificilmente poder-se-ia conceber o Supereu como precipitado de identificações secundárias, como restos de antigas cargas de objeto, visto que a transmissão direta de Supereu-Supereu excluiria essa possibilidade (...) entendo que existe uma diferença radical entre as normas e valores que se interiorizam por essa via, que bem poderíamos assimilar às identificações primárias, e as que se encarnam por via das identificações secundárias.⁸⁷

Pretendemos identificar, nos escritos freudianos, a possibilidade de um aspecto do Supereu que norteie esta conceituação. Contudo, cabe-nos ressaltar que não serão abordados os aspectos constituintes do Supereu, em meio ao dilema edípico e outras vertentes, que possam dar ao Supereu uma função de transmissão.

IV.2 - Supereu: uma breve visão

A presença de uma censura, de uma instância que observa e pune é identificada como um ponto central na teoria freudiana. Ao redor dessa instância o indivíduo vai lidar com a realidade objetiva e a realidade psíquica, perpassada pelos seus desejos.

Neste contexto, tardiamente em sua obra, em 1923, Freud nomeia uma instância de Supereu, com funções e gênese muito complexas, que ora nos orienta

⁸⁷ Mayer, H., *Voltar a Freud-- da teoria do narcisismo à clínica psicanalítica*, p. 58.

para o embate com a realidade, ora nos remete para a cultura, no processo de renúncias e aquisição da linguagem, no processo de humanização.⁸⁸

Como centro da reflexão freudiana, tanto teórica como prática, o Supereu irá permear toda a abordagem da estruturação psíquica.

Sua gênese é controvertida, havendo autores⁸⁹ que o remetem à pré-história do sujeito, enquanto que Freud a situa na dissolução do complexo de Édipo.

Considerando os primeiros aparecimentos no texto freudiano de funções que posteriormente, em 1923, Freud atribuirá ao Supereu, constatamos que já se encontram discussões importantes desde 1910 em torno dos temas do "ideal do eu e uma faculdade de observação, de comparação e crítica."⁹⁰

Em 1914, a dificuldade do ser humano para renunciar ao Eu ideal deve-se à correspondência com o que existiu de amor-próprio, de auto-estima (*Selbstgefühl*) que configurava o Eu real na infância. Este aspecto determina, em torno do Ideal do eu, um projeto que restaure o quanto possível o narcisismo perdido da infância, quando a criança era o seu próprio ideal.⁹¹

A substituição do narcisismo infantil por um Ideal do eu, ao qual o Eu busca se igualar para recuperar algo do contentamento perdido, necessita de algo que vigie o Eu e o compare com os valores do Ideal do Eu, representando as exigências civilizatórias frente às exigências pulsionais a que se está exposto na infância. A analogia do Supereu com a expressão "consciência moral" é inevitável, nos fazendo pensar que a enunciação do Supereu na obra freudiana é bem anterior à sua nomeação, em 1923.

⁸⁸ Freud, S., "O Eu e o Isso" (1923).

⁸⁹ Citamos para exemplificar, Melaine Klein e Hugo Mayer.

⁹⁰ Lemaigre, B., In: *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise – O legado de Freud e Lacan*; Verbete: "Supereu", p.511.

⁹¹ Freud, S., "Narcisismo: uma introdução" (1914).

Em 1921, múltiplas funções serão atribuídas ao Ideal do eu, como a censura onírica dos sonhos, a consciência moral, a auto-observação e o recaicamento.⁹²

Existe neste período – início dos anos 20 - uma certa confusão conceitual que anuncia o surgimento de uma nova tópica para o aparelho psíquico. Em meio a isso, o Supereu aparece, em determinados momentos, confundido com o Ideal do eu. Esta confusão é causada, entre outras razões, pela nova teoria pulsional, que será analisada detalhadamente mais adiante.

Podemos extrair uma consequência da tentativa de Freud para teorizar a gênese do Supereu. No que se refere à inclusão da teoria das identificações para explicar a relação deste com o contexto originário do indivíduo, são destacadas as identificações anteriores aos investimentos objetivos.

É na vertente de opositor ao Eu que inferimos a origem do Supereu, relacionado à formação do complexo paterno. Por isso mesmo, está em relação direta com a identificação originária com o Pai da horda primitiva, configurando um tipo de transmissão que, mais tarde, resultará em sua função de herdeiro do complexo de Édipo. Nas palavras de Florence (1994):

É que o supereu torna a ligar-nos às origens absolutas, poder-se-ia dizer, de nossa humanidade: ele porta a aquisição filogenética significativa, ele se oferece como consolo para a perda da onipotência do Outro mítico, substitui a nostalgia pelo pai, provoca vassalagens e recrutamentos, leva aos maiores sacrifícios.⁹³

Por representar as escolhas objetais abandonadas em nome da inserção na cultura, o Supereu manterá para sempre o rastro daquilo que constituiu, em algum momento, os investimentos do Isso, com o qual mantém uma íntima relação. O Eu,

⁹² Freud, S., "Psicologia das Massas e análise do eu" (1921).

⁹³ Florence, J., *As Identificações*, p. 142.

sede do conflito, será vigiado e punido em conseqüência das escolhas de objeto e recalçado.

Não obstante, esse Eu continua a se modificar face às identificações que se seguirão ao longo da vida, deslocando seus investimentos, a princípio dirigido aos pais, para educadores, mentores, líderes, marcando uma insistência pulsional, sempre referido a seu drama originário. Dentro desta situação originária, o medo da perda do amor do outro, construída em torno do desamparo infantil, rege aquilo que se convencionou chamar de consciência moral, cuja forma primeira é a angústia social. Com a interiorização das normas é que surge a consciência moral, propriamente dita. Freud escreve:

É precisamente a ênfase posta sobre o mandamento "não matarás" que nos dá a certeza de que descendemos de uma linhagem infinitamente longa de assassinos que tinham no sangue o prazer do assassinio, como talvez ainda tenhamos.⁹⁴

Portanto, articulando o individual com o coletivo, tomaremos por base o pensamento de Freud que assinala que a coletividade seria mais feliz caso o indivíduo não estivesse tão ocupado com o seu próprio bem-estar. Este pensamento que aparece em alguns filósofos do Barroco e do Iluminismo,⁹⁵ traz à luz a idéia do homem se agrupar em comunidades mediadas pelo sentimento de culpa. As marcas deixadas pela relação com os pais seriam correlatas das marcas deixadas pelos líderes, constituindo uma transmissão operada pelas identificações.

⁹⁴ Freud, S., in: B. Lemaigre, Op. Cit., p. 515.

⁹⁵ Para aprofundar este tema seria conveniente retermos as obra de Baruch Spinoza, Giordano Bruno e Immanuel Kant, por exemplo.

Em decorrência das exigências éticas no indivíduo, a vida em grupo é encarada com o mesmo cunho protetor do desamparo que o motivou a aprender a renunciar ao prazer imediato, bem como à agressividade.

Na postulação de 1923, a não distinção imediata entre o que é Supereu e o que é Ideal do eu⁹⁶ ganha relevo diante de algumas considerações já delineadas anteriormente. Como todo texto freudiano, certos equívocos se revelam, posteriormente, como eixos de análise de impasses conceituais. Consideramos este caso como um deles.

Explicar a gênese do Supereu como resíduo da dissolução do complexo de Édipo, abrange somente uma parte da questão. A indistinção com o Ideal do Eu pode nos remeter a pensar em uma outra referência: ao período pré edípico, onde o Eu era o próprio Eu ideal.

Partamos da hipótese posterior de que o Ideal do eu é uma das funções do Supereu. Freud assinala que o Supereu tem duas raízes:

O Supereu deve sua posição particular dentro do Eu a um fator que se deve apreciar de dois lados. O primeiro: é a identificação inicial, ocorrida quando o Eu era ainda débil; e o segundo: é o herdeiro do complexo de Édipo.⁹⁷

Fica claro que, para entendermos a indistinção inicial do estatuto do Supereu, temos que nos referir ao desamparo inicial e, só mais tarde, ao complexo de Édipo. Sob o ponto de vista deste período de exposição inicial aos pais, marcado pelo desamparo decorrente de sua imaturidade constitucional, a vinculação da criança com os pais é operada de acordo com os ideais deles para com ela.

Tendo identificações anteriores às catexias objetivas, a criança depende das

⁹⁶ Freud, S., "O Eu e o Isso" (1923).

⁹⁷ Idem, p. 64.

identificações narcisistas primitivas, em um momento onde a diferença sexual ainda não se faz valer. Os ideais narcisistas dos pais são os únicos recursos para fazer frente ao desamparo a que a criança está exposta, direcionando-a para a perfeição, para a onipotência e completude. Neste sentido, pensamos em uma herança arcaica mediada pela cultura, na qual as crenças, normas e valores vão se enquistando na criança, num fluxo transgeracional, sempre referida aos ideais narcisistas dos pais. Encontramos citações no texto freudiano que apontam para a idéia de um Isso hereditário que traz em si restos de vários Eus adultos, que passam para o Supereu da criança no momento da sua formação.

Segundo Mayer (1989), pode-se pensar numa dupla herança para a formação do Supereu: uma do complexo de Édipo, e outra do narcisismo parental, na qual a cultura, mediada pela linguagem, opera sua constituição.

Assim, a linguagem se mostra mediadora de seus conflitos individuais e coletivos. Rudge (1998) oferece um importante pensamento:

LINGUAGEM PRIMITIVA QUE
NO SEU NÚCLEO A PRESENÇA
DO REFLEXO DO PAIS.

A linguagem só pode cumprir seu papel quanto ao funcionamento em processo secundário por sua natureza simbólica, enquanto um produto social no seio da cultura lingüística de determinada comunidade (...). O aspecto social e convencional da linguagem é correlativo ao processo secundário.⁹⁸

Considerando a inserção da criança no meio simbólico do qual os pais são portadores, a dedução lógica é que esta criança é civilizada pelas renúncias pulsionais que esses pais lhe transmitiram integralmente. O Supereu parental afeta, originalmente, as operações lógicas fundadoras do Eu incipiente.

Nesta linguagem originária, onde esse tipo de transmissão é feita,

⁹⁸ Rudge, A. M.. *Pulsão e Linguagem – Esboço de uma concepção psicanalítica do ato*, p. 88.

A "linguagem primitiva", marcada pela relação com o corpo, aponta para a constituição da pulsão, para o momento em que os significantes são ligados à voz materna, extensão de seu corpo, e incidem como massa sonora sobre o corpo do sujeito sem qualquer mediação. As palavras como objetos da pulsão invocante valem mais por sua sonoridade do que por seu significado consensual. Nesse registro, assumem o papel de representações de coisa que se apoiam nos traços mnêmicos de experiências de satisfação, traços constitutivos da topografia do circuito pulsional.⁹⁹

Isto posto, o sentido da transmissão nestes momentos originários se dá por conta da indissociação entre palavra e linguagem, entre o dito e seu sentido, assim como dos aspectos convencionais/sociais da singularidade em formação, onde o Supereu tem a função de intermediar aquilo que é transmitido pelas formações superegóicas parentais, representantes da cultura. Ainda citando Rudge,

Tomando nosso fantástico mito científico como metáfora da inscrição do sujeito na ordem simbólica, não há como não reconhecer no *Urvater*, reeditado na palavra divina, o Outro, primordial detentor do poder da fala e da linguagem, poder em relação ao qual se está de início inteiramente assujeitado.¹⁰⁰

A ameaça de desamparo da criança bem como a necessidade de proteção do adulto, tornam o Isso receptor das aspirações narcísicas dos pais, transmitindo ao Eu, em sua constituição, toda a cultura factual e a cultura arcaica. O Supereu, vigiando, censurando, punindo e apontando novos horizontes, torna-se o mediador da troca da onipotência infantil pela submissão à lei, assim como o assegurador de uma pertinência onde a tradição serve de base para as operações originárias, constituintes do devir do sujeito.

Tendo abordado os aspectos ontogenéticos e filogenéticos da constituição subjetiva, nos deteremos nos modelos oferecidos por Freud em sua elaboração do aparelho psíquico. Destacaremos três momentos: 1895, com o *Projeto para uma*

⁹⁹ Idem, p. 89.

¹⁰⁰ Idem, p. 47.

Psicologia Científica; 1900, com a *Interpretação dos Sonhos*, e 1923, com *O Eu e o Isso*.

CAPÍTULO V – A CONSTITUIÇÃO DO APARELHO PSÍQUICO

V.1 – A Mitologia do Projeto de 1895

V.1.1 - A pré-história do Projeto

Freud, em abril de 1886, assume o departamento de Neurologia do Instituto Kassowitz para Doenças Infantis.¹⁰¹ Neste local, torna-se um experiente observador de crianças e escreve uma série de artigos versando sobre vários enfoques neurológicos, como, por exemplo, os trabalhos sobre hemianopsia e hemiplegia infantil. Dentro desta atmosfera, em 1891 escreve o texto *Sobre as Afasias*, que considera, como ele mesmo sublinha, um excelente texto. Este período é muito rico cientificamente, podendo ser observado mais acuradamente em sua correspondência com Wilhelm Fliess que abrange o período de 1887 até 1904.

Em meio à comunidade científica da época, a ousadia de Freud é propor um modelo de aparelho psíquico que funciona como um processo, diferente da teoria localizacionista wernickiana, que postula a idéia de um mapeamento do sistema nervoso com suas diferentes partes responsáveis por diferentes funções. Os fenômenos clínicos são interpretações das lesões supostas neste sistema.

A influência de Hughlings Jackson fica marcada no texto *As Afasias* (1891), quando Freud se refere ao aparelho de linguagem que, em situações patológicas, responde com uma forma de regressão funcional a estados de organização prévia do seu desenvolvimento. Neste momento, Freud introduz o termo *Spracheapparat* (aparelho de linguagem) que, segundo Steingel, "é o irmão mais velho do aparelho psíquico."¹⁰² Meynert, na época, teria falado de um *Seelenapparat* (aparelho da alma), tendo Freud tomado emprestada tal elaboração.

¹⁰¹ Grubrich-Simitis, I.. *De volta aos textos de Freud*, p. 137.

¹⁰² Rodrigué, E., *História do Projeto*, In: *100 anos de Projeto Freudiano*, p. 4.

O ponto importante desta discussão a respeito da pré-história do *Projeto* freudiano a partir do texto sobre as afasias refere-se à conclusão inferida, qual seja, a linguagem é algo que se adquire e o aparelho de linguagem é algo que se constrói, "peça por peça".¹⁰³

Freud tem aspirações de fazer ciência e, neste período que precede o texto do *Projeto*, sua observação está voltada para o estudo da histeria. Imerso numa parceria com Breuer a respeito deste tema, conclui que toda histeria é de defesa. Pereira (1992) relata:

[Freud] Empreende a redação do *Projeto* com o intuito de buscar um referencial teórico que fundamentasse os grandes progressos que obtivera em seus conhecimentos clínicos: Freud queria explicar a defesa. Como um pensador inserido na ciência de seu tempo, o fato da defesa deveria ser explicável em termos de um jogo de forças e implicar uma quantidade de energia.¹⁰⁴

Em forma de rascunho, temos conhecimento do texto do *Projeto* de 1895, com meio século de atraso, classificado por Ernst Jones como a última tentativa fisicalista de Freud. Escrito em forma de uma mitologia neurológica, este texto lança os pilares para a construção de toda a metapsicologia.

Em 4 de setembro de 1895 Freud começa a escrevê-lo e no início de outubro o descarta; foi um texto que pouco tempo ficou em suas mãos. Em 8 de outubro de 1895, chegam às mãos de Wilhelm Fliess os dois primeiros cadernos do rascunho, contendo as idéias principais: "(1) *O que distingue a atividade do repouso é de ordem quantitativa. A quantidade (Q) encontra-se submetida às leis gerais do movimento e, (2) As partículas materiais em questão são os neurônios (N).*"¹⁰⁵

¹⁰³ Ibidem.

¹⁰⁴ Pereira, S. W.. *Pulsões e origens de pulsão: a pré-história de um conceito*, dissertação de mestrado, p. 139

¹⁰⁵ Rodrigué, E.. "História do *Projeto*", In: *100 anos de Projeto Freudiano*, p. 5.

Sem um nome autoral, o texto do *Projeto* foi adquirido pela princesa Marie Bonaparte, da Grécia e da Dinamarca, que o comprou do livreiro Reinhold Stahl, que, por sua vez, o teria comprado da viúva de Fliess. A princesa o entregou aos editores dos escritos psicanalíticos de Freud, resultando numa publicação em 1950.

V.1.2 - O *Projeto* freudiano de 1895

Pensar na gênese de um aparelho psíquico, tendo como ponto de partida o *Projeto*, nos faz considerar a idéia de um envolvimento da Física com a Biologia, em função dos enunciados que cercarão sua constituição. Pereira (1992) nos detalha este envolvimento: "... a biologia desempenha nele importante papel. Se o conceito de 'mecanismo' se origina da física, a noção de 'excitação' provém da biologia, como máquina, o aparato construído estabelece uma mediação entre o corpo e as coisas do mundo"¹⁰⁶.

Envolvido com o anseio de uma construção científica que atenda aos enunciados básicos de uma Ciência da Natureza, Freud adverte que a tese de maior importância apresentada no *Projeto* é

... fornecer uma psicologia científico-naturalista, ou seja, apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas e, com isso, torná-los intuitivos e livres de contradição.¹⁰⁷

Para usarmos ao *Projeto* como uma referência, devemos estar atentos ao designio de Freud em "fornecer uma psicologia científico-naturalista", sendo baseada em uma psicologia na qual os seres humanos são constituídos como seres naturais submetidos a causas naturais.

¹⁰⁶ Pereira, S. W.. *Pulsões e origens de pulsão: a pré-história de um conceito*, p. 144.

¹⁰⁷ Gabbi Jr., O. F.. tradução do *Projeto de uma Psicologia*, de Sigmund Freud, onde apresenta uma série de notas elucidativas a respeito de seu ponto de vista de tradutor, p. 9.

O entendimento de Gabbi Jr. é de que os processos psíquicos serão, a partir desta dupla referência de campos de saber – a Biologia e a Física, explicados como diferença quantitativa, incluindo os processos que envolvem relações de intencionalidade¹⁰⁸. Não é o caso de redução dos processos psíquicos a procedimentos físicos, mais especificamente mecânicos, mas de pensar uma proposta de funcionamento deste aparelho, levando-se em conta os dois princípios fundamentais que orientam toda a linguagem projetiana: a unidade neuronal, como seu fundamento tópico ou estrutural, e as quantidades, fundamentadas no ponto de vista econômico.

Coelho (1995) expõe as idéias gerais do *Projeto*:

O aparelho é representado com base no modelo do arco-reflexo, orientado pelo princípio de inércia. A descarga, função primordial, está associada ao prazer, enquanto o excesso, ao desprazer. A experiência de satisfação, que encontra sua marca na materialidade das cadeias neuronais, também é considerada ponto de partida para explicar a sua origem. Mas, em 1895, Freud apresenta questões que estão excluídas no capítulo VII: a condição do desamparo infantil é explorada; a função do juízo é fundamental para a organização do aparelho; a experiência de satisfação deixa um resíduo não assimilável – *Das Ding*¹⁰⁹.

A concepção de um aparelho psíquico, em seus momentos originários, na teoria de 1895, nos ajuda a perceber a genealogia da elaboração teórica freudiana, uma vez que apresenta constructos que servirão de balizamentos para a teoria madura do psiquismo em formação.

Assim, começamos por abordar o primeiro eixo do *Projeto*: a quantidade.

O uso de "Q" para denotar a quantidade não é uma novidade no texto freudiano do *Projeto*. Em 1888, no verbete *Histeria*, Freud escreve a respeito de "modificações fisiológicas" ao se referir às "relações de excitabilidade" em partes

¹⁰⁸ Idem. p. 115.

¹⁰⁹ Coelho, M. C. F., *Projeto ... Texto que retorna*. In: *100 Anos de Projeto Freudiano*, p. 61.

diferentes dentro do sistema nervoso. No artigo *Algumas considerações sobre um estudo comparativo entre paralisias motoras orgânicas e Histéricas*, Freud (1893) menciona que as impressões psíquicas são dotadas de um “montante afetivo” que será descarregado pelo eu (*Ich*). Em *As neuropsicoses de defesa*, Freud (1894) atribui às funções psíquicas características que se apoiam na noção de “quantidade”, como, por exemplo, “montante afetivo” e “soma de excitação”. Essa quantidade se desloca sobre os traços de memória das representações, tendo a possibilidade de aumento, diminuição e deslocamento.¹¹⁰

A idéia de uma “Q” se deslocando dentro do sistema nervoso pode ser entendida em duas vertentes: uma primeira idéia é entendermos “Q” como uma quantidade de fluxo se deslocando dentro deste aparelho e traçando caminhos de facilitação ou de fuga, com a finalidade de demarcar territórios. Por outro lado, podemos destacar a idéia de uma quantidade estática como um território ocupado, sendo representado pela palavra *Besetzung* (ocupação), encontrada com muita freqüência no texto do *Projeto*. Em última análise, “Q” pode ser entendida como uma corrente elétrica ou como diferença de potencial, não sendo infundada a hipótese de que Freud teria em mente a Lei de Ohm, pensando os neurônios como fios condutores e excitáveis, como apontam Pribam & Gill.¹¹¹

No entanto, a definição de “Q” apresentada em seu texto mostra Freud apontando para uma modificação de estado entre o repouso e o movimento. Os desdobramentos deste enunciado constituirão uma importante premissa quando falarmos, mais adiante, a respeito do Princípio de Inércia e o Princípio de Constância como princípios orientadores do destino das excitações dentro do aparelho psíquico.

¹¹⁰ Encontramos op. cit mais elementos elucidativos a este respeito.

¹¹¹ Pribam & Gill, em *O Projeto de Freud: um exame crítico*, p. 27 In: *Projeto de uma Psicologia* de Osmyr Faria Gabbi Jr. p.109.

O sentido qualitativo de "Q" é dado pelas leis gerais do movimento, frente à possibilidade do neurônio se encontrar em repouso ou em movimento, descrevendo as passagens de um estado de mais movimento para o de menos movimento em relação à excitação que percorre o neurônio num dado momento. Uma "Q" igual a zero significa ausência de mudança de estado. Freud aponta, logo de início, uma distinção entre "Q", como vinda do mundo externo, e uma "Q η " referida às magnitudes de excitação vindas do mundo interno, denominadas de fator propulsor (*Triebfeder*).

O aparelho psíquico é então montado a partir da idéia de um sistema nervoso que recebe influências do mundo interno (Q η), estimulações endógenas (*endogene Reize*) e do mundo externo (Q). Antes de haver vida, este sistema é constituído exclusivamente de neurônios ϕ (phi). Na medida em que há vida, há uma complexificação destes neurônios, constituindo um outro pólo de referência no texto freudiano, quando ele apresenta os neurônios ψ (psi) e os ω (omega), em acréscimo aos neurônios ϕ , já existentes.

Em sua arquitetura, os neurônios ϕ têm características de imutabilidade, deixando passar toda a Q que lhes chega, sem oferecer qualquer resistência. Estão sujeitos a grandes excitações e têm como função a percepção. Os neurônios ψ apresentam resistência à passagem de Q, deixando fluir somente uma parte dela. São impermeáveis e estão sujeitos à ocupação (*Besetzung*), retendo algo desta energia. O sistema constituído por esses neurônios é capaz de memória. O sistema dos neurônios ω está ligado à qualidade. Excitados junto com a percepção e sem capacidade de reprodução, esses neurônios produzem, quando excitados,

sensações conscientes. Os neurônios ϕ e ψ estão diretamente ligados à descarga das quantidades, e os neurônios ω visam transformar quantidade em qualidade.

De uma certa forma, falarmos sobre esta primeira construção originária do aparelho psíquico, significa revermos o processo de complexificação destes neurônios ϕ , diante da tarefa imposta originalmente de lidar com as quantidades. O aparelho psíquico é criado para agenciar as quantidades que chegam a ele, vindo inicialmente sempre de fora, seja do mundo externo, seja do corpo biológico, que é percebido originariamente como radicalmente alheio a si. Com esta compreensão da situação originária do psiquismo, a quantidade inicial força o aparelho a se constituir, representando o registro daquilo que é inassimilável da experiência de vida, posto que é imperioso criar condições para o trabalho de simbolização, necessário para dar conta deste encontro com a vida, como um problema puramente econômico. Segundo Vidal (1995), "*Nessa exterioridade radical manifesta-se o caráter intrusivo da quantidade como presença de um Outro pré-histórico.*"¹¹²

Freud apresenta, nas páginas iniciais de seu texto, uma postulação que orienta a leitura de todo o resto de sua obra teórica: somente algo externo a este aparelho pode colocar este sistema nervoso primitivo em movimento. Com isso, apoiado em um caso particular da Lei da Inércia¹¹³, Freud propõe um Princípio de Inércia como "*um princípio fundamental da atividade nervosa (...) é o princípio da inércia nervosa; dita que o neurônio aspira a libertar-se de Q.*"¹¹⁴

É baseando-se neste enunciado do Princípio de Inércia que Freud afirma que este princípio dá o motivo para o movimento reflexo. Funcionalmente, este aparelho

¹¹² Vidal, M. C. V., *O Outro Primordial no Projeto Freudiano*, In: *100 anos de Projeto Freudiano*, p. 13.

¹¹³ É uma lei que afirma que os corpos tendem a manter a diferença entre repouso e movimento como zero.

¹¹⁴ Freud, S., *Projeto de uma Psicologia*, p. 10.

psíquico é concebido originalmente segundo o modelo do arco reflexo (*Reflexapparat*) da Neurologia que tem, como ícone, o reflexo patelar.

A função primária do aparelho é a eliminação desta quantidade que o afeta. Segundo Gabbi Junior (1995), "*a função primária é antes a diferença entre repouso e movimento nula em um sistema que já está em repouso e só pode ser afetado por outros corpos que lhe sejam totalmente exteriores.*"¹¹⁵ A consequência deste procedimento é a fuga de estímulo, que Freud considera uma forma de descarga biológica referida à manutenção dos caminhos de eliminação privilegiados, como uma espécie de mapeamento visando a cessação da afetação causada pelos estímulos externos. Freud aponta para a idéia de complexificação ao referir-se às violações que o Princípio de Inércia sofre em consequência do *elemento corporal*, produtor de estímulos endógenos (geradores de $Q\eta$), *que devem ser igualmente eliminados.*¹¹⁶ Para estas quantidades, entretanto, não há fuga de estímulos como a que vigora para os provenientes do mundo externo.

O conceito de *ação específica* é então elaborado para dar conta da única possibilidade de cessação da estimulação interna, representada pelas *grandes carências*¹¹⁷: fome, respiração e sexualidade., estando o indivíduo colocado numa situação extrema perante as *necessidades da vida* (*Not des Lebens*), propiciadora do estado de desamparo. A diferença marcada nas duas concepções de quantidade, a interna e a externa, será o embasamento para que Freud teorize a impossibilidade do aparelho psíquico se manter pelo Princípio de Inércia. Enquanto os neurônios ϕ obedecem ao Princípio de Inércia, os neurônios ψ agem segundo o Princípio de Constância. Um armazenamento de $Q\eta$ se faz necessário para que seja

¹¹⁵ Idem, p. 113

¹¹⁶ Idem, p. 12.

¹¹⁷ Idem, p. 11.

empreendida a ação específica. Excluindo a possibilidade de nível zero, inaugura-se o Princípio de Constância que postula uma manutenção de uma quantidade o mais baixa possível, defendendo-se contra as elevações da mesma, mantendo-a constante. Desta forma, *"todos os desempenhos do sistema nervoso devem ser considerados ou sob o ponto de vista da função primária ou da função secundária imposta pela necessidade da vida."*¹¹⁸

Freud, ao abordar a arquitetura do sistema nervoso com o segundo pilar sobre o qual se assenta o texto projetiano, qual seja, a teoria dos sistemas neuronais, cria condições para um funcionamento do aparelho psíquico capaz de memória. Desse modo, a memória é o epicentro do constructo teórico de Freud em 1895, pois é através desta que o aparelho psíquico irá se constituir, sendo exatamente um aparelho formado por registros mnêmicos.

A impossibilidade de um livre escoamento das quantidades dentro do aparelho pelo sistema de neurônios ψ , já que eles possuem barreiras de contato resistentes à passagem de Q, faz com que a excitação crie um trilhamento (*Bahnung*), como resíduo da sua passagem pelos neurônios ψ . Assim, o trilhamento é um caminho preferencial, que é exatamente um resíduo mnêmico. Deixa atrás de si uma tendência para a repetição dessa passagem. As barreiras de contato inauguram o psíquico pelo processo primário. O adiamento da descarga, por sua vez, é resultado do processo secundário.

A experiência de satisfação é o trilhamento mais originário deste ser vivo. Esta experiência compreende três momentos distintos: o surgimento de um estado de tensão provindo das fontes endógenas, resultando numa somação de Q η ; uma ocupação dos neurônios responsáveis pela percepção do objeto (pessoa prestativa);

¹¹⁸ *Ibidem.*

e a interrupção do processo de somação, devido a adequação da chamada ação específica. Segundo Vidal (1995),

O outro aporta, com o alimento, a palavra. Desse modo não há apenas satisfação da necessidade, mas do desejo. Esse complexo denominado "primeira experiência de satisfação" consiste em trilhamentos duradouros a serem reativados toda vez que a urgência ressurgir e o objeto não esteja mais presente¹¹⁹.

A mais primitiva manifestação de vida psíquica fica referida à suposição da criação de uma memória marcada na rede neuronal. Tendo como referência a identidade de percepção, o funcionamento desse sistema leva à alucinação do objeto de desejo. Este é o processo primário.

O aparelho terá que se desenvolver para que realidade e alucinação não se confundam, na medida em que, para o bebê, a alucinação tem o mesmo estatuto das coisas do mundo (*Gegenstand*). Neste contexto, Freud elabora um "eu" composto de neurônios ψ , que tem como função impedir tanto a descarga imediata quanto o desprazer. Esta função do eu projetiano implica em uma característica mínima de diferença dentro deste aparelho recém criado, onde a única possibilidade de discernimento ficou, inicialmente, dependendo do enfoque econômico. O aparelho psíquico sente como desprazer qualquer aumento de quantidades dentro de si e, como prazer, a descarga destas quantidades, não importando se pela via motora ou pela via alucinatória. Rudge (1998) fala do prazer e do desprazer como as qualidades psíquicas inatas, ao se referir a Freud, concluindo que:

O diferencial prazer/desprazer é o critério possível de um esboço de organização das memórias relativas às primeiras experiências, anteriores à linguagem (...)
Essa relação entre a diferença pura prazer/desprazer, e a suposta simbolização

¹¹⁹ Vidal, E. A.. "Proton Pseudos", In: *100 anos do Projeto Freudiano*, p. 42.

primitiva implicada no eu prazer, justifica a introdução do prazer como princípio¹²⁰.

A inibição do desejo alucinatório acompanhado de descarga imediata é encargo do eu. Corresponde a um trabalho de não deixar haver o livre escoamento das quantidades dentro do aparelho psíquico e se utiliza do sistema de investimentos colaterais que obstruem a passagem compulsiva pelos trilhamentos. Este eu é constituído a partir dos neurônios ψ , mas inclui todo o sistema ψ inibido, sendo que em algumas passagens temos a impressão de que o eu se confunde com a totalidade deste aparelho. Contudo, o que mais caracteriza o eu neuronal do Projeto é a sua organização.¹²¹ Não se trata puramente de ramificações neuronais marcadas pela excitação, mas do caráter histórico das ramificações, devido à sua relação direta com a memória.

O eu compreende os neurônios ψ , enquanto que a percepção é de responsabilidade dos neurônios ω . Em função deste procedimento inibitório do eu neuronal, Freud introduz uma distinção entre processo primário e processo secundário. O primeiro é pura descarga, enquanto que o segundo tem a função de escolha adequada para esta descarga e de sua inibição até a chegada do objeto real. Visto desta forma, o processo secundário é uma transformação do primário, operado através do eu.¹²²

¹²⁰ Rudge, A. M., *Pulsão e Linguagem – esboço de uma concepção psicanalítica do ato*, p. 19.

¹²¹ Freud se refere ao eu com o termo *Gefüge* (organizado) ou, também por *Zusammengesetztes Ich* (Eu composto), afirmando ser uma rede de neurônios investidos com fácil circulação de energia entre si (*Ein Netz besetzter, gegeneinander gut gebahnter Neuronen*).

¹²² Rodrigué, E., “História do Projeto”, In: *100 anos de Projeto Freudiano*, p. 8.

No texto projetiano, a atividade do pensamento é atribuída ao processo secundário. O eu no *Projeto* compreende todo o território das facilitações criadas pela passagem da excitação pelo sistema neuronal ψ , correspondente aos caminhos do processo primário. O estatuto do eu diz respeito a uma diferente forma de circulação de energia neste território facilitado, isto é, à energia ligada. A ligação de energia estabelece um critério para distinguir memória de percepção. Na arquitetura do aparelho psíquico este discernimento será de suma importância. É o que Freud chama de “prova de realidade”, que acarreta a instauração de um outro princípio mais complexo que o Princípio do prazer / desprazer, qual seja, o Princípio de realidade. O estado de desejo e o reinvestimento de uma imagem mnêmica hostil são possíveis em função desta propriedade de ligação que o aparelho psíquico desenvolve.

Em referência ao estado de desejo – que se originou na experiência de satisfação - evita-se a alucinação criando um indicador de qualidade (período), percebido pelos neurônios ω , que é utilizado como um critério de realidade. No caso do reinvestimento da imagem hostil, o critério de realidade é dado pela inibição da defesa primária, que consiste no imediato desinvestimento dos traços de memória correspondente ao objeto hostil, causador da experiência de dor. A inibição da defesa primária permite pensar no objeto hostil em vez de repetir sua memória.

A ação específica portanto, implica uma função judicativa de existência, e esse julgamento de existência pressupõe a inibição do processo primário e o funcionamento do processo secundário. As operações de ligação de energia são as operações que propiciam o exercício do Princípio de realidade, pois permitem que se pense no objeto desejado e se busque encontrá-lo, em vez de aluciná-lo. Por outro

lado, permite que se pense no objeto hostil e se busque evitá-lo, em vez de amputar sua memória.

Nas operações primitivas, "a prova de realidade apenas permite que o organismo mame na presença do seio, procure o seio na sua ausência, fuja diante da presença do objeto hostil ou repouse na sua ausência."¹²³ É a prova de realidade, através da função de ligação da excitação, marcando em ψ sua trajetória, que Freud toma como condição para que haja a *ação específica*, ou seja, que o bebê mame no seio real e não no alucinado.

Uma primeira tarefa que o eu constituído tem a desempenhar é desenvolver dispositivos judicativos para lidar com o desconforto causado pelas quantidades, oferecendo canais de descarga, formas de transmissão destas excitações, criando critérios mínimos para que este aparelho não conserve em si este *quanta* de excitação, sentido como desprazeroso. Assim, o prazer e o desprazer são os critérios iniciais mínimos que este eu neuronal desenvolve para diferenciar aquilo que da experiência possa lhe ser ameaçador ou não. Os processos primários de juízo são apenas juízos de atribuição. As experiências resultam no desejo e na defesa, dependendo de serem prazerosas ou desprazerosas. A memória ganha aqui uma grande importância.

Os processos secundários do juízo introduzem o juízo de existência. Formam a possibilidade de reconhecimento da ausência do objeto e o *adiamento da descarga*.¹²⁴ A função do juízo é possível somente pela não coincidência entre desejo e percepção, propiciadora daquilo que Freud chama de *pensamento*. A coincidência interrompe o pensamento. Como a coincidência é impossível, este

¹²³ Souza, O.. "O Ego no Projeto e o Problema da ligação", In: *100 anos de Projeto Freudiano*, p.31.

¹²⁴ Vidal, M. C. V.. "O Outro Primordial no Projeto Freudiano", In: *100 anos de Projeto Freudiano*, p. 13.

aparelho passa a se guiar pela possibilidade de semelhança com a experiência anteriormente marcada. Deste encontro posterior com os objetos, diz Freud, "o que chamamos as coisas são resíduos subtraídos ao juízo"¹²⁵. A inapreensão deste resto (*Rest*) se faz sentir dentro do aparelho psíquico como necessidade de substituição, daquilo que está sempre fora, iniciando, como efeito, um trabalho de simbolização, organizando o que existe de idêntico e de diferente.

A partir do suporte do imutável da coisa (*Das Ding*), Freud articula o "complexo do próximo/semelhante" (*Nebenmensch*), propiciando ao aparelho psíquico recém criado ter uma primeira apreensão da realidade, na busca identitária, através da parte variável do complexo. O outro ser humano tem para Freud o valor de suporte e referência para todo o processo de complexificação que está por vir, pois está ligado diretamente à memória. A ação específica, de que falamos anteriormente, ganha destaque neste momento em que sua execução fica inteiramente por conta da ajuda alheia, da maternagem, face ao desamparo (*Hilflosigkeit*) inicial. Por isso as necessidades do bebê se transformam em demanda. A dependência infantil introduz a criança no campo da linguagem, através da função simbolizadora. Assim, entendemos a função complexa do grito: por um lado, expressa uma função primária de pura descarga e, por outro, enlaça esse pequeno vivente na linguagem, através de forma mais rudimentar de comunicação. A partir do grito, a criança passa a ser interpretada em todos os seus movimentos e necessidades. O grito deixa de ser pura descarga, passa a ser chamado para a mãe, e essa comunicação é o pilar do campo desejante deste pequeno ser. Ante a experiência da carência, da falta, da necessidade, emerge o desejo, trazendo em si a dimensão da perda, impelindo este aparelho psíquico a criar memória,

¹²⁵ Freud, S., "Projeto para uma Psicologia Científica", p. 451.

representações inscritas no corpo neuronal que possam ser reinvestidas a cada nova carência.

A finalidade de nos determos neste momento da teoria freudiana é que a postulação de uma arquitetura e de um modo de funcionamento do psiquismo se faz ecoar em toda sua obra posterior. Rudge (1998), ao escrever sobre a pulsão, nos dá um ótimo exemplo:

Não se fala em pulsão, no "Projeto de uma psicologia para neurologistas"; entretanto, retomando-o *a posteriori*, o que se encontra de mais fascinante neste texto é o mito da constituição da pulsão sexual.

Sob o rótulo de "desejo", Freud descreve como, a partir da experiência de satisfação de necessidade, que requer a presença do semelhante, vão surgir facilitações, caminhos privilegiados – percepções e movimentos – como roteiro da pulsão sexual. Chama de "facilitações" algum tipo de marcas, que nada têm de natural. São marcas de uma história que se inicia no encontro com o corpo do semelhante. Corpo e voz. As pulsões também são o eco, no corpo, da fala materna¹²⁶.

Freud nos apresenta então um modelo para pensarmos o início da vida, e o início de um psiquismo, que surgem como conseqüências das experiências com o adulto protetor, e de uma memória que é, desde sempre, permeada pelos desejos e repulsas, que não dão origem a recordações, mas a forças.

Nunca saberemos por que Freud não quis publicar o *Projeto*, mas certamente encontramos nesse texto, segundo Birman (1991),:

... múltiplas indicações e intuições geniais – que depois vão originar outros desenvolvimentos na teoria psicanalítica – esta obra se caracteriza por uma sistemática frágil, exatamente porque pretende transformar a ordem do fantasma na ordem da realidade neurofisiológica. A linguagem neurofisiológica deste texto confere um tom absurdo à construção freudiana, que, como a construção delirante, não perde entretanto o seu núcleo de verdade, desde que a interpretemos considerando a linguagem do fantasma que Freud desenvolve logo em seguida¹²⁷.

¹²⁶ Rudge, A. M., *Pulsão e Linguagem – esboço de uma concepção psicanalítica do ato*, p. 17.

¹²⁷ Birman, J., *Freud e a Interpretação Psicanalítica – 2ª. parte*, p.121.

Assim, prosseguiremos até 1900, quando o modelo metafórico neuronal é substituído pelo ótico. Como veremos, uma nova concepção da arquitetura e do funcionamento do psiquismo serão formuladas no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*.

V.2 – O modelo do Livro dos Sonhos (*Traumbuch*)

V.2.1 – A mais valiosa descoberta

Entre 1895 e 1900, a teoria freudiana se desenvolveu em meio a rupturas com o campo científico da época.

Entre o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895) e a *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud descobre o complexo de Édipo e a sexualidade infantil, embora não os tenha incluído explicitamente no texto dos sonhos. A sexualidade infantil será teorizada em 1905.

Prudentemente, Freud não menciona em seus escritos sobre os sonhos suas descobertas a respeito da sexualidade infantil; talvez achasse que sua noção de um inconsciente produtor de efeitos psíquicos fosse por si só suficiente para despertar a ira de seus leitores e a indignação de seus pares; ou talvez porque não possuísse o vínculo necessário entre a psicologia dos sonhos e as questões relativas à etiologia sexual das neuroses. Sua teoria sexual terá que esperar o ano de 1905 para receber sua versão final.¹²⁸

Em carta a Fliess, datada de 31 de maio de 1897, conhecida como a “Carta 64”, encontra-se no *Rascunho N* (anexo à Carta) uma referência aos “*impulsos hostis contra os pais (o desejo de que morram) [que] são também um elemento integrante das neuroses.*”¹²⁹ Freud faz então uma analogia com o mito do Édipo, e volta a se referir a esse mito, cinco meses depois, mas só então em 1910 irá falar de um complexo de Édipo.

¹²⁸ Pereira, S. W., “Pulsões e Origens de Pulsão: a pré-história de um conceito”, p. 204.

¹²⁹ Masson, J. M. (editor), *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Fliess*, p.251.

É importante ressaltar que esta descoberta dos "impulsos hostis" abre as portas da elaboração teórica de Freud para reconhecer o valor dos desejos incestuosos na formação dos sintomas, dos sonhos e dos atos falhos.

Concebendo as psiconeuroses como resultado da defesa, escreve que "toda neurose é uma neurose de defesa", e o caminho para o inconsciente é descortinado. Assim, o estudo sobre o inconsciente passa a ser o centro de suas investigações, tendo os sonhos como eixo de análise.

É exatamente no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, de 1900, herdeiro do *Projeto* de 1895,¹³⁰ que Freud descreve o aparelho psíquico. Apresenta uma ruptura com o aparelho, proposto anteriormente e ainda elaborado em linguagem neurológica, embora fosse uma ficção neuronal sem nenhum compromisso com localização anatômica.

A linguagem anterior à *Interpretação dos Sonhos* cede lugar a uma articulação entre desejo e linguagem, fazendo do aparelho psíquico proposto uma construção teórica voltada para a decifração do sentido. "O sonho vai servir de modelo para se abordarem os sintomas, os mitos, as religiões, as obras de arte como formas dissimuladas do desejo. Por isso, Freud diz que o sonho é o pórtico real da Psicanálise."¹³¹

No prefácio da terceira edição inglesa, de 15 de março de 1931, da *Interpretação dos Sonhos* podemos ler:

Desde então, muitos acontecimentos se verificaram no mundo e houve muitas modificações em nossos pontos de vista sobre as neuroses. Este livro, com a sua contribuição à psicologia que surpreendeu o mundo quando de sua publicação (1900), permanece essencialmente inalterado. Contém, mesmo de acordo com meu julgamento atual, a mais valiosa de todas as descobertas que

¹³⁰ Garci-Roza, L. A., *Freud e o Inconsciente*, p.59.

¹³¹ Idem, p. 60.

tive a felicidade de fazer. Um discernimento claro como esse só acontece uma vez na vida¹³².

A construção do aparelho psíquico proposto como uma 1ª tópica não se deu de pronto. Foi fruto de muita investigação e, observando a correspondência com Wilhelm Fliess, podemos acompanhar esse desenvolvimento.

V.2.2 – A correspondência com Fliess

Abrangendo o período de 1887 até 1904, encontramos na correspondência de Freud com seu amigo de Berlim trechos que demarcam o nascimento da primeira tópica do aparelho psíquico.

Na “Carta 22”, datada de 4 de março de 1895, Freud introduz sua formulação de que os sonhos seriam realizações de desejos. A importância desta descoberta leva-o a realizar um estudo sistemático sobre os sonhos, apresentado no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), do mesmo ano.

Em 6 de dezembro de 1896, na comunicação conhecida como *Carta 52*, Freud apresenta um modelo do mecanismo psíquico “*formado como um processo de estratificação*”.¹³³ Ocorrem, de tempos em tempos, rearranjos (*Umordnung*) dos traços mnêmicos que, “*de acordo com as novas circunstâncias*”¹³⁴ são retranscritos (*Umschrift*). Freud postula então que a memória não se dá de uma só vez, mas através de procedimentos repetidos, com vários tipos de registros. Separando memória e percepção de forma radical, Freud destaca o sistema *W* (*Wahrnehmungen*), ligado diretamente às percepções, com a característica de não reter nenhum traço do acontecido. Os registros mnêmicos são: o registro *Wz*

¹³² Freud, S., *ES*, “A Interpretação dos Sonhos”, p.38.

¹³³ Masson, J. M. (editor), *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Fliess*, p. 208.

¹³⁴ *Ibidem*.

(*Wahrnehmungszeichen*), como signos de percepções inacessíveis à consciência, que se organizam por associações de simultaneidade; *Ub* (*Unbewusstsein*), um segundo registro ligado ao inconsciente, "disposto de acordo com outras relações, talvez causais"¹³⁵; *Vb* (*Vorbewusstsein*), a pré-consciência, o terceiro registro, está ligado à representação de palavra, correspondendo àquilo que, na época, ele chamava de "ego oficial".¹³⁶

Como um esquema que antecede a ruptura com o saber neurológico, Freud intui suas novas descobertas:

Se eu pudesse fornecer uma explicação completa das características psicológicas da percepção e dos três registros, teria descrito uma nova psicologia. Disponho de algum material para isso, mas esta não é a minha intenção atual.

Gostaria de enfatizar o fato de que os registros sucessivos representam conquistas psíquicas de fases sucessivas da vida. Na fronteira entre duas dessas fases é preciso que ocorra uma tradução do material psíquico¹³⁷.

A simultaneidade das percepções permite mútuas ligações, constituindo a memória como um outro sistema que compreende a ligação por associação entre esses traços mnêmicos. O que permanece explicado pela associação é a diminuição da resistência e, como resultado, a criação das vias de facilitação. Neste dispositivo dinâmico, pode-se reconhecer a existência de vários registros mnêmicos para uma mesma estimulação. Uma referência à temporalidade se dá por conta de uma visão genética do aparelho, onde o registro da simultaneidade espacial inicial terá como conseqüência o estabelecimento da similaridade, geneticamente posterior em relação ao primeiro. "Desta forma, um primeiro sistema fixará a associação por simultaneidade. um segundo sistema fixará a associação por semelhança, e assim

¹³⁵ Idem, p. 209.

¹³⁶ Ibidem.

¹³⁷ Ibidem.

por diante.”¹³⁸ Não teremos um, mas vários registros mnêmicos. Toda a referência ao associacionismo de Stuart Mill é abandonada e substituída por uma teoria explicativa onde os processos psíquicos são vistos como primários ou como secundários, de acordo com o sistema onde ocorrem. Neste aparelho o sistema perceptivo fica ligado diretamente à consciência, responsável por toda a “multiplicidade das qualidades sensoriais”,¹³⁹ em oposição aos registros que compõem a memória.

Na carta de 15 de março de 1898, Freud envia a seu amigo Fliess trechos de seu estudo sobre os sonhos. Planeja escrever o primeiro capítulo sobre a literatura referente aos sonhos e remete o resumo do segundo capítulo, onde aborda o material onírico, os sonhos típicos, os processos psíquicos no sonho e a relação dos sonhos com as neuroses. É nesta carta que Freud escreve que pretende estudar, primeiramente o mito do Édipo, em clara referência ao incesto.

De seu consultório na Berggasse 19, Viena, em 3 de abril de 1898, relata que concluiu mais uma seção, a que se refere às fontes dos sonhos e os sonhos típicos, e se diz profundamente interessado nos sonhos.

Dividido entre os estudos sobre a histeria e os sonhos, Freud escreve, em 27 de abril de 1898, a respeito do papel da fantasia, que ele acredita ser muito maior do que antes havia pensado, na etiologia da histeria. Em primeiro de maio do mesmo ano, envia o capítulo três, esclarecendo que ainda se encontra incompleto e que se sente insatisfeito com a psicologia que usara como referência. No mesmo mês, no dia 18, escreve: “... *fico exclusivamente mergulhado no livro do sonho [Traumbuch] e não desejo nada melhor por algum tempo. A tarefa mais difícil – a elucidação do*

¹³⁸ Garcia-Roza, L. A., *Introdução à Metapsicologia Freudiana*, p. 159.

¹³⁹ Freud, S., “A Interpretação dos Sonhos”, *ES*, p.494.

processo psíquico do sonho - ainda está à minha espera e só será abordada depois que eu tiver sido revivificado por nosso congresso."¹⁴⁰

Em Viena, 9 de junho de 1898, Freud não consegue se desvencilhar de impasses em sua teoria sobre os sonhos, referindo-se a ela como "fragmentada" reclamando por elucidação. "*Estou emperrado na relação entre os dois sistemas de pensamento.*"¹⁴¹ Nas vésperas de suas férias pelo Adriático com a família, em 31 de agosto de 1898, Freud escreve:

As coisas estão indo melhor com respeito à psicologia. Encontrei a essência de meus entendimentos muito claramente explicitada em Lipps,¹⁴² talvez mais até do que eu gostaria. "Quem procura acha, freqüentemente, muito mais do que deseja." A consciência é apenas um órgão sensorial; todo o conteúdo psíquico é apenas uma representação; todos os processos psíquicos são inconscientes.¹⁴³

A base orgânica de sua psicologia em formação é tema de debate com Fliess. Freud escreve que não tem a intenção de deixar a psicologia no ar, sem uma base orgânica, porém vive um impasse quanto a esta questão, preferindo comportar-se como se "*apenas o psicológico estivesse em exame*".¹⁴⁴

De um sofrido trabalho com sua auto-análise, resulta a idéia de que "*as fantasias são produtos de períodos posteriores, e que são projetadas, a partir do que era então o presente, para épocas mais remotas da infância; a maneira como isso ocorre também veio à tona - mais uma vez, através de um elo verbal*",¹⁴⁵ relatado

¹⁴⁰ Idem. p. 314.

¹⁴¹ Idem. p. 316.

¹⁴² Professor de Munique que em seu livro *Grundrissachen des Seelenlebens (Fundamentos da vida da alma)* se utiliza da relação da consciência com a qualidade.

¹⁴³ Op. Cit. p. 326.

¹⁴⁴ Idem. p. 327.

¹⁴⁵ Idem. p. 339.

em 3 de janeiro de 1899, ao referir-se a seu texto *Lembranças encobridoras* (1899).

Nesta mesma carta, Freud faz uma importante descoberta:

Quero revelar-lhe apenas que o esquema do sonho é passível da mais genérica das aplicações e que também a chave da histeria reside, de fato, nos sonhos. Agora também entendo por que, apesar de todos os meus esforços, ainda não terminei o livro do sonho. Se esperar um pouquinho mais, conseguirei apresentar o processo psíquico dos sonhos de tal modo que também inclua o processo da formação dos sintomas histéricos. Portanto, vamos aguardar.¹⁴⁶

A teoria montada até então por Freud se baseava na sedução como um acontecimento real. Em 16 de janeiro de 1899, utiliza a expressão "chave da fantasia" para indicar sua descoberta de que a chave da neurose se encontrava nas fantasias.

Em 28 de maio de 1899, Freud considera o trabalho desenvolvido no livro dos sonhos como fruto de seu maior esforço: "*Nenhum outro de meus trabalhos foi tão completamente meu, meu próprio monte de esterco, meu arbusto*"¹⁴⁷, revelando o paralelo estabelecido com o curso de sua auto-análise. Logo em seguida, em 9 de junho do mesmo ano, afirma que o sonho visa realizar "um desejo" que adquire variadas formas. "*É o desejo de dormir! Sonhamos para não ter que acordar, porque queremos dormir.*"¹⁴⁸

No primeiro dia de agosto de 1899, Freud anuncia ao amigo Fliess que seu livro se encontra entre idas e vindas com o editor, faltando somente o último capítulo, o psicológico "*que precisa ser reelaborado, e talvez eu cuide dele em setembro (...) ele está ocupando todo o meu interesse.*"¹⁴⁹ No dia 20 de agosto,

¹⁴⁶ Ibidem.

¹⁴⁷ Idem, p. 354.

¹⁴⁸ Idem, p. 355.

¹⁴⁹ Idem, p. 364.

relata estar concluindo o item referente ao trabalho do sonho. Em 27 de agosto, lemos Freud construindo sua psicologia:

Levei ontem para o correio uma pilha de papéis manuscritos (inclusive cinquenta e seis páginas novas, interpretações de sonhos, exemplos), e já a necessidade do trabalho preparatório para o último e mais espinhoso capítulo, o psicológico, vai-se fazendo sentir; mas ainda não sei como esboçá-lo e organizá-lo. Também devo fazer algumas leituras para ele; os psicólogos, de qualquer modo, encontrarão o bastante para me repreender, mas uma coisa como essa só vem à luz da maneira que bem quer. Qualquer tentativa de torná-lo melhor do que vai saindo por si só lhe confere um caráter forçado.¹⁵⁰

Assim, Freud finaliza seu livro dos sonhos e também sua auto-análise sistemática.

A *Interpretação dos Sonhos (Die Traumdeutung)* é impressa totalmente em 20 de outubro, e em 4 de novembro de 1899 é colocada à venda, tendo o editor, a pedido de Freud, datado o livro de 1900.¹⁵¹

V.2.3 – Do neurônio ao virtual

Junto com a apresentação de seu escrito mais querido, Freud faz uma mudança radical na abordagem dos processos psíquicos, tanto na linguagem utilizada como na construção de um lugar psíquico, que funcionaria como paradigmático em relação às concepções vigentes na comunidade científica.

A abordagem da cena psíquica dos sonhos em relação à vigília, à luz do que teorizou Fechner em 1889¹⁵², leva Freud a postular a idéia de um lugar psíquico, já dentro de uma ruptura com qualquer consideração ou analogia com a neurofisiologia. Com a finalidade de visualizar as operações em jogo na cena

¹⁵⁰ Idem, p. 369.

¹⁵¹ Pereira, S. W.. "Pulsões e Origens de Pulsão: a pré-história de um conceito", p. 205.

¹⁵² Em referência à idéia de Fechner de que as representações das cenas oníricas e da realidade são diferentes, sendo considerado por Freud como a única hipótese que pode tornar um sonho inteligível. In: Sigmund Freud "A Interpretação dos Sonhos", vol. V, p.491.

onírica, Freud propõe pensarmos no "*instrumento que executa nossas funções anímicas como semelhante a um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo desse tipo.*"¹⁵³ A localidade psíquica situa-se num "entre", em algum ponto do interior deste aparelho que responderia pelos estágios preliminares da formação da imagem. A virtualidade de sua proposição fica evidenciada pela afirmação de que a imagem onírica não estaria situada em nenhum lugar palpável ou concreto deste aparelho, eliminando qualquer tipo de visão materialista para os processos oníricos.

A *Interpretação dos Sonhos* (1900), apresenta um lugar psíquico, sede do desenvolvimento dos processos inconscientes, estruturado pelas inscrições dos traços mnêmicos inconscientes, situado entre a percepção e a consciência. O conjunto desses traços trará, como consequência, uma importância clínica por representarem a singularidade do sujeito.¹⁵⁴ Porém, até que chegasse a esta conclusão, alguns problemas tiveram que ser resolvidos.

Como foi dito, o início da elaboração do texto *Interpretação dos Sonhos* (1900) ocorreu três anos antes de sua finalização, tendo sido elaborado paralelamente ao desenrolar da auto-análise de Freud. Ao longo de suas construções, o autor abandona a linguagem neurológica da metapsicologia elaborada no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895) e se aproxima de um vocabulário mais psicológico, em decorrência de sua observação clínica da histeria. A problemática psíquica dá um giro teórico, partindo dos neurônios e seus investimentos para os novos sentidos a serem interpretados, articulando desta forma, desejo e linguagem.

Freud nos alerta quanto a essa passagem da abordagem da atividade psíquica: "*Desprezarei inteiramente o fato de que o mecanismo mental em que*

¹⁵³ Ibidem.

¹⁵⁴ Chemama, R., *Dicionário de Psicanálise*, p.19.

estamos aqui interessados é-nos também conhecido sob a forma de preparação anatômica e evitarei cuidadosamente determinar a localização psíquica por qualquer modo anatômico",¹⁵⁵ idéia esta já presente desde 1895.

O abandono da linguagem neurofisiológica, entretanto, leva-o a arquitetar com maior liberdade sua nova concepção de aparelho psíquico em consonância com sua experiência clínica, e oferecê-la como resposta às inquietações surgidas nos atendimentos das histéricas. Freud recorre à metapsicologia para sustentar suas hipóteses, e é importante frisar que, apesar dos três eixos metapsicológicos serem indissociáveis – o tópico, o dinâmico e o econômico - o paradigma fundado em 1900 é predominantemente tópico. Aspectos dinâmicos e econômicos não ficam de fora, mas deslocados em importância nestes momentos inaugurais.¹⁵⁶

Apesar de se afastar do modelo do *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), Freud mantém a idéia da concepção de um aparelho reflexo. Este aparelho é uma ficção (*Fiktion*) teórica que, a exemplo de um aparelho ótico, dispõe de uma organização interna, lugares psíquicos virtuais que chamou de sistemas, voltados para uma operacionalidade em que, as excitações marcam esses lugares topicamente. Rabant (1993) nos explica por que Freud usou a idéia de aparelho:

A idéia de aparelho está ligada à de representação, particularmente de representação científica: podemos representar o que não se apresenta por si mesmo mas se traduz em seus efeitos e suas conseqüências, se manifesta como sintoma, patologia ou simplesmente mecanismo comum. Assim, do ponto de vista freudiano, aquilo que o sintoma psíquico trama em profundidade nos permanece desconhecido, mas esse desconhecido pode ser representado num aparelho sobre o qual podemos fazer experiências de pensamento: pelo jogo e a montagem de suas peças, podemos figurar a própria operação psíquica.¹⁵⁷

¹⁵⁵ Freud, S.. *ES*, vol. V, p.572.

¹⁵⁶ Birman, J.. *Por uma estilística da existência*, p.34.

¹⁵⁷ Rabant, C.. no verbete "Aparelho" do *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise – O Legado de Freud e Lacan*, p. 45.

A concepção de aparelho psíquico apresentada na *Interpretação dos Sonhos* (1900) parte de um ponto de vista diferente em relação ao *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895). Em 1900, existe um indivíduo que sonha e relata seu sonho a outra pessoa para que, juntos, busquem uma tradução (*Deutung*) do conteúdo latente, daquilo que está enunciado no discurso do sonhador como conteúdo manifesto. É para dar sustentação a este tipo de formulação que uma nova tópica do aparelho psíquico teve que ser criada.

Tanto no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895) quanto na *Interpretação dos Sonhos* (1900) os traços mnêmicos são inscritos em um sistema de facilidades. Freud concebe um aparelho que opera com autonomia, à revelia do desejo consciente do indivíduo. Para isso, a noção de recalçamento é um operador importante, sendo chamado por Freud de recusa de tradução (*Die Versagung der Übersetzung*). Os sonhos são uma forma de transposição de uma tradução pela outra, para que chegue à consciência algo que é considerado inconciliável. "É instituído então, um lugar, um estilo e uma linguagem com os quais os processos inconscientes, estruturados como uma linguagem, são comunicados."¹⁵⁸

Podemos fazer uma correlação: da mesma forma que no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895) foi necessário postular a existência de neurônios diferentes – Φ (phi) para as impressões e Ψ (psi) para a memória - em 1900 Freud cria um sistema perceptivo ligado à consciência, e um sistema inteiramente inconsciente capaz de se deixar marcar pela passagem da excitação, constituinte da memória. Note-se que esta memória, inclusive, é também composta de extratos de memória.

¹⁵⁸ Idem, p. 50.

Apesar de ser conhecida como a "1ª. tópica", Garcia-Roza (1993) aponta que esta pode ser considerada uma terceira versão do aparelho da alma (*Seeleapparat*), sendo a primeira versão apresentada em *Um Estudo sobre as Afasias* (1891) como um aparelho da fala (*Sprachapparat*) e, a segunda, no *Projeto para uma psicologia científica* (1895) como um aparelho de memória.

O aparelho das Afasias é inadequado para dar conta das noções de sobredeterminismo, divisão do sujeito e inconsciente, ultrapassando seus limites iniciais.¹⁵⁹ Neste modelo, o contato com outro aparelho de linguagem é constituinte. O aparelho não surge do contato com o mundo, mas com outra pessoa. "É apenas no seio de uma pluralidade de aparelhos de linguagem que um novo aparelho de linguagem poderá surgir."¹⁶⁰

A versão de psiquismo do "Projeto para uma Psicologia Científica" (1950[1895]) é caracteristicamente um aparelho de memória. É pela memória e enquanto memória que se constitui. Uma diferença entre este e o modelo da "Interpretação dos Sonhos" (1900) pode ser colocada como sendo que em 1895, a concepção de aparelho psíquico supõe uma partição originária entre o externo e o interno, sendo considerados os estímulos externos causadores de dor e satisfação, separando desejo e recalque. Já em 1900, o aparelho é solipsista, sendo considerado somente a dimensão interior, levando-se em conta as representações conciliáveis ou não com a consciência destas, embora articule desejo e recalque pela equivalência entre o sonho, o sintoma e o lapso.¹⁶¹

Assim, no capítulo VI da *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud formulará suas hipóteses para o texto psíquico, enquanto que, no capítulo VII, discorrerá a respeito da natureza dos sonhos e da arquitetura do aparelho psíquico, conhecido como a 1ª tópica, que abordaremos a seguir.

¹⁵⁹ Garcia-Roza, I. A., *Introdução à Metapsicologia Freudiana*, vol. 2, p.33.

¹⁶⁰ Idem, p. 31.

¹⁶¹ Contribuição feita pelo Dr. Osmyr Faria Gabbi Junior, em caráter de interlocução.

V.2.4 - O Aparelho Virtual de Freud – O Esquema da 1ª Tópica

Partindo das formas mais tradicionais de se abordar um sonho, Freud postula em seu livro que o "sonho é uma realização de desejo".¹⁶² Os capítulos subsequentes da *Interpretação dos Sonhos* (1900) dizem respeito à distorção que se opera no sonho e, em seguida, o autor se estende sobre o material e as fontes dos sonhos. Tendo elucidado estes pontos, Freud faz uma longa exposição sobre "trabalho do sonho", evidenciando a forma de operação dos processos psíquicos na formação do sonho, investigando seu conteúdo como uma "transcrição dos pensamentos oníricos".¹⁶³ Demonstra assim que, através da interpretação de uma linguagem pictórica, podemos distinguir elementos importantes que refletem a vida do sonhador, como um "quebra-cabeças pictográfico"¹⁶⁴, cheio de sentidos.

Ao decompor o sonho, Freud descobre a natureza dos processos e das modalidades existentes na formação dos sonhos. Não se trata mais de avaliar o sonho em relação somente com a vigília e qualificar como absurdo ou irreal, mas de descobrir os procedimentos que se impõem ao aparelho psíquico para que a formação do sonho aconteça. "... a justaposição das imagens, ausência de negação, todas essas notações revelam a primeira valorização da figuração e permitem nomear não somente uma realização de desejo, mas um desejo trabalhando."¹⁶⁵

O desejo realizado, servindo-se da temática dos restos diurnos, parece dispor de recursos de atemporalidade e autonomia, fazendo-nos crer que aquilo que se realiza são desejos infantis, que emergem com o cunho pulsional, trazendo a marca do recalçamento.

¹⁶² Freud, S., "A Interpretação dos Sonhos", *ES*, p. 140.

¹⁶³ *Idem*, p.270.

¹⁶⁴ *Idem*, p. 271.

¹⁶⁵ David-Ménard, M., in: *Dicionário enciclopédico Freud – Lacan*, p.116.

O trabalho da condensação e do deslocamento, bem como a figurabilidade, serão considerados em relação aos aspectos econômicos, representados pela abordagem dos afetos nos sonhos, servindo de solo firme para, enfim, se apresentar uma *Psicologia dos processos oníricos*, inauguradora de um novo campo de saber.

[Não há] nenhum conhecimento psicológico estabelecido a que possamos subordinar aquilo que o exame psicológico dos sonhos nos habilita a inferir como base de sua explicação. Pelo contrário, seremos obrigados a formular diversas novas hipóteses que toquem provisoriamente na estrutura do aparelho psíquico e no jogo das forças que nele atuam.¹⁶⁶

O aparelho psíquico proposto não é somente um aparelho de sonhar, mas também de memorizar, de falar, de imaginar etc.¹⁶⁷ Sua organização é composta de "instâncias" (*Instanzen*) "ou (em prol de uma clareza maior) 'sistemas' (*System*)."¹⁶⁸ Apesar dos termos "instância" e "sistema" serem inicialmente utilizados como equivalentes, haverá uma predileção, no texto, pela palavra "sistema", ficando "instância" para a 2ª tópica. Uma outra diferença é proposta por Garcia-Roza (1993), que recomenda o uso da palavra sistema para se referir ao atravessamento da excitação em um elemento do aparelho, e instância para se referir a uma função desse elemento, por exemplo, a censura.

A espacialidade e a temporalidade são utilizadas na construção do aparelho de 1900 para afirmar que o curso da excitação tem um sentido e percorre lugares diferentes segundo uma ordem temporalmente determinada. A representação espacial visa dar conta do elemento temporal. Garcia-Roza (1993) escreve:

O importante é termos em conta que os sistemas se dispõem numa seqüência, de tal modo que sejam percorridos pela excitação segundo uma determinada série. O fundamental nessa seqüência não é tanto seu caráter espacial mas sim

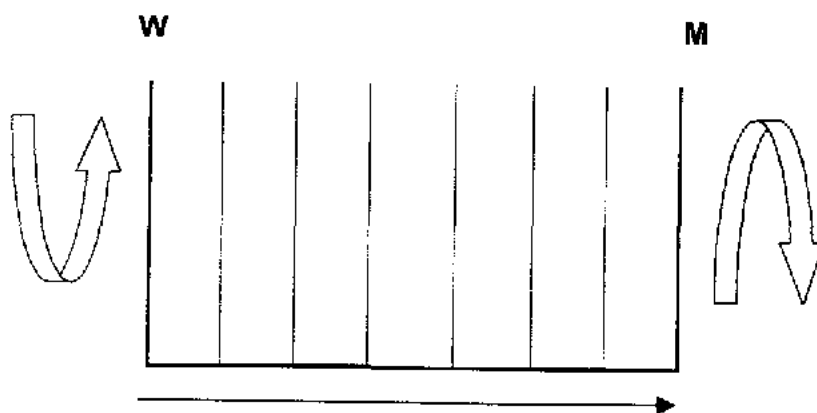
¹⁶⁶ Freud, S., "A Interpretação dos Sonhos", p. 469.

¹⁶⁷ Garcia-Roza, L. A., *Introdução à Metapsicologia Freudiana*, p. 154.

¹⁶⁸ Freud, S., "A Interpretação dos Sonhos", p.492.

sua disposição temporal. A espacialidade está a serviço da temporalidade, seu papel é o de garantir a direção do funcionamento do aparelho. Trata-se de uma tópica temporal.¹⁶⁹

Até então, Freud escreve sobre os lugares psíquicos. Agora passa a afirmar que os sistemas psíquicos são designados como componentes do aparelho proposto, relacionando-se entre si. A primeira formulação (fig. 1) assim se refere ao sentido operacional deste aparelho: a excitação parte do sistema perceptivo (*Wahrnehmung*) e termina na extremidade motora (*Motilität*), numa nitida referência à tendência à descarga. Em seu esquema inicial, são apontados o sentido da descarga e a transformação em atividade motora de uma excitação (interna ou externa) percebida por este aparelho, forma análoga a que já utilizara no modelo do arco reflexo, apresentado em 1895.

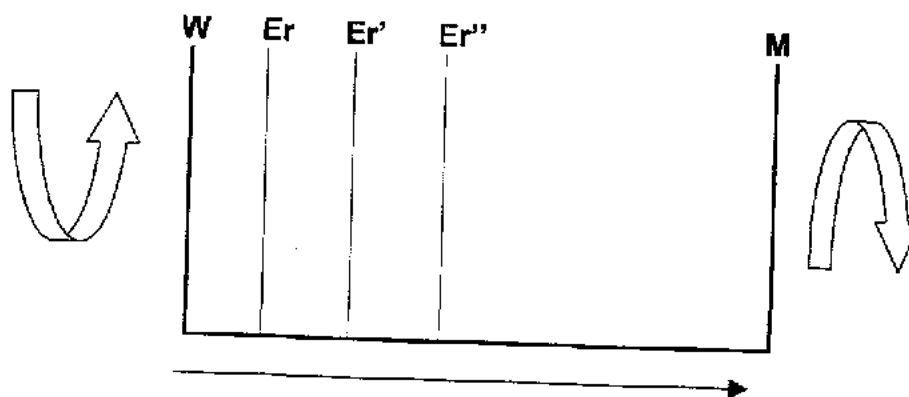


(Fig. 1) **W** = *Wahrnehmung* (percepção); **M** = *Motilität* (motilidade)

Por razões já apresentadas, este aparelho deve ser capaz de memória. Para isto, Freud introduz uma primeira modificação no pólo aferente do aparelho, (Fig. 2) ou seja, no pólo perceptivo, de característica permeável, já que uma mesma parte do aparelho não pode perceber e reter ao mesmo tempo.

¹⁶⁹ Garcia-Roza, L. A. *Introdução à Metapsicologia Freudiana*, p. 158.

Assim, de acordo com o princípio que norteia nosso experimento, atribuiremos essas duas funções a sistemas diferentes. Suporemos que um sistema logo na parte frontal do aparelho recebe os estímulos perceptivos, mas não preserva nenhum traço deles, e, portanto, não tem memória, enquanto, por trás dele, há um segundo sistema que transforma as excitações momentâneas do primeiro em traços permanentes.¹⁷⁰



(Fig.2) Er = Erinnerungsspur (traço mnêmico); Er, Er', Er'' = sistemas mnêmicos

Diferentemente da percepção, todo o material mnêmico é inconsciente, "em si mesmo". Neste ponto, uma importante observação é feita por Freud: esses materiais inconscientes (adjetivamente) podem tornar-se conscientes, mas enquanto isso não acontece, produzirão uma série de efeitos. E acrescentará que nem todo o material que se encontra inconsciente se tornará consciente. As marcas deixadas em nossa primeira infância são precisamente as que quase nunca se tornam conscientes. Revendo o descrito na *Carta 52* (1896), onde apontava a importância da memória como característica deste aparelho, na *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud se refere à memória como fundante deste aparelho. "Não há, primeiro, um aparelho psíquico e, em decorrência do seu funcionamento, uma memória; mas

¹⁷⁰ Freud, S., "A Interpretação dos Sonhos", p. 493.

ao contrário, o que é primeiro é a memória e em decorrência dela surge o aparelho psíquico"¹⁷¹

Tem-se, assim, a estrutura do aparelho psíquico em formação retendo as primeiras fixações e criando as diferenciações funcionais entre percepção e retenção. Rudge (1976) aponta um critério utilizado por Freud na 1ª tópica, em que no Ics estão abrigadas as inscrições mais antigas e, no Pcs, as mais recentes.¹⁷² Com forte influência da teoria evolucionista de Hughlings Jackson, "o Ics abriga conteúdos arcaicos e pertencentes a um nível de funcionamento mais simples, e o Pcs conteúdos recentes processados em um nível de funcionamento superior". Ainda dentro da ótica evolucionista jacksoniana, a censura seria, "não como um sistema ou entidade, mas como um efeito da inibição que o sistema Pcs impõe ao funcionamento do sistema Ics."¹⁷³

Freud alerta que o estudo do outro pólo, o motor, elucidará as questões relativas ao sonho. Esse aviso coloca em evidência a função da censura como uma instância crítica que excluiria da consciência determinados conteúdos inconscientes. Cabe também à censura a responsabilidade pelas "ações voluntárias e conscientes"¹⁷⁴ da vida de vigília. A instância crítica portanto, está situada próxima à extremidade motora, como havia previamente anunciado.

Desta forma, o aparelho psíquico proposto ganha uma nova modificação (Fig.3) em sua estrutura e nomenclatura: o Pré-consciente, organizado de maneira a ligar as representações-objeto às representações-palavra, é o sistema responsável pelo movimento voluntário (como possibilidade de descarga) e pela penetração de determinados conteúdos na consciência (em sua função crítica). O Inconsciente

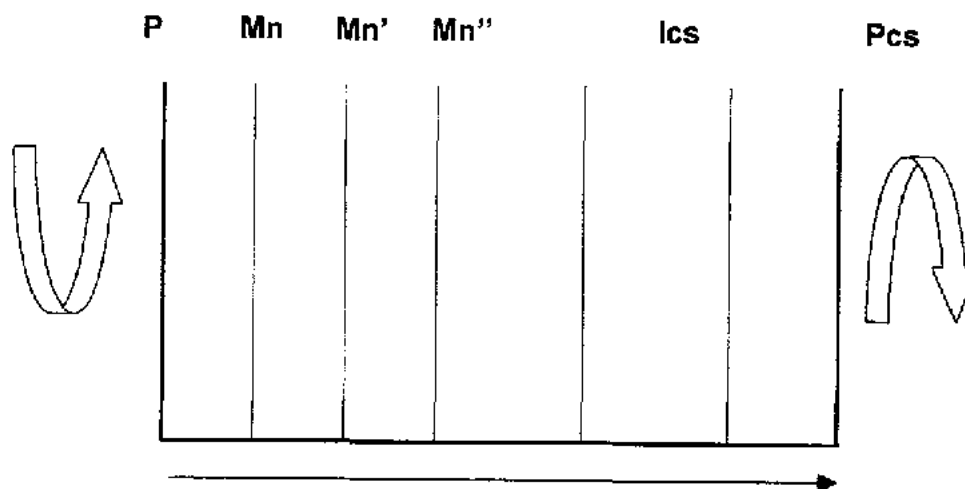
¹⁷¹ Garcia-Roza, I. A., *Introdução à Metapsicologia Freudiana*, p. 161.

¹⁷² Rudge, A. M., *O conceito de regressão na teoria freudiana*, p. 10.

¹⁷³ *Ibidem*.

¹⁷⁴ Freud, S., "A Interpretação dos Sonhos", p. 495.

(aqui substantivado), sem acesso direto à consciência, necessita da aprovação do Pré-consciente para que a excitação siga seu curso, sendo o material inconsciente obrigado a se submeter, para isso, a algumas modificações. O Consciente é estabelecido como um sistema que os processos psíquicos têm o objetivo de alcançar.



(Fig. 3) P = Percepção; Mn, Mn', Mn'' = sistemas mnêmicos; lcs = sistema Inconsciente; Pcs = sistema pré-consciente

Joël Dor (1993) nos faz uma interessante descrição dos sistemas nessa nova arquitetura do aparelho:

O lcs é circunscrito como um sistema radicalmente separado, pela instância da "primeira censura", do sistema Pcs, ele próprio dissociado do sistema Cs pela "segunda censura". O Pcs fica como uma instância-tampão entre o Cs e o lcs. Ele constitui, no sentido descritivo da palavra, um inconsciente "segundo", essencialmente provisório, portanto latente, sempre suscetível de se tornar consciente. É o lugar das representações-palavra sujeitas ao funcionamento do processo psíquico secundário. O Pcs intervém segundo uma tríplice ação: **proibidor**, ele bloqueia o acesso direto à consciência dos materiais recalçados do lcs; **regulador**, sintetiza a transformação da energia psíquica livre em energia ligada; **permissivo**,¹⁷⁵ autoriza, sob certas reservas prescritas pela censura, o retorno de representações inconscientes à atividade consciente do sujeito. Freud enfatiza a dimensão dinâmica do aparelho psíquico, como a função econômica, ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa, de cada uma de suas instâncias,

¹⁷⁵ Os grifos são nossos.

para melhor marcar sua coesão e a perseverança do trabalho que as anima respectivamente.¹⁷⁶

A topografia proposta para o aparelho psíquico, até o momento, não dá conta do sonho, sendo a ênfase colocada no percurso da excitação, na formação de representações (*Vorstellungen*). Pelo fato de não haver passagem automática do material inconsciente para a consciência, Freud irá supor a existência de uma instância criticada e de outra, criticante, o que promove uma outra modificação em seu esquema do aparelho psíquico. Visualizado em um plano horizontal, o estímulo é detectado pelo sistema perceptivo e cria, pela passagem da estimulação, traços mnêmicos (*Erinnerungsspuren*) no sistema Inconsciente, já habitado pelos conteúdos representacionais (instância criticada), onde serão submetidos à instância criticante do Pré-consciente, para que consigam acesso à Consciência. A ligação do material inconsciente a um resto verbal não garante sua chegada à Consciência mas é uma condição de possibilidade para se tornar consciente.¹⁷⁷ Kaufmann (1993) escreve:

Nas últimas páginas de *A Interpretação dos Sonhos*, publicada em 1900, está exposta a idéia de que os processos de pensamento, isto é, os atos de investimento suficientemente distanciados das percepções, são em si mesmos desprovidos de qualidade e inconscientes; só adquirem aptidão para se tornarem conscientes quando associados aos restos das percepções de palavra. Ora, as representações de palavra, por sua vez, provêm da percepção sensorial, da mesma maneira que as representações de coisa (...) essas representações verbais são traços mnêmicos: outrora foram percepções e, como todo traço mnêmico, podem voltar a ser conscientes.¹⁷⁸

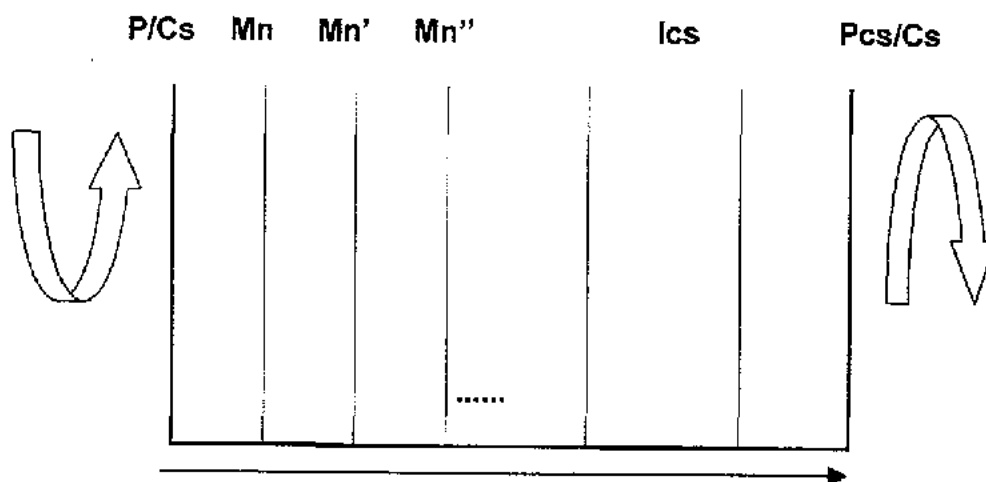
Em uma nota de rodapé, datada de 1919, Freud faz uma modificação de seu esquema plano, problematizando o fato de o sistema perceptivo e o consciente

¹⁷⁶ Dor, J., in: *Dicionário enciclopédico de Freud – Lacan*, p. 265.

¹⁷⁷ Kaufmann, P. *Dicionário enciclopédico de Freud – Lacan*, p.94.

¹⁷⁸ Idem, p.95-96.

estarem em localidades opostas. Esta retificação de seu esquema (Fig. 4) atribui a Consciência ao sistema perceptivo, tornando-se desta forma tubular.



(Fig. 4) P/Cs = sistema percepção/consciência; Mn, Mn', Mn'' = sistemas mnêmicos; Ics = inconsciente; Pcs/Cs = sistema pré-consciente/consciente

Assim, podemos ler:

Se tentássemos ir mais adiante com este quadro esquemático, no qual os sistemas se dispõem em sucessão linear, teríamos de nos haver com o fato de que o sistema seguinte ao Pcs é aquele a que se deve atribuir a consciência, ou seja, que Pcpt. = Cs.¹⁷⁹

A correção posterior ao escrito, que se pretendia esclarecedora – e o será somente com a 2ª tópica, onde percepção e consciência são um mesmo sistema – torna-se problemática. Todo o esquema proposto denota um sentido determinado, progressivo-regressivo dos processos psíquicos, fazendo com que a proposta topográfica circular pareça ser um obstáculo a essa compreensão. Sua apresentação do mecanismo da regressão revelará o modo de funcionamento deste aparelho. Para isso, o modelo do sonho passa a ser seu eixo de análise.

¹⁷⁹ Freud, S. "A Interpretação dos Sonhos", vol. V, p. 496.

O impulso aos sonhos se localiza no sistema Inconsciente. É aqui que se situa o desejo, com necessidade de se ligar aos pensamentos oníricos do Pré-consciente. Sua afirmativa é de que o desejo onírico, "*força propulsora da formação dos sonhos*"¹⁸⁰ é dado pelo Inconsciente. Sendo assim, este sistema é o ponto de partida para a formação dos sonhos.

— Durante o dia, a censura do Pré-consciente realiza seu trabalho, impedindo que o material inconsciente tenha acesso ilimitado à Consciência. Durante a noite, os mesmos pensamentos em forma onírica, alcançam o sistema consciente, tendo, para isso, que sofrer alguma modificação. Esta modificação é a resposta à questão de que, se durante o sono a censura diminui é porque as portas da motilidade estão fechadas, ela não desaparece.

O caráter alucinatório característico do sonho é dado por seu cunho regressivo. Ao explicar que a excitação se move para trás, Freud introduz um novo sentido à excitação, em direção ao sistema perceptivo, num caminho de refluxo (*rückläufig*) produtor de alucinação. Tomando como exemplo os sonhos alucinatórios, Freud postula que este caráter é resultado de uma inversão de sentido, propagando a excitação em direção ao pólo sensorial, configurando uma regressão (*Regression*) tópica que,

... onde quer que ocorra, é efeito da resistência que se opõe ao avanço de um pensamento para a consciência pela via normal, e de uma atração simultânea exercida sobre o pensamento pela presença de lembranças dotadas de grande força sensorial.¹⁸¹

Freud distingue a existência de três tipos de regressão:

¹⁸⁰ Ibidem.

¹⁸¹ Idem, p. 501.

a) regressão tópica, no sentido do quadro esquemático dos sistemas Ψ que explicamos atrás; b) regressão temporal, na medida em que se trata de um retorno a estruturas psíquicas mais antigas; e c) regressão formal, onde os métodos primitivos de expressão e representação tomam o lugar dos métodos habituais. No fundo, porém, todos esses três tipos de regressão constituem um só e, em geral, ocorrem juntos, pois o que é mais antigo no tempo é mais primitivo na forma e, na tópica psíquica, fica mais perto da extremidade perceptiva.¹⁸²

Os processos psíquicos podem, assim, ter um sentido progressivo e outro regressivo.

Desta forma, o trabalho onírico é apresentado por Freud como processos psíquicos no interior do aparelho psíquico, montado para, hipoteticamente, responder às suas indagações a respeito da formação dos sonhos. A noção de regressão está intimamente ligada ao modo pelo qual é concebido o esquema do aparelho psíquico. Freud escreve que a regressão traz ao sonhador a possibilidade de se aproximar das experiências mais precoces da infância, que mantêm um registro pulsional muito forte, servindo de atração (*Anziehung*) para o material sonhado, levando o sonhador a vivê-las em seu modo de funcionamento mais primitivo.

A ruptura epistemológica que Freud causa com o esquema proposto na 1ª tópica está na concepção do homem que não se possui, nem sabe de si. Cria-se, com sua descoberta, uma idéia de um ser psiquicamente assujeitado, por uma realidade que percebe como irracional, da qual só pode ter notícias por seus efeitos.

Freud, com sua "mais valiosa descoberta", enfatiza a possibilidade de apresentar, a partir do sonho, um primeiro esboço do aparelho psíquico. Corroborando o valor dado por Freud a esta tópica, cito J. Laplanche:

¹⁸² Ibidem.

Falar de uma primeira tópica, falar de um primeiro sistema freudiano como se tratasse única e essencialmente de um sistema é, na verdade, tornar as coisas insípidas. Sem dúvida, Freud empenha-se em descrever o funcionamento do que não vacila em chamar "o aparelho da alma" ou "aparelho psíquico", uma verdadeira "máquina". Mas o que cumpre ver, o que conta, para além de um belo funcionamento e de uma descrição incessantemente refinada das peças de maquinaria, é a descoberta, no começo, em nós, de algo radicalmente outro, que funciona sem o nosso acordo e nos determina em toda uma série de processos considerados, até então, como fracassos, como refúgios do ser, quer se trate de sonhos, atos falhos ou sintomas. Descoberta de um outro radical em nós; não no sentido em que se contraiu o hábito de usar a maiúscula, no "Outro" (o da "Palavra" ou da "Lei" ...), mas um outro neutro, uma "outra coisa". Essa "outra coisa" (*ein Anderes*) no psíquico, é o termo que Freud retomará explicitamente no texto onde introduz o id¹⁸³.

Consideraremos agora o percurso freudiano em direção à sua "2ª. tópica" com a qual Freud procurou dar conta de alguns impasses encontrados desde 1900.

V.3 - Os impasses de um percurso¹⁸⁴

V.3.1 – O Percurso

A partir de 1900, muitos são os caminhos que nos levam até 1923, quando Freud apresenta um aparelho psíquico composto de três instâncias (*Instanzen*): o Eu, o Isso e o Supereu. Essa nova configuração do aparelho foi sendo apresentada como resultado de impasses criados pela 1ª. tópica, que se mostrava inoperante para explicar determinadas questões teóricas e clínicas.

Escolhemos um eixo de análise para a demonstração deste percurso que ressaltará três importantes momentos: o conceito de narcisismo, a postulação da pulsão de morte e a constituição do Eu.

Freud formula a 1ª tópica atribuindo diferentes modos de funcionamento às partes envolvidas no conflito psíquico: os processos psíquicos primários e os secundários.

¹⁸³ Laplanche, J., *O Inconsciente e o Id*, p.122.

¹⁸⁴ Este capítulo consta de muitas observações feitas nas aulas da Profª. Suelena Werneck Pereira, proferidas na SPCRJ.

Em 1911, Freud escreve o artigo *Formulação sobre os dois princípios do funcionamento mental*, fazendo uma distinção entre eu-prazer e eu-realidade. É importante ressaltar que Freud não está designando duas formas de eu, mas definindo dois modos de funcionamento das pulsões, sobretudo das pulsões do eu, tendo como referência direta o Princípio do Prazer e o Princípio de Realidade, respectivamente, marcando neste ponto uma oposição. Este tema será retomado em outros textos freudianos.

Em *Pulsões e Destinos da Pulsão* (1915), Freud apresentará em uma perspectiva genética a oposição entre sujeito e objeto, considerando o sujeito como o eu e o objeto como o mundo externo. Primeiramente, temos o eu-realidade inicial, em que o sujeito coincide com o que é agradável, e o mundo, com o que é indiferente. O eu-realidade primitivo ou eu-realidade original ou inicial designa um eu pré-psíquico, funcionando segundo critérios sensoriais. Sua distinção é entre o dentro e o fora, se baseia numa aptidão do corpo do sujeito, representado por sua musculatura, de poder ou não fugir dos estímulos externos através de uma ação muscular. Frente aos estímulos internos, não se consegue fugir. Assim, se estabelece com o mundo externo um primeiro modo de relação, baseado em critérios objetivos.

Numa etapa posterior, a oposição se dá de outra maneira: o que é agradável coincide com o que é o eu, e a criança se interessa somente por aquilo que percebe como sendo um si mesmo. O que é externo lhe é inteiramente indiferente, compreendendo a oposição amar X indiferença. Este eu é designado por Freud como o eu-prazer, já propriamente psíquico, visto que se encontra comprometido com o prazer, já funcionando segundo o Princípio do Prazer.

É importante destacar que em 1911 Freud já apresentara o eu-prazer, que depois evolui para o eu-realidade. Em 1915, em *Pulsões e Destinos da Pulsão* acrescenta um eu-realidade primitivo, seguido do eu-prazer, para depois falar de um eu-realidade definitivo. O que Freud quer dizer é que, antes que o sujeito chegue a essa posição de eu-puro-prazer, sob o domínio das pulsões, submetido ao Princípio do Prazer, ele já possui critérios objetivos para distinguir o dentro e o fora, constituindo o que ele chamou de eu-realidade primitivo.

Ao lado da apresentação dessas modificações operadas no eu, Freud examina o desenvolvimento da libido. Têm-se modos diferentes de colocação libidinal que vão do auto-erotismo ao amor objetal. Assim, ele escreve:

Enquanto o ego passa por transformações, de ego-prazer para ego-realidade, os instintos sexuais sofrem as alterações que os levam de seu auto-erotismo original, através de diversas fases intermediárias, ao amor objetal a serviço da procriação.¹⁸⁵

Sob o ponto de vista econômico, a sucessão do Princípio de Prazer para o Princípio de Realidade consiste na transformação de uma energia livre em energia ligada. Do ponto de vista tópico, caracteriza o sistema pré-consciente/consciente e, em termos dinâmicos, a ligação da energia significa a possibilidade de adiamento de descarga e do pensamento.

Dentro do esquema da 1ª tópica, tudo se encontra bastante definido e arrumado. A dualidade pulsional é bem estabelecida e cada grupo de pulsões apresenta sua energia própria: as pulsões sexuais têm a libido e as pulsões do eu, o interesse, ou seja, há uma oposição pulsional com uma oposição de energias.

É este cenário que será perturbado com a introdução do conceito de

¹⁸⁵ Freud, S., "Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental", p.284.

narcisismo, em 1914, que integra os artigos metapsicológicos. É curioso notar que, apesar de tê-lo escrito antes dos artigos nomeados como a *Metapsicologia*¹⁸⁶, Freud pareceu ignorar os impasses criados com este artigo, mantendo a mesma dualidade pulsional de forma imperturbável, apesar da introdução do conceito de narcisismo implicar a queda desta oposição, já que é o investimento libidinal no eu que justifica o cuidado de si.

Em *Além do Princípio do Prazer* (1920) Freud apresenta uma nova hipótese que lhe custa ter que adaptar toda a teoria elaborada até então. A hipótese se refere a um tipo de procedimento do aparelho psíquico, originário e primitivo, anterior mesmo à instalação do Princípio do Prazer, que contraria este princípio funcional, nos fazendo pensar num tipo de operação primitiva em que o aparelho tinha como única tarefa a dominação das excitações que chegavam até ele.

V.3.2 - Os impasses

Freud inicia o artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) partindo do ponto de vista do narcisismo como uma perversão sexual, uma conduta do indivíduo que trata seu próprio corpo como objeto de satisfação sexual. Em suas palavras:

O termo narcisismo deriva da descrição clínica e foi escolhido por Paul Näcke em 1899 para denotar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado – que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através dessas atividades.¹⁸⁷

Apesar de tratar inicialmente o narcisismo como uma perversão, Freud

¹⁸⁶ Os comentadores biógrafos de Freud apontam uma singular situação que podemos associar a este fato. Freud, pensando estar acometido de grave doença e que morreria breve, apressou-se em deixar seu legado teórico completo, tendo escrito todos os textos metapsicológicos, embora não os tenhamos por completo pois alguns se perderam.

¹⁸⁷ Freud, S., "Sobre o narcisismo: uma introdução", p.89.

reconhece que traços deste comportamento são encontrados em outras afecções psíquicas, deixando, assim, de ter um caráter patognomônico. Introduce também a idéia do narcisismo ser um tipo de "localização da libido"¹⁸⁸ presente no desenvolvimento normal do ser humano. Esses enunciados são uma consequência de sua investigação fora do campo das neuroses, ou seja, no campo das afecções narcísicas, como a demência precoce de Kraepelin ou a esquizofrenia de Bleuler.¹⁸⁹

Freud, ao indicar que o narcisismo é uma espécie de complementação libidinal do egoísmo inerente às pulsões de autoconservação, sendo atribuível a qualquer ser vivo, alarga as fronteiras de seu estudo e, conseqüentemente o campo da investigação psicanalítica.

Analisa a reação humana frente à frustração, concluindo que, nos neuróticos, a retirada dos investimentos libidinais incestuosos acarreta um novo investimento na fantasia, nos objetos imaginários, ao qual dá o nome de "*introversão da libido*"¹⁹⁰, termo que considera ser indiscriminadamente usado por Jung, mas que dele toma de empréstimo.

Nos parafrênicos, não é isso que acontece. A libido retirada dos objetos vai investir a representação que o indivíduo tem do próprio eu, transformando a libido objetal em libido narcísica, em vez de investir os objetos da fantasia, como fazem os neuróticos. Numa operação posterior, os parafrênicos poderão reconstituir suas ligações com o mundo externo através da atividade delirante. //

A importância dessas observações para o presente estudo é que, pela postulação de uma libido objetal e uma libido narcísica, Freud discerne um narcisismo primário e um narcisismo secundário. Este último é resultado do refluxo //

¹⁸⁸ Ibidem.

¹⁸⁹ Idem. p.90.

¹⁹⁰ Ibidem.

da libido objetal para o eu, como um retorno ao que existia anteriormente ao investimento dos objetos. Nesta abordagem da teoria da libido, Freud introduz uma grande modificação, ressaltando a genealogia do eu ao afirmar que inicialmente não existe um eu unificado. Os primeiros investimentos libidinais provenientes do auto-erotismo dirigem-se ao próprio corpo. Ao somar-se a isso uma nova ação psíquica, um eu unificado surgirá. O desdobramento dessas novas elaborações resulta em questões que exigem uma reformulação metapsicológica:

[Em primeiro lugar] qual a relação entre o narcisismo de que tratamos e o auto-erotismo que descrevemos como um estado inicial da libido? Em segundo, se concedemos ao eu uma catexia primária da libido, por que há a necessidade de distinguir ainda uma libido sexual de uma energia não-sexual das pulsões do eu? A postulação de uma única espécie de energia não nos pouparia de todas as dificuldades que residem em diferenciar uma energia das pulsões do eu da libido do eu, e a libido do eu da libido objetal?¹⁹¹

A primeira parte do questionamento freudiano resulta de sua nova concepção do eu como formado a partir de um investimento libidinal:

... uma unidade comparável ao eu não pode existir no indivíduo desde o começo; o eu tem de ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo.¹⁹²

A pergunta que Freud se faz então, é: se admitimos um investimento primário libidinal no eu, qual a necessidade de se manter uma distinção entre libido sexual e uma energia não-sexual das pulsões egóicas, chamada interesse?

A manutenção desta dualidade pulsional se apoia na biologia, ao levar em conta as pulsões do eu como de autoconservação. Tendo abandonado esta referência, Freud se vê forçado a buscar uma nova teoria da libido. A distinção entre

¹⁹¹ Idem, p.93.

¹⁹² Ibidem.

libido do eu e libido objetal fica compreendida como um corolário da dualidade pulsões do eu e pulsões sexuais, mas indica que não há mais uma distinção clara entre essas duas pulsões, já que a autoconservação dependerá do investimento libidinal que se dirige ao eu como se este fosse um objeto.

Freud afirma que o primeiro objeto investido pela libido é o próprio eu. Fica assim marcada a grande novidade teórica apresentada por Freud: o eu é libidinal desde sua constituição.

Tendo chegado a esta conclusão a partir do exame das psicoses, Freud percebe que determinadas perturbações afetam a distribuição da libido, e passa a examinar a doença orgânica, a hipocondria e a vida erótica dos seres humanos, supondo que, com este procedimento, poderia entender melhor o narcisismo.¹⁹³

Apesar da posição frágil em que o advento do narcisismo coloca a dualidade pulsional vigente, Freud insiste no modelo da 1ª tópica, criando nas pulsões sexuais uma subdivisão conforme o objeto que a libido investe. Ao investir o eu, as pulsões sexuais são narcísicas e, ao investir os objetos, as pulsões sexuais são objetais. Mantém ainda a oposição fundamental destas à pulsão do eu, não-sexual, origem do conflito.

Uma importante observação deve ser feita em relação aos objetos investidos. As pulsões do eu, voltadas para a conservação do indivíduo, também investem os objetos, diferenciando-se das sexuais quanto à finalidade. Enquanto uma visa a conservação do sujeito, a outra visa o prazer. Neste sentido é que se torna bastante difícil manter o interesse como energia das pulsões do eu pois, sendo o eu constituído pelas pulsões sexuais, na posição de seu primeiro objeto, como explicar

¹⁹³ Idem, p.98.

uma origem desta outra energia que não seja a sexual? É a partir do eu que a libido se dirige aos objetos, é lógica a idéia de ser o eu um reservatório da libido.

Só no artigo *Além do Princípio do Prazer* (1920), surge a 2ª. teoria pulsional, postulando uma nova oposição e resolvendo os impasses colocados pelo narcisismo.

Uma outra questão ficara sem resposta no artigo de 1915, *As Pulsões e destinos da pulsão*, quando Freud faz derivar o ódio do eu. Se o eu é constituído como sexual, como derivar dele a destrutividade, já que não é possível que venha da sexualidade? Dentro desse contexto marcado pelas interrogações, ele relaciona o eu com o mundo externo e indica que a primeira forma de lidar com o mundo externo é a indiferença.

A primeira relação de indiferença subordina-se posteriormente ao ódio, quando os objetos entram, rompendo a redoma narcísica originária. Mais tarde, em 1920, Freud dirá que as pulsões agressivas abrem caminho para os objetos, que são fonte de desprazer e desagrado e se constituem em alvo das pulsões destrutivas.

Freud consegue explicar a relação de amor e de ódio com os objetos nos seguintes termos: o amor é a expressão de um sentimento de atração pelo objeto gerador de prazer, e a repulsão é originada do ódio que sentimos pelos objetos que são fonte de desprazer.

Desta forma, Freud aponta sua dificuldade teórica com a 1ª tópica:

É digno de nota que no uso da palavra "ódio" não aparece essa conexão íntima com o prazer sexual e a função sexual. A relação de desprazer parece ser a única decisiva... Realmente, pode-se asseverar que os verdadeiros protótipos da relação de ódio se originam não da vida sexual, mas da luta do eu para preservar-se e manter-se.

Vemos, assim, que o amor e o ódio, que se nos apresentam como opostos completos em seu conteúdo, afinal de contas não mantêm entre si uma relação

simples. Não surgiram de uma entidade originalmente comum, mas brotaram de fontes diferentes, tendo cada um deles se desenvolvido antes que a influência da relação prazer-desprazer os transformasse em opostos.¹⁹⁴

Freud necessita de outra postulação para a destrutividade. *Pulsão e destinos da pulsão* (1915) é o último texto teórico em que faz referência à dualidade pulsional da 1ª tópica. Tendo que buscar outra fonte para a destrutividade, cujas manifestações clínicas o intrigavam, Freud virá a postular a existência da pulsão de morte em 1920, virada que passamos agora a examinar mais detidamente a seguir.

Freud começa a redigir o texto *Além do Princípio do Prazer* em março de 1919 e termina em maio do mesmo ano. Neste mesmo mês, termina de escrever "O Estranho", publicado no outono deste ano, texto em que, ao examinar a compulsão à repetição como um fenômeno manifesto na conduta da criança e no tratamento psicanalítico, chega bem perto do núcleo das idéias que serão postuladas em *Além do Princípio do Prazer*. Em setembro de 1919 o manuscrito já se encontra pronto, mas Freud o retém por um ano para que seus parceiros o leiam, entre eles Eitingon, a quem, numa carta de fevereiro de 1920, fala das pulsões de morte. Ainda em 9 de setembro de 1919, profere uma conferência perante o Congresso Psicanalítico Internacional de Haia, com o título *Suplementos à teoria dos sonhos* e menciona o livro a ser publicado. Nesta conferência, Freud se refere aos sonhos de punição como realização de desejo da instância crítica, e aos sonhos traumáticos dos acidentados e dos analisandos, citando o artigo *Além do Princípio do Prazer*. A compulsão à repetição, além de fenômeno clínico, assume aqui as características de uma pulsão, indicando algo novo a ser postulado.

¹⁹⁴ Idem, p. 159/160

Em 16 de junho de 1920 apresenta o resumo do artigo para a Sociedade Psicanalítica de Viena e, finalmente, publica-o em julho desse ano.¹⁹⁵

A relevância deste artigo para nosso estudo é que, a partir dele, uma reformulação na arquitetura do aparelho psíquico é exigida para dar conta dos novos achados clínicos e contradições na teoria, modificações estas que irão perdurar até os últimos escritos freudianos.

Assim, Freud inicia seu texto com a incumbência de se desembaraçar de dois impasses: o problema da dualidade pulsional insustentável entre libido e interesse, e como fazer derivar do eu a destrutividade.

Os dois termos da primeira dualidade pulsional em sua primeira teoria vão fazer parte de Eros, apresentado como pulsão de vida. A primeira coisa que desaparece é a idéia de uma energia distinta da libido. O interesse como energia das pulsões do eu não encontra mais sustentação teórica.

Ao introduzir a pulsão de morte, Freud quer inicialmente postular uma outra energia, distinta da libido, talvez por temer o monismo pulsional, mas, ao não fazê-lo, acaba por incorrer num monismo energético. Tudo é libidinal. A posição freudiana fica sendo a de que existem duas pulsões, trabalhando com a energia libidinal. Estas pulsões são diferentes em seus modos de operação visando objetivos diferentes. Com isso, há uma radicalidade nessa oposição final. Enquanto Eros visa realizar ligações e fazer unidades cada vez mais complexas, a pulsão de morte visa desligar, formando unidades mais simples. O que é novo nesta postulação é a idéia de que a vida psíquica é o resultado de uma mescla pulsional. /

A argumentação de Freud começa por destacar o ponto de vista econômico. Inicialmente, em seus escritos, Freud afirma se apoiar numa primazia do Princípio do

¹⁹⁵ Freud, S.. "Além do Princípio do Prazer", p. 13-16.

Prazer sobre a vida psíquica, afirmação que defende desde o *Projeto* de 1895. Freud conclui agora, a partir de suas observações clínicas, que o Princípio do Prazer funciona como uma tendência, muito mais do que como um princípio, pois, enquanto tendência, é contrariado. Há algo além do Princípio do prazer, podendo ser considerado como anterior ao funcionamento deste.

Deve-se, contudo, apontar que, estritamente falando, é incorreto falar de dominância do princípio do prazer sobre o curso dos processos mentais. Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos mentais teria que ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, ao passo que a experiência geral contradiz completamente uma conclusão desse tipo. O máximo que se pode dizer, portanto, é que existe uma tendência no sentido do princípio do prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas outras forças ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer.¹⁹⁶

O foco inicial das observações de Freud é o fenômeno da compulsão à repetição, observado em três exemplos: na brincadeira infantil, na transferência e nos sonhos das neuroses de guerra. São fenômenos da clínica que sugerem que o sujeito não busca o prazer.

Analisando a transferência, Freud percebe que os pacientes resistem à recordação, repetindo o material recalado como se fosse uma experiência contemporânea. Ora, a compulsão à repetição leva a repetição de eventos que, historicamente, nunca trouxeram prazer ao sujeito mas, pelo contrário, sempre o conduzem ao sofrimento.

A mesma compulsão encontrada nas neuroses também ocorre nas relações amorosas dos indivíduos, nas neuroses de guerra e nas brincadeiras infantis, embora cada um desses casos tenham uma explicação diferente para a descarga

¹⁹⁶ Idem. p.20.

que as envolve. Tais situações envolvem a repetição do que é desagradável, sendo este o aspecto que procuramos destacar.

Através da análise deste artigo, algo muda substancialmente na direção do tratamento psicanalítico. No início de sua teorização, referida à clínica da histérica, objetivo de tal é tornar o material inconsciente em consciente, levando-se em conta que o inconsciente é composto de material recalçado. Notamos agora uma inflexão teórica que aparece. Cabe também ao aparelho psíquico um procedimento novo: inscrever determinados efeitos da vida pulsional, que pressionam o aparelho psíquico por representação, para funcionar associativamente, aí sim, segundo o princípio do prazer. Mais tarde, em 1923, Freud atribuirá ao Isso essas exigências. A clínica passará a ter como objetivo conseguir incluir a repetição do desprazer no registro do prazer.

Em algumas situações clínicas, Freud observa o procedimento pulsional a que chamou de compulsão à repetição e se pergunta: "*Mas como o predicado de ser "instintual" se relaciona com a compulsão à repetição?*" Sua resposta será atribuir às pulsões este modo de funcionamento, de caráter universal.¹⁹⁷

Freud analisa em seu texto os casos em que o Princípio do prazer é inibido: o Princípio de realidade, o desprazer neurótico e o desprazer perceptivo. Temos em primeiro lugar a substituição do princípio do prazer pelo Princípio de realidade que obriga um adiamento do prazer, fazendo com que se suporte o desprazer por um tempo.

Sabemos que o princípio do prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso. Sob a influência dos

¹⁹⁷ Idem, p.53.

instintos de autopreservação do ego, o princípio do prazer é substituído pelo princípio da realidade.¹⁹⁸

No segundo caso, do desprazer neurótico, não mais fala de oposição de metas pulsionais, mas de oposição entre instâncias. Freud escreve que nem todas as pulsões atingem um mesmo grau de complexidade; por ação do recalçamento, algumas são deixadas fora da unidade chamada eu e entram em conflito com os objetivos do eu, sendo privadas da obtenção de prazer. A criação de sintomas originada pela volta do recalçado, através de satisfações substitutivas, se faz sentir no eu como desprazer. Freud aponta que o desprazer neurótico é desta natureza.¹⁹⁹

O terceiro caso que Freud cita é o do desprazer perceptivo.²⁰⁰ Uma percepção interna, tal como uma percepção externa, é percebida como penosa por si mesma e não houve preparação para ela. Entretanto, essa percepção retorna.

Dentro desta subcategoria, Freud relacionará a neurose traumática como uma ocorrência em que, de fato, o Princípio do prazer é contrariado. É importante lembrarmos que, em 1920, estamos em vigência da primeira teoria da angústia²⁰¹, sendo esta referida a um excesso de libido que ficaria retida sem uma descarga conveniente. Este tipo de angústia protege o indivíduo da neurose traumática. Neste tipo de neurose, que Freud utiliza para seu estudo demonstrativo, há o elemento surpresa em sua produção, sem que haja por parte do indivíduo qualquer expectativa.

¹⁹⁸ Freud, S., "Além do princípio do prazer", p. 20

¹⁹⁹ Idem, p. 21.

²⁰⁰ Idem, p.22.

²⁰¹ Em 1926, no artigo "Inibições, Sintomas e Ansiedade" Freud postulará a segunda teoria da angústia. A angústia passa a ser vista como o representante afetivo, no aparelho psíquico, como uma lembrança, como um sinal de angústia, em que o aparelho se vê diante de uma repetição possível de uma situação já vivida por ele, em termos primordiais, quando de fato, ele foi invadido por uma grande quantidade de excitação. A angústia passa a ser a memória de um sofrimento.

"Susto" (*Schreck*), contudo, é o nome que damos ao estado em que alguém fica, quando entrou em perigo sem estar preparado para ele, dando-se ênfase ao fator surpresa. Não acredito que a ansiedade (*Angst*) possa produzir neurose traumática; nela existe algo que protege o seu sujeito contra o susto e, contra as neuroses de susto.²⁰²

Os sonhos da neurose traumática demonstram, em última análise, um tipo de funcionamento do aparelho psíquico que se encontra fora do Princípio do prazer. Os acontecimentos traumáticos surgem repetidamente nesses sonhos, trazendo angústia.

A partir da análise da compulsão à repetição, Freud atribui um caráter demoníaco²⁰³ à força desta manifestação, desencadeando um processo que forçaria o aparelho psíquico a inscrever determinadas moções pulsionais para que se arrefecessem, passando assim a funcionar segundo o Princípio do prazer. Freud começa sua enunciação nos seguintes termos:

Nesse ponto, não podemos fugir a suspeita de que deparamos com uma trilha de um atributo universal dos instintos e talvez da vida orgânica em geral que até o presente não foi claramente identificado ou, pelo menos, não explicitamente acentuado. Parece, então, que um instinto é um impulso (*Drang*), inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob pressão de forças perturbadoras externas, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica.²⁰⁴

As pulsões são assim, vistas como conservadoras com uma tendência a restaurar "um estado anterior de coisas"²⁰⁵ e Freud conclui que o "objetivo de toda vida é a morte".²⁰⁶ Contrariamente, as pulsões sexuais não se enquadram nesta postulação, surgindo de forma diferente. As pulsões de vida são assim caracterizadas como

²⁰² Freud, S., "Além do princípio do prazer", p.24.

²⁰³ Idem, p.52.

²⁰⁴ Ibidem.

²⁰⁵ Idem, p.54.

²⁰⁶ Idem, p.55.

Conservadoras num grau mais alto, por serem peculiarmente resistentes às influências externas; e são conservadoras ainda em outro sentido, por preservarem a própria vida por um longo período. São os verdadeiros instintos de vida. Operam contra o propósito dos outros instintos, que conduzem, em razão de sua função, à morte, e este fato indica que existe oposição entre eles e os outros, oposição que foi há muito tempo reconhecido pela teoria das neuroses (...) Certo grupo de instintos se precipita como que para atingir o objetivo final da vida tão rapidamente quanto possível, mas, quando determinada etapa no avanço foi alcançada, o outro grupo atira-se para trás até um certo ponto, a fim de efetuar nova saída e prolongar assim a jornada.²⁰⁷

Fica evidente que Freud tangencia a formulação de uma nova dualidade pulsional, mesmo que ainda se esforce em aproximar as pulsões egóicas com a pulsão de morte e as pulsões sexuais com a pulsão de vida.

Tomando emprestada a teoria de E. Hering²⁰⁸, Freud se pergunta se não pode identificar estes sentidos opostos com as pulsões de vida e de morte. O passo seguinte é considerar o eu como um reservatório da libido²⁰⁹ visto que os investimentos partem do Eu para os objetos e retornam para o Eu sob a forma de libido narcísica. Cai por terra a primeira dualidade entre as pulsões sexuais e as do Eu.

Assim, a oposição original entre os instintos do ego e os instintos sexuais mostrou-se inapropriada. Viu-se que uma parte dos instintos do ego era libidinal e que os instintos sexuais (provavelmente ao lado de outros) operavam no ego (...) Mas ainda nos é mais necessário enfatizar o caráter libidinal dos instintos de autoconservação, agora que nos estamos aventurando ao novo passo de reconhecer o instinto sexual como Eros, o conservador de todas as coisas.²¹⁰

Com o risco de tudo ser libidinal e cair em um monismo energético, Freud proclama-se dualista e afirma que a oposição anterior entre as pulsões sexuais e as

²⁰⁷ Idem, p.58.

²⁰⁸ A teoria de E. Hering atribui duas forças contrárias atuando em todos os organismos vivos: uma com um sentido assimilatório e construtivo e outra, dissimilatório e destrutivo.

²⁰⁹ Esta consideração será corrigida em 1923, sendo então esta função atribuída ao Isso.

²¹⁰ Idem, p. 72.

pulsões egóicas é agora substituída pela nova oposição que surge, entre as pulsões de vida e as pulsões de morte.

A reunião das pulsões do eu e as pulsões sexuais sob o nome de pulsões de vida leva Freud a rever seus conceitos de sexualidade e narcisismo. Fazendo parte de Eros, encontramos uma libido voltada para os objetos, a libido objetal, e uma parte da libido investida no eu com o nome de libido narcísica.

De posse dessas considerações, o estatuto do eu fica em um impasse. Freud sublinha que as resistências são inconscientes, o que o leva a fazer algumas modificações na estrutura do aparelho psíquico. Até então, o aparato era composto dos sistemas Inconsciente e Pré-consciente/Consciente. As funções recalcentes e defensivas eram funções exercidas pelo sistema Pré-consciente/consciente. Neste momento de suas formulações e em virtude de suas observações clínicas, Freud se depara com o problema de que os mecanismos de defesa são, em sua maioria, inconscientes. Encontramos, portanto não só resistências e defesas inconscientes, mas também sentimentos de culpa inconscientes comportando-se tal como o recalçado por serem incapazes de chegar à consciência. Tendo a 1ª. tópica se constituído com a idéia de que o sistema Inconsciente é igual ao recalçado, nada mais se sustenta. Freud é levado a elaborar uma nova arquitetura para o aparelho psíquico, em parte abalado com a descoberta de que nem só o pólo pulsional é inconsciente e, em parte para incluir a nova dualidade pulsional. Mezan (1991) escreve:

A teoria se defronta assim com o escândalo de um terceiro tipo de inconsciente, que pertence ao ego e não é reprimido, mas repressor: a insuficiência da terminologia começa a transtornar o progresso da investigação²¹¹.

²¹¹ Mezan, R., *Freud: a trama dos conceitos*, p. 269.

Estamos assim, preparados para as descobertas de 1923, elaboradas no artigo *O Eu e o Isso*.

V.4 – O desenho do psiquismo de 1923 – a 2ª tópica

O anúncio do conteúdo do artigo *O Eu e o Isso* (1923) é feito na exposição do texto *Algumas observações sobre o Inconsciente (Etwas vom Unbewusstsein)*, em 26 de setembro de 1922, durante o 7º Congresso Psicanalítico Internacional, marcando a última participação de Freud neste colóquio. Esse artigo trata de uma discussão que evidencia basicamente cinco pontos:²¹²

- 1- O Eu não coincide com o Pré-consciente e o Consciente;
- 2- O recalco não abrange a totalidade do Inconsciente;
- 3- Também no Eu existe uma parte inconsciente que se comporta, dinamicamente, como o recalco;
- 4- Os mecanismos de defesa do Eu são inconscientes;
- 5- Há um sentimento de culpa inconsciente experimentada pelo Eu.

Uma vez assinalados esses pontos, o tema de *O Eu e o Isso*, é introduzido com a indicação das diretrizes que culminaram com a apresentação da 2ª. tópica. Freud apresenta as instâncias:

O Supereu, o Eu e o Isso – estes são pois, os três reinos, regiões, províncias em que dividiremos o aparelho mental de um indivíduo, e é das suas relações mútuas que nos ocuparemos a seguir.²¹³ [Faço minhas as palavras de Freud]

A novidade apresentada é a perda do *status* de sistema dos termos Consciente (Cs.), Pré-Consciente (Pcs.) e Inconsciente (Ics.), e a nomeação das três instâncias. Com exceção do Isso que é inteiramente inconsciente, o Eu e o Supereu

²¹² Aqui apresentada resumidamente e detalhada anteriormente, nessa dissertação.

apresentam, em termos descritivos, uma parte consciente e outra inconsciente. Ser consciente ou inconsciente passa a ser uma qualidade dos processos mentais.

Freud, inicialmente, apresenta "diagramaticamente"²¹⁴ um desenho (*Zeichnung*) enfocando a íntima relação entre o Eu e o Isso:

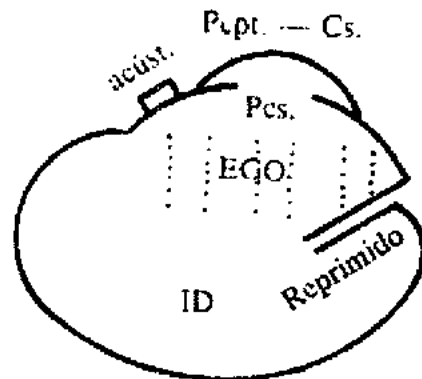


Figura 5: O desenho da 2ª Tópica de 1923 ("O Eu e o Isso")

Assim justifica seu desenho:

Examinaremos agora o indivíduo como um id psíquico, desconhecido e inconsciente, sobre cuja superfície repousa o ego, desenvolvido a partir de seu núcleo, o sistema Pcpt. Se fizermos um esforço para representar isso pictoricamente, podemos acrescentar que o ego não envolve completamente o id, mas apenas até o ponto em que o sistema Pcpt. forma a sua [do ego] superfície, mais ou menos como o disco germinal repousa sobre o óvulo. O ego não se acha nitidamente separado do id; sua parte inferior funde-se com ele. Mas o reprimido também se funde com o id, e é simplesmente uma parte dele. Ele só se destaca nitidamente do ego pelas resistências da repressão, e pode comunicar-se com o ego através do id (...) Poderíamos acrescentar, talvez, que o ego usa um "receptor acústico" – de um lado apenas, como aprendemos da anatomia cerebral. Poder-se-ia dizer que o usa de viés.²¹⁵

O texto freudiano *O Eu e o Isso* é a apresentação oficial da 2ª tópica, e se inicia revelando uma gênese do psiquismo, cujo ponto de partida é o surgimento primevo do Isso, a partir do qual se diferencia o Eu. Há uma distinção importante,

²¹³ Freud, S., "Conferência XXXI", p.92.

²¹⁴ Freud, S., "O Eu e o Isso", p.38.

²¹⁵ Idem, p.37-38.

embora confusa, que é o fato de caracterizar o Eu como uma organização, ao contrário do Isso. Esta distinção tem conseqüências importantes para a dinâmica psíquica. Na medida em que o Eu tem que se manter coeso, é à ameaça de perda desta coesão que estará referida a abordagem da angústia repousará, alguns anos depois.²¹⁶

O Isso freudiano contém todos os derivados psíquicos do recalque, assim como conteúdos inconscientes adquiridos filogeneticamente, dentre os quais se destacam as fantasias originárias, que

... exerceriam a força de atração inconsciente exigida por Freud, na sua explicação do processo de recalque. Portanto, Freud postula uma parte do psiquismo originário transmitido por via filogenética e anterior à inserção do indivíduo na cultura, e outra, emergente dessa inserção e mediada pela percepção e pela consciência.²¹⁷

O Isso, portanto, é marcado muito mais por impressões e percepções do que por representações.²¹⁸ Freud abordará essa instância por "*analogias*" como, por exemplo, "*caos, caldeirão cheio de agitação fervilhante*".²¹⁹ O Isso é descrito detalhadamente na *Conferência XXXI* (1932) como estando em íntimo contato com o corpo e sofrendo influências somáticas que nele encontram expressão psíquica; é o viveiro das pulsões; não possui organização²²⁰ e observa somente o Princípio do prazer. Não se aplicam a ele as leis lógicas do pensamento e portanto, não existem contradições. "*Impulsos contrários existem lado a lado, sem que um anule o outro,*

²¹⁶ A ameaça de perda, por parte do Eu, dessa coesão, provocará angústia, disparando o dispositivo defensivo do recalque, cf. "Inibições, Sintomas e Ansiedade".

²¹⁷ Plastino, C. A., *A aventura freudiana*, p. 153.

²¹⁸ Pontalis, J.-B., "O Isso em letras maiúsculas", em <http://www.uol.com.br/percurso/main/pcs23/PontalisIsso.htm>

²¹⁹ Freud, S., "Conferência XXXI", p. 94.

²²⁰ Freud ao descrever o Isso, em termos de organização, o compara ao Eu. Os processos primários que ocorrem no Isso são menos organizados que os secundários, mas não carecem de organização em termos absolutos.

ou sem que um diminua o outro".²²¹ A negativa, a idéia de tempo e julgamento de valores, o bem e o mal, e tampouco a moralidade fazem parte do instrumental operacional do Isso. Freud afirma que os "investimentos pulsionais instintuais que procuram a descarga - isto, em nossa opinião, é tudo que existe no id".²²² E ainda: "Há uma parte do Isso da qual o Eu separou-se por meio de resistências devidas ao recalque. O recalque, contudo, não se estende para dentro do Isso: o recalco funde-se no restante do Isso".²²³

O Isso nos remete a uma breve digressão a respeito da relação de Freud com Groddeck, em cujo trabalho Freud se inspirou e de quem retirou o termo, resultando em uma famosa polêmica entre os dois.

Freud escreve em 1923:

... precisamos não sentir hesitação em encontrar um lugar para a descoberta de Groddeck na estrutura da ciência. Proponho levá-la em consideração chamando a entidade que tem início no sistema Pcpt. e começa por ser Pcs. de "ego", e seguindo Groddeck no chamar a outra parte da mente, pela qual essa entidade se estende e que se comporta como se fosse lcs., de "Id".²²⁴

Baseando-se na correspondência de Freud com Groddeck, Laplanche (1992) acentua que o uso do termo, só foi feito com "muitas reservas".²²⁵ por Freud. Segundo este autor, Groddeck percebeu este uso reservado e testemunhou, em sua correspondência com sua companheira Emmy von Voight, o seguinte:

O "Ego e o Id" é bonito mas, para mim, sem nenhum alcance. No fundo, é um escrito para poder se apossar secretamente de idéias tiradas de Stekel e de mim. Além disso, o id dele tem apenas um valor limitado para as neuroses. Tampouco entra no orgânico, a não ser secretamente, com a ajuda de uma pulsão de morte ou de destruição tiradas de Stekel e de Spielrein. O que há de

²²¹ Freud, S., "Conferência XXXI", p. 94.

²²² Idem, p. 95.

²²³ Idem, p. 99.

²²⁴ Freud, S., "O Eu e o Isso", p. 37.

²²⁵ Laplanche, J., "O Inconsciente e o Isso", in: *Problemáticas IV*, p. 63.

construtivo no meu id, ele deixa de lado, provavelmente para introduzi-lo, de modo fraudulento, da próxima vez.²²⁶

Uma das grandes discussões que esses fragmentos promovem é a respeito do que é originário no indivíduo. O Isso de Groddeck parte do pressuposto de uma origem metafísica onde tudo está embutido, desde as concepções de "consciente e inconsciente, ego e pulsões, corpo e alma, fisiologia e psicologia".²²⁷ Já o Isso de Freud é originalmente pulsional. Diz Laplanche:

O afeto é, portanto, no inconsciente, o aspecto mais energético; e talvez o interesse dessa segunda teoria, a do id, resida em enfatizar ainda mais essa energética e, desta vez, sob o nome de pulsões. O que é que existe nesse saco, nesse caldeirão, nesse alforje? Essencialmente, nos diz Freud, as pulsões.²²⁸

Retornando ao texto freudiano de 1923, o Isso é considerado pelo autor como o início de tudo. Entretanto, não como uma origem biologizante, como sugere a metáfora da vesícula em *Além do Princípio do Prazer*, mas como "um id psíquico, desconhecido e inconsciente, sobre cuja superfície repousa o ego, desenvolvido a partir de seu núcleo, o sistema Pcpt."²²⁹

A citação acima cria uma vertente da diferenciação que será marcante neste texto, dando ao Eu sua origem como a parte organizada, e delegando ao Isso a falta de organização. O Eu é o resultado de uma influência direta do mundo externo a partir do sistema Pcpt.-Cs. Por esse motivo, o Eu revela uma tendência a aplicar ao Isso o Princípio de realidade que adotou para lidar com a realidade externa, em confronto com o modo de operação irrestrito do Isso que é o Princípio do Prazer. O resultado é uma luta defensiva. Mezan (1991) afirma que "a percepção deixa de ser um mero contato sensorial com o mundo exterior, para se tornar tingida pelo desejo:

²²⁶ Idem, p. 64.

²²⁷ Idem, p. 66.

²²⁸ Idem, p. 161.

²²⁹ Freud, S., "O Eu e o Isso", p. 37.

a gênese pulsional do ego é assim afirmada em todas as letras, pois a percepção é o seu núcleo".²³⁰

Nessa vertente genética, que se baseia na diferenciação do Isso em Eu, Freud destaca a importância do corpo como fonte de excitações. "O Ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície."²³¹ O corpo é destituído de sua relação com a anatomia, em suas considerações, e passa a ser um corpo pulsional, um corpo que é representado psiquicamente, daí a relevância dada ao tato, capaz de provocar "sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna."²³² A importância dessa citação reside na inclusão de uma nova concepção que marca esta tópica. Os limites precisos dos sistemas (*System*) na 1ª tópica se diluem e os limites entre as instâncias (*Instanzen*) não são demarcados da mesma forma. Freud nos diz:

Queremos transformar o ego, o nosso próprio ego, em tema de investigação. Mas isto é possível? Afinal, o ego é, em sua própria essência, sujeito; como pode ser transformado em objeto? Bem, não há dúvida de que pode sê-lo. O ego pode tomar-se a si próprio como objeto, pode tratar-se como trata outros objetos, pode observar-se, criticar-se, sabe-se lá o que pode fazer consigo mesmo. Nisto, uma parte do ego se coloca contra a parte restante. Assim, o ego pode ser dividido; divide-se durante numerosas funções suas – pelo menos temporariamente. Depois, suas partes podem juntar-se novamente.²³³

²³⁰ Mezan, R., *Freud: a trama dos conceitos*, p.273.

²³¹ Freud, S., "O Eu e o Isso", p. 40.

²³² *Idem*, p. 39.

²³³ Freud, S., "Conferência XXXI", p.77.

O esquema das *Novas Conferências* mostrará uma indistinção entre o Isso e o corpo, assim como entre as novas instâncias entre si. A própria barreira do recalçamento, graficamente, não demarca um território, mas, compreende um destino de um conteúdo psíquico.



Figura 6: O desenho da 2ª tópica de 1933 (*Conferência XXXI*)

Neste novo desenho (*Zeichnung*) tanto o Eu como o Supereu mostram-se grafados perpendicularmente aos territórios pré-consciente e inconsciente. Esse desenho nos dá, plasticamente, a dimensão do Isso como totalmente inconsciente, enquanto que Supereu e o Eu apresentam partes conscientes e inconscientes. Neste ponto, Freud explicita o uso das palavras inconsciente e pré-consciente. Assim nos diz:

Com a finalidade de evitar a ambigüidade no sentido de estarmos nos referindo a um ou a outro inconsciente, de estarmos usando a palavra no sentido descritivo ou no sentido dinâmico, utilizando-nos de um expediente permissível e simples. O inconsciente que está apenas latente, e portanto facilmente se torna consciente, denominamo-lo "pré-consciente", e reservamos o termo "inconsciente" para o outro. Temos, agora, três termos, "consciente", "pré-consciente" e "inconsciente", com os quais podemos ser bem sucedidos em nossa descrição dos fenômenos mentais. Repetindo: o pré-consciente também é inconsciente no sentido puramente descritivo, mas não lhe atribuímos esse nome, exceto quando falamos sem a preocupação de conferir-lhe precisão, ou

quando temos de fazer a defesa da existência, na vida mental, de processos inconscientes em geral.²³⁴

Freud destaca o sentimento inconsciente de culpa para introduzir a terceira instância que compõe sua 2ª. tópica: o Supereu. O Supereu é visto como gradação (*Stufe*) no Eu, "uma diferenciação dentro dele"²³⁵. Essa nova instância, já abordada anteriormente nesta dissertação, será composta dos restos dos primeiros investimentos objetais elegidos pelo Isso. Com a renúncia a esses objetos, o Eu é transformado por identificação com essas figuras, e investido como objeto. Quem renuncia é o sujeito. Quem se identifica é o Eu.

Inicialmente o Supereu é apresentado como indistinto do Ideal do Eu. Somente na *Conferência XXXI* (1932) marca suas diferenças. Afirma então que a consciência moral é uma das funções do Supereu e que a auto-observação, como um "preliminar essencial da atividade de julgar da consciência [moral]"²³⁶, é mais uma outra função deste. Ao considerar estas duas funções do Supereu como separadas uma da outra dá ao Supereu, o *status* de instância, reservando ao Ideal do Eu²³⁷, o de função do Supereu. Destacamos essa importante passagem conceitual:

Espero que já tenham formado uma opinião de que a hipótese do superego realmente descreve uma relação estrutural, e não meramente uma personificação de abstrações tais como a consciência. Resta mencionar mais uma importante função que atribuímos a esse superego. É também o veículo do ideal do ego (*der Träger des Ichideals*), pelo qual o ego se avalia, que o estimula e cuja exigência por uma perfeição sempre maior ele se esforça por cumprir. Não há dúvida de que esse ideal do ego é o precipitado da antiga imagem dos pais, a expressão de admiração pela perfeição que a criança então lhes atribuía.²³⁸

²³⁴ Idem, p. 91.

²³⁵ Freud, S., "O Eu e o Isso", p. 42.

²³⁶ Freud, S., "Conferência XXXI", p. 78.

²³⁷ O editor das *Obras Completas*, em nota de rodapé, indica uma tendência de Freud a atribuir ao Supereu características impositivas, e ao Ideal do Eu os indicativos de admiração em relação aos pais.

²³⁸ Idem, p. 84.

O Supereu é a instância psíquica que mais revela o caráter de herança em sua constituição. Freud lhe atribui "o poder, a função e até mesmo os métodos"²³⁹ oriundos das figuras parentais, das quais ele é não somente o sucessor, mas também "o legítimo herdeiro".²⁴⁰ Neste ponto, Freud faz uma distinção importante quanto ao caráter de herdeiro ao ressaltar que a construção do Supereu se faz tomando como modelo não os pais, mas o Supereu deles. Constitui, assim, a possibilidade de uma herança maior, que dá conta da tradição, dos valores e crenças. Revela portanto, o dispositivo transgeracional constituído por essa instância:

O passado, a tradição da raça e do povo, vive nas ideologias do superego e só lentamente cede às influências do presente, no sentido de mudanças novas; e, enquanto opera através do superego, desempenha um poderoso papel na vida do homem, independentemente de condições econômicas.²⁴¹

Freud releva a importância da identificação como operadora nessa gênese, ressaltando a dimensão intersubjetiva na constituição do humano, seja marcando a identificação primordial, seja destacando as identificações secundárias. A identificação primordial será vista como pré-condição para as futuras identificações. Primeiro o indivíduo se identifica com sua espécie para, posteriormente, criar sua singularidade.

Desde seu destaque em 1915, no texto *Luto e Melancolia*, a identificação é conceituada a partir do modelo da incorporação, com a substituição de um investimento objetual pela assimilação de traços deste objeto perdido. Freud retoma o

²³⁹ Idem, p. 81.

²⁴⁰ Ibidem.

²⁴¹ Ibidem.

mecanismo da identificação conseqüente à perda que havia colocado na gênese da melancolia e o amplia tomando-o como constitutivo do Eu.

... se o id consiste essencialmente num feixe de pulsões, e se o princípio da pulsão é a repetição, não é impossível concluir que a identificação preserva o objeto para o id, transformando-o numa aquisição do ego, que passa assim a ser para aquele um objeto de amor. A natureza da identificação se revela portanto como um artifício das pulsões (...) A identificação implica numa regressão, sendo portanto uma inversão da tendência pulsional erótica; mas, na medida em que preserva o objeto por meio de sua operação específica, também está a serviço de Eros. Simetricamente, consistindo numa garantia para a repetição, ela se põe do lado de Thânatos. Confluem assim para a identificação as duas tendências fundamentais do psiquismo, razão pela qual parece legítimo supor que só mediante sua ação renuncia o id aos seus objetos: a renúncia é apenas aparente, já que, no nível do id, equivalem-se a presença do objeto no mundo exterior ou no ego.²⁴²

A Psicanálise deve possibilitar uma progressiva conquista do Isso através da inibição das pulsões. Por outro lado, esse controle é precário e o Eu está sempre ameaçado por três perigos: "*o mundo externo, a libido do Isso e a severidade do Supereu*".²⁴³

Por esse motivo, o Eu será considerado a sede da angústia (*Angst*), o que levará Freud a reformular sua teoria da angústia em 1926.

O modelo de 1923, incluindo seu aprimoramento de 1933, mostra um psiquismo que é o resultado da relação entre as instâncias, sendo que o conflito pulsional permeia essas lutas, originando a possibilidade de vida ao humano, num permanente processo de vir a ser. "*A vida não é fácil!*" exclamou Freud, ao referir-se ao Eu em suas lutas defensivas e conciliações para atender seus três senhores.

Da mesma forma, afirmamos que a demonstração do aparelho psíquico e seu funcionamento também não é uma tarefa fácil, frente à complexidade de "*algo tão*

²⁴² Mezan. R., *Freud: a trama dos conceitos*, p. 277.

²⁴³ Freud, S., "*O Eu e o Isso*", p. 72.

*intangível como os processos psíquicos*²⁴⁴ e, às incontáveis possibilidades de perturbação a que os indivíduos estão sujeitos desde os tempos primevos.

Ao término desta exposição, faço minhas as palavras de Freud, escritas no verão vienense de 1932:

Também desta vez, meu objetivo principal foi o de não fazer concessões que visassem a dar uma aparência de que as coisas sejam simples, completas, acabadas, procurei não camuflar problemas e não negar a existência de lacunas e de incertezas. Em nenhum campo de trabalho científico seria necessário proclamar tais intenções modestas.²⁴⁵

²⁴⁴ Freud, S., "Conferência XXXI", p. 101.

²⁴⁵ *Ibidem*.

CONCLUSÃO

Esperamos ter revelado, a partir do estudo proposto, a tenacidade criadora de Sigmund Freud, exposta no tema crucial de sua pesquisa científica: a constituição do aparelho psíquico, sua origem, composição e modo de funcionamento.

Escolhemos um caminho peculiar, que privilegiou os impasses ao longo de suas teorizações sobre o tema e as elaborações teóricas que, a partir desses impasses, foram sendo criadas. A construção científica da psicanálise se fez por impasses e avanços. Moscovici (1994) nos diz:

... a construção "científica", com sua parte de ficção, são aqui e ali saídas laterais ou vias de respiração necessárias (...) A resposta do estudioso, do psicanalista, do paciente, de Freud, se quiserem ser e continuar sendo esse investigador, está então em outras fórmulas muito comuns, mas sempre necessárias, que marcam cada novo passo da trajetória. Principalmente em certos temas, e muito particularmente quando se trata de ir mais longe na observação da persistência das experiências arcaicas mais loucas, mais recuadas, encontram-se em Freud fórmulas como "é uma *audácia* que não podemos evitar" (em "Moisés e o Monoteísmo"), ou então "não se pode mais recuar, é preciso arriscar a *prova*" (em "O Eu e o Isso").²⁴⁶

Através de conceitos articuladores como a interpretação e a transferência, Freud apresenta a novidade de sua Metapsicologia, criada com a função suturar as formulações teóricas com as descobertas oriundas da prática psicanalítica. Nessa construção, Freud se valeu do expediente de conciliar os possíveis encontros da experiência infantil, representada pela ontogenia, com as hipóteses míticas da espécie, a filogenia.

Examinando os três diferentes modelos de constituição do aparelho psíquico, destacamos a importância dada por Freud aos mecanismos psíquicos envolvidos, suas tendências e seus princípios.

²⁴⁶ Moscovici, M.. *A Sombra do Objeto - sobre a inaturalidade da psicanálise*, p. 14/16.

No infantil freudiano, não está localizada apenas a experiência vivida pela criança, mas nele também se inclui toda a história da humanidade, sobre a qual Freud "apresentou essa idéia louca, de que ela estava ao mesmo tempo incorporada nas instâncias de seu aparelho psíquico e presente em seu inconsciente (...) ou de isso, como chamou mais tarde."²⁴⁷

É importante ressaltar que essa "idéia louca" mencionada pela autora, referindo-se aos elementos primevos da história do sujeito, provém de sua prática clínica, e não de abstrações puramente especulativas. Citamos os exemplos da *Interpretação dos Sonhos* (1900) com seus sonhos típicos, as fantasias originárias edípicas na forma de suposições, no texto sobre o *Homem dos Lobos* (1914), e o recurso mítico para uma genealogia do humano, em *Moisés e o Monoteísmo* (1939), entre outros.

Sem se distanciar da sexualidade e suas formas, Freud olha sua criança com uma infância que extrapola a ontogenia, que vai para além do vivido e acomoda sua herança, numa articulação onde observamos, por exemplo, a convergência das fantasias infantis em direção ao complexo de Édipo. A fantasia é uma moldura que estrutura esse complexo, mesmo na falta de elementos efetivamente vividos. E não se pode pensar este complexo exclusivamente na ordem do fenômeno. Tudo é parte de um processo ditado pela espécie, à espera da humanização causada pela renúncia à satisfação pulsional imediata dos investimentos hostis e amorosos em relação aos pais, que se somam a uma inserção no campo desejante modelado pelas experiências primordiais.

Consideramos todos esses aspectos para a elaboração desta dissertação. Partindo das proposições sobre a constituição do psiquismo, procuramos acentuar a

²⁴⁷ Idem, p. 77.

importância da ontogênese e sua imbricação com a filogênese, em cuja concepção a noção de recapitulação, proposta por Haeckel, é levada em conta.

Reverendo os impasses que culminaram com a apresentação da 2ª tópica, em 1923, podemos destacar o aspecto evolucionista de Freud. Com marcada influência de Spencer e Hughlings Jackson, como foi demonstrado durante a dissertação, a influência sobre Freud do evolucionismo ficou evidenciada no *a posteriori* de suas proposições a respeito da constituição do aparelho psíquico. Rudge (1975) nos diz:

Na constituição do aparelho psíquico, Freud usou consistentemente um modelo evolucionista, apresentando-o desde seus primeiros trabalhos numa perspectiva genética. Para isso recorreu às hipóteses evolucionistas de Spencer, já aplicadas por Jackson ao estudo científico do sistema nervoso.²⁴⁸

Esta influência evolucionista do pensamento freudiano tem sido bastante questionada a partir do ensino de Lacan, mas teve um peso inegável na construção de sua metapsicologia²⁴⁹. Apesar da importância do modelo evolucionista na construção teórica freudiana, é importante ressaltar que, do momento em que esse modelo é transposto da biologia para o campo da psicanálise, toda uma transformação está envolvida. Na psicanálise, o passado é reconstruído a partir do diálogo psicanalítico. Além disso, temos a noção de *Nachträglichkeit* na obra de Freud, noção que passava despercebida por conta de traduções mais ou menos aleatórias que favoreceram seu desconhecimento por parte de muitos autores. Lacan foi quem lhe deu a devida importância, já que Freud lhe havia dado um valor conceitual, evidenciado no fato de que a sublinhou em várias ocasiões.

²⁴⁸ Rudge, A. M. *O conceito de regressão na teoria freudiana*, p.5.

²⁴⁹ Sobre isso, ver o conhecido livro Sulloway, F., *Freud, the Biologist of the Mind, beyond the psychoanalytic legend*, Harvard University Press, 1992 e Barros, C. P. de. "Thermodynamic and Evolutionary Concepts in the Formal Structure of Freud's Metapsychology", que antecipou essa idéia em 1971.

Usaremos a tradução "posteridade". Laplanche e Pontalis criticam a tradução da *Standard Edition* de *Nachträglichkeit* por *deferred action*, que sugere apenas o adiamento entre uma experiência e seu efeito. O conceito, na verdade, designa uma ação retroativa que vai conferir eficácia aos traços de uma experiência até então latentes, ou como sugere Lacan, uma verdadeira resubjetivação dos acontecimentos, suposta por Freud a cada momento em que o sujeito se reestrutura.²⁵⁰

A idéia de posteridade é inteiramente solidária à estrutura da metapsicologia freudiana, desde o início de sua elaboração, e exclui logicamente um determinismo linear do passado sobre o presente, assim como qualquer acesso às experiências determinantes dos primeiros anos. As recordações desses anos são fantasias retroativamente projetadas no passado, porque os traços mnêmicos incognoscíveis, não se traduzem em recordações e são barrados pelo recalque originário.

Vimos, em 1895, um modelo hierarquizado composto de sistemas neurônicos, em níveis crescentes de complexidade, emergindo de forma a fazer face e adaptar-se às novas situações que se impõem. Estes sistemas neurônicos, dispostos em camadas, vão emergindo, superpondo-se aos mais antigos, incorporando-os e inibindo-os. "*Todas as fases anteriores de evolução filogenética estão preservadas nas camadas dos sistemas inferiores, que entretanto têm seu funcionamento inibido pelo controle imposto pelos sistemas superiores.*"²⁵¹

No modelo de 1900, vemos o elemento da censura respondendo por essa influência evolucionista de Jackson, ao servir de dispositivo de inibição imposta por um sistema mais complexo ao mais simples, sendo este incorporado de nova maneira no funcionamento global.

²⁵⁰ Lacan, J., *Écrits*, Seuil, p.256.

²⁵¹ Idem, p.9.

A gênese proposta no modelo de 1923 aponta a antiguidade do Isso ao colocá-lo como sendo o portador dos fatores herdados filogeneticamente. A partir dele, vai se desenvolver um Eu, por diferenciação, a partir das identificações com os adultos. *“Sua função é elevar os processos do Isso a um nível dinâmico mais alto e submeter à sua influência áreas cada vez maiores do psiquismo.”*²⁵²

A dualidade pulsional inicial é absorvida na apresentação da nova oposição pulsional, assim como a tópica dos sistemas não é abandonada frente à tópica das instâncias. Freud não jogava fora suas postulações iniciais, como um bom leitor de Spencer, mas ampliava o seu alcance clínico e mudava o foco teórico, ora para apresentar uma genealogia, como no caso do Eu, ora para introduzir a dimensão da cultura, como no caso do Supereu, ou mesmo para ressaltar a possibilidade de uma herança filogenética, como faz com o Isso.

O psiquismo humano é esculpido em meio a uma peculiar tarefa. A criança freudiana tem, por sua própria conta, que recapitular a filogênese e dominar grande parte do tesouro acumulado da cultura. Assim, ela refaz *“em muito pouco tempo e resumidamente, em seu desenvolvimento de indivíduo, a evolução que a espécie perfez. Cada criança tem que readquirir, por sua vez, toda a civilização.”*²⁵³

A discussão que se apresenta no final dessa dissertação é voltada para o desdobramento promovido pela imbricação entre a filogênese e a ontogênese promove. A noção de *a posteriori* mostra a tarefa árdua que o psiquismo infantil realiza para dar conta, através das fantasias originárias, de um pertencimento de quem ainda não se sabe sujeito. Este é o pano de fundo das considerações filogenéticas nunca abandonadas por Freud até o final de sua obra.

²⁵² Idem, p. 11.

²⁵³ Moscovici, M... *A Sombra do objeto – sobre a inatualidade da psicanálise*, p. 107.

Numa outra vertente, o evolucionismo recapitulacionista presente no recurso à filogênese mantém o substrato factual, representado pela experiência concreta dos ancestrais primitivos como um resíduo em forma de herança, na teorização a respeito do trauma infantil e da sexualidade.

Num movimento tão discutido, Freud abriu mão da teoria da sedução a partir de sua decepção "com as neuróticas", e o fato se tornou fantasia, incluindo o desejo. A sexualidade passa a tecer a fantasia, como um *script* que será assumido na posição de desejante. Neste ponto a possibilidade de uma experiência ancestral poria, em foco a dificuldade freudiana de abandonar o fato real em prol da fantasia. As fantasias infantis complementam, com aspectos herdados da história realmente vivida da humanidade, os desejos constituídos na infância. Talvez a relutância em abandonar o fato expresse um sonho epistemológico de Freud de aproximar-se dos cientistas da natureza, conseguindo um coroamento científico para suas teorizações metapsicológicas a respeito do psiquismo humano. Moscovici diz:

Pré-história que está presente nele [no aparelho psíquico] de mais de uma maneira: em sua própria "constituição" psíquica, isto é, em suas disposições instintuais propriamente humanas, assim como na estrutura do seu aparelho psíquico diferenciado ao longo do tempo em Isso, Eu, Supereu; mas também na existência inconsciente nele de restos, destroços, memoriais de experiências arcaicas de seus ancestrais, enigmaticamente transmitidos. Estranho modelo. No entanto, é o mesmo do inconsciente e do recalque originário, e ainda mais do Isso e de seus conteúdos.²⁵⁴

A concepção de Supereu vem dar conta da transmissão dos ideais entre gerações, que se dá desde os primórdios da vida. Apóia-se, para sua formação, no arcaico do patrimônio filogenético, esse enigma que a psicanálise nos propõe. A instância do supereu reflete a saída do pequeno ser das malhas sedutoras do

²⁵⁴ Ibidem.

complexo edipiano, remetendo-o para um processo civilizatório cheio de renúncias, faltas e recapitulações.

Num questionamento final e oportuno baseado no exemplo do "Homem dos Lobos", caso em que ficam demonstrados os limites da lembrança e onde Freud lança mão da filogênese para o manejo clínico e entendimento de seu paciente. O uso do "mito científico" fica declarado como aquilo que revela que o que a psicanálise leva em conta está além e aquém do compreendido entre o nascimento e a morte do indivíduo. É incluída também a sucessão de gerações e a transmissão inconsciente destes substratos experienciais, dos quais não fomos sujeitos, mas que se atualizam em nossas experiências.

O caminho percorrido nesta dissertação permitiu vislumbrar o caráter enigmático da criação freudiana, e delimitar o fascínio do originário na psicanálise, tomando como eixo de abordagem a constituição do aparelho psíquico. O desafio que o tema apresenta, sem dúvida, remete para questões ainda não formuladas com clareza, mas cujas portas se abrem para novos caminhos a serem percorridos, os quais constituem este desafio. Fico no registro do enigma, que foi o que nos ensinou Freud desde *Bereshit*.

BIBLIOGRAFIA

- ASSOUN, P.-L., *Metapsicologia Freudiana – uma introdução*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- BARROS, E. B., *Eu Narciso Outro Édipo*, Rio de Janeiro, Dumará Distribuidora de Publicações Ltda., 1991.
- BARROS, C. P. de, "Thermodynamic and Evolutionary Concepts in the Formal Structure of Freud's Metapsychology" in S. Arieti (ed.) *The World Biennial of Psychiatry and Psychotherapy*, New York, Basic, 1971, Vol. I.
- _____, "Contribuição à Controvérsia sobre o "Ponto de vista econômico"", in *Cadernos de Tempo Psicanalítico* 3, Rio de Janeiro, SPID, 1998.
- BASTOS, L. A. de M., *Eu-corpando - ego e o corpo em Freud*, São Paulo, Editora Escuta Ltda., 1998.
- BETTELHEIM, B., *Freud e a Alma Humana*, São Paulo, Editora Cultrix, 1998.
- BEZERRA JR., B. "Descentramento e sujeito – versões da revolução copernicana de Freud", in *Redescrições da Psicanálise*, Rio de Janeiro, Dumará Distribuidora de Publicações Ltda., 1994.
- BIRMAN, J., *Freud e a Interpretação Psicanalítica*, 2ª parte, Rio de Janeiro, Dumará Distribuidora de Publicações Ltda., 1991.
- _____, *Psicanálise, Ciência e Cultura*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.
- _____, *Por uma Estilística da Existência*, São Paulo, Editora 34 Ltda., 1996.
- _____, *Estilo e Modernidade em Psicanálise*, São Paulo, Editora 34 Ltda., 1997.
- CAMPOS, C. A. G., *O Supereu e o Amor: da metapsicologia à transferência*, tese de mestrado apresentada na PUC-Rio, 1999.
- CHEMAMA, R. (org), *Dicionário de Psicanálise*, Porto Alegre, Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1993.
- COELHO, M. C. F., "Projeto... Texto que Retorna", in *100 Anos de Projeto Freudiano*, Rio de Janeiro, Escola da Letra Freudiana, 1995.
- CUNHA, E. L., *Imagem e Semelhança – Metapsicologia da identificação*, tese de mestrado apresentada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.
- FERENCZI, S. *Thalassa – Ensaio sobre a teoria da genitalidade*, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1990.
- FORRESTER, J., *A Linguagem e as origens da Psicanálise*, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1983.

- FREITAS, L. A., *As Identificações na obra de Freud*, Rio de Janeiro, SPID, Biblioteca de Psicanálise 1.
- FREUD, S., *A Interpretação das Afasias*, São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1977.
- _____, "Projeto para uma Psicologia Científico" (1950[1895]), *ESB*, vol. I, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Hereditariedade e a etiologia das neuroses" (1896), *ESB*, vol. III, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "O mecanismo psíquico do esquecimento" (1898), *ESB*, vol. III, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Lembranças Encobridoras" (1899), *ESB*, vol. III, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "A Interpretação dos Sonhos" (1900), *ESB*, vol. IV, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "A Interpretação dos Sonhos" (1900), *ESB*, vol. V, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade" (1905), *ESB*, vol. VII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna" (1908), *ESB*, vol. IX, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Romances Familiares" (1909 [1908]), *ESB*, vol. IX, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Duas Histórias Clínicas (O "Pequeno Hans" e o "Homem dos Ratos")" (1909), *ESB*, vol. X, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "A significação antitética das palavras primitivas" (1910), *ESB*, vol. XI, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão" (1910), *ESB*, vol. XI, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Dois exemplos de fantasias patogênicas reveladas pelos próprios pacientes" (1910), *ESB*, vol. XI, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides)" (1911), *ESB*, vol. XII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II)" (1914), *ESB*, vol. XII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

- _____, "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental" (1911), *ESB*, vol. XII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise" (1912), *ESB*, vol. XII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Duas mentiras contadas por crianças" (1913), *ESB*, vol. XII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Totem e Tabu" (1913 [1912-1913]), *ESB*, vol. XIII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "O interesse científico da Psicanálise" (1913), *ESB*, vol. XIII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "O Moisés de Michelangelo" (1914), *ESB*, vol. XIII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Sobre o Narcisismo: uma introdução" (1914), *ESB*, vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Repressão" (1915), *ESB*, vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "O Inconsciente" (1915), *ESB*, vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos" (1917 [1915]), *ESB*, vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Luto e Melancolia" (1917 [1915]), *ESB*, vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "História de uma neurose infantil" (1918 [1914]), *ESB*, vol. XVII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Uma dificuldade no caminho da psicanálise" (1917), *ESB*, vol. XVII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Linhas de progresso na terapia psicanalítica" (1919 [1918]), *ESB*, vol. XVII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "O Estranho" (1919), *ESB*, vol. XVII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Além do Princípio do Prazer" (1920), *ESB*, vol. XVIII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Psicologia de Grupo e Análise do Eu" (1921), *ESB*, vol. XVIII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Dois verbetes de enciclopédia" (1923 - 1922), *ESB*, vol. XVIII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

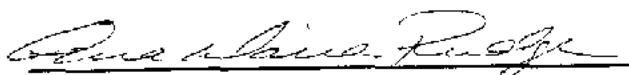
- _____, "O Ego e o Id" (1923), *ESB*, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Uma neurose demoníaca do século XVII" (1923 [1922]), *ESB*, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Algumas notas adicionais sobre a interpretação dos sonhos como um todo" (1925), *ESB*, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "O problema econômico do masoquismo" (1924), *ESB*, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "A dissolução do complexo de Édipo" (1924), *ESB*, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica" (1925), *ESB*, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Uma nota sobre o "Bloco Mágico"" (1925 [1924]), *ESB*, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "A negativa" (1925), *ESB*, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Inibições, Sintomas e Ansiedade" (1926 [1925]), *ESB*, vol. XX, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "O mal-estar na civilização" (1930 [1929]), *ESB*, vol. XX, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise (1933 [1932]), Conferência XXXI e XXXII", *ESB*, vol. XXI, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "Esboço de psicanálise" (1940 [1938]), *ESB*, vol. XXIII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- _____, "A divisão do ego no processo de defesa" (1940 [1938]), *ESB*, vol. XXIII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.
- FUKS, B. B. & MÜLLER, E. C., "Sobre a Gênese das Identificações", in *Memória IFP/Cartel*, Rio de Janeiro, IFP, 1986.
- GABBI JR., O. F. (tradutor), *Projeto de uma Psicologia*, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1995.
- _____, "Notas sobre a relação entre cultura e metapsicologia", in *Psicanálise e Cultura*, Rio de Janeiro, SPID, 1997.
- GARCIA-ROZA, L. A., *Freud e o Inconsciente*, Jorge Zahar Editor Ltda., 1988.
- _____, *Introdução à Metapsicologia Freudiana 1*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

- _____. *Introdução à Metapsicologia Freudiana 2*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
- _____. *Introdução à Metapsicologia Freudiana 3*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- _____. *O Mal Radical em Freud*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda., 1993.
- GREEN A. & cols., *A Pulsão de Morte*, São Paulo, Editora Escuta Ltda., 1986.
- GRUBRICH-SIMITIS, I., *De volta aos textos de Freud*, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1995.
- HANNS, L., *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1996.
- _____. *A Teoria Pulsional na clínica de Freud*, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1999.
- JAPIASSU H., *Psicanálise: ciência ou contraciência?*, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1998.
- KAUFMANN, P. (ed.), *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise – O legado de Freud e Lacan*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda., 1993.
- LACAN, J., *Écrits*, Paris, Éditions du Seuil, 1966.
- _____. *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda., 1995.
- LAPLANCHE, J., *Vida e Morte em Psicanálise*, Porto Alegre, Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1985.
- _____. *O Inconsciente e o Id – Problemáticas IV*, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1992.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B., *Vocabulário da Psicanálise*, Santos, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1970.
- LECLAIRE, S., *Psicanalisar*, São Paulo, Editora Perspectiva S. A., 1986.
- LISBONA, Y. M., "O retorno ao Projeto de Sigmund Freud", in *Cadernos de Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, SPID, 1998.
- LOYOLA, M. A., "Sexo e Sexualidade na Antropologia" in *A sexualidade nas Ciências Humanas*, Loyola, M.A. (org.), Rio de Janeiro, Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998.
- MAIA, M. A., *Tecendo palavras*, Rio de Janeiro, Marca d'Água Livraria e Editora Ltda., 1999.

- MASSON, J. M., *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1986.
- MAYER, H., *Voltar a Freud – da teoria do narcisismo à clínica psicanalítica*, Porto Alegre, Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1989.
- MEDEIRO DA COSTA, A. M., *A ficção do si mesmo – interpretação e ato em psicanálise*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud Editora, 1998.
- MEZAN, R., *Freud: a trama dos conceitos*, São Paulo, Editora Perspectiva S.A., 1991.
- MOSCOVICI, M., *A Sombra do Objeto – sobre a inatualidade da psicanálise* –Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda., 1994.
- MOURA, A. H. de (org.), *As Pulsões*, São Paulo, Editora Escuta Ltda., 1995.
- NAGERA, H. (org.), *Conceitos Psicanalíticos básicos da Teoria da Libido*, São Paulo, Editora Cultrix, 1995.
- _____, *Conceitos Psicanalíticos Básicos da Teoria dos Sonhos*, São Paulo, Editora Cultrix, 1995
- NASIO, J. D., *Lições sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
- ORNSTON, D. G. (org.), *Traduzindo Freud*, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1999.
- PACHECO, O. M. C. de A., *Sujeito e Singularidade – ensaios sobre a construção da diferença*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda., 1996.
- PEREIRA, S. W., *Pulsões e Origens de Pulsão: a pré-história de um conceito*, tese de mestrado apresentada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.
- PLASTINO, C. A., *A Aventura Freudiana*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1993.
- RIBEIRO DA SILVA, A. F., *A Metapsicologia de Freud*, vol 1, Belo Horizonte, A. S. Passos Editora Ltda., 1995.
- RITVO, L. B., *A influência de Darwin sobre Freud – um conto de duas ciências*, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1992.
- RODRIGUÉ, E., "História do Projeto", in *100 Anos de Projeto Freudiano*, Rio de Janeiro, Escola da Letra Freudiana, 1995.
- RUDGE, A. M., *O conceito de regressão na Teoria Freudiana*, tese de mestrado apresentada ao Dep. De Psicologia da PUC-Rio, 1975.
- _____, "Representação e Linguagem na Metapsicologia", in *Psicanálise e Cultura*, Rio de Janeiro, SPID, 1997.

- _____, *Pulsão e Linguagem – Esboço de uma concepção psicanalítica do ato*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- SÁ EARP, A. C. de, *A oscilação eu/não-eu: uma articulação das construções de Freud referentes às distinções eu/não-eu*, vol. 1, tese de doutorado apresentada na PUC-Rio, 1999.
- SANDLER, P. C., *As Origens da Psicanálise na Obra de Kant – A apreensão da realidade psíquica*, vol. 3, Rio de Janeiro, Imago Editora, 2000.
- SILVESTRE, M., *Amanhã, a Psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda., 1991.
- SOUZA, O. de, "O Ego no Projeto e o Problema de Ligação", in *100 Anos de Projeto Freudiano*, Rio de Janeiro, Escola da Letra Freudiana, 1995.
- SULLOWAY, F., *Freud, the Biologist of the mind, beyond the psychoanalytic legend*, Harvard University Press, 1992.
- TANIS, B., *Memória e temporalidade*, São Paulo, Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda., 1995.
- VIDAL, E. A., "Proton Pseudos", in *100 Anos de Projeto Freudiano*, Rio de Janeiro, Escola da Letra Freudiana, 1995.
- VIDAL, M. C. V., "O Outro Primordial no Projeto Freudiano", in *100 Anos de Projeto Freudiano*, Rio de Janeiro, Escola da Letra Freudiana, 1995.
- ZORNIG, S. A.-J., *A criança e o infantil em Psicanálise*, São Paulo, Editora Escuta Ltda., 2000.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pelo aluno Cid Merlino Fernandes, intitulada "BERESHT: A constituição do Aparelho Psíquico", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



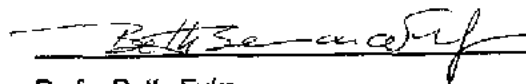
Profa. Ana Maria Rudge (Orientadora)

PUC-Rio



Profa. Lidia Levy de Alvarenga

PUC-Rio

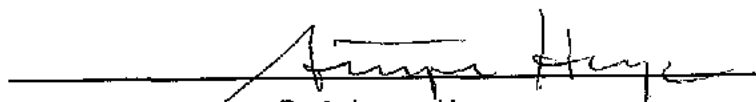


Profa. Betty Fuks

Especialização Em Psicologia Clínica – PUC/Rio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 28.1.03/2001.



Prof. Jurgen Heye

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas